

BOLETIM *de* ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS, ARTES, SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

RIO DE JANEIRO, MAIO DE 1938

ANNO VII

N.º 8

ESCREVEM NESTE NUMERO:

ALMIR DE ANDRADE — AURELIO GOMES DE OLIVEIRA
AYDANO DO COUTO FERRAZ — CARLOS PARREIRA
CORREIA DE SÁ — DANTE COSTA
EDGARD CAVALHEIRO — EDISON CARNEIRO
FRANCISCO VENANCIO FILHO — HOMERO SENNA
HUMBERTO BASTOS — JACK SAMPAIO
JOÃO DORNAS FILHO — JORGE AMADO
LUCIA MIGUEL PEREIRA
LUIZ DA CAMARA CASCUDO — MURILO MENDES
OSWALD DE ANDRADE — WILSON RODRIGUES

NESTE NUMERO

Secções de:

CINEMA,

MUSICA

e DISCOS

NESTE NUMERO:

"MEU FILHO"

Conto inédito de

MIRONEL SILVEIRA

—
Correspondencia de

PORTUGAL



PREÇO PARA TODO O BRASIL: 2\$000



5.^a EDIÇÃO (12.000 exemplares)
DE UM PRODIGIOSO RO-
MANCE DE AMOR E CIUME
QUE SE TORNOU O MAIOR
SUCESSO DE LIVRARIA
DOS ULTIMOS TEMPOS.



SEQUANA

O MELHOR LIVRO
FRANCEZ DO MEZ

Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que a ARIEL EDITORA LTDA. se tornou representante exclusiva, para todo o Brasil, dessa importante sociedade franceza de edições, de renome universal, SEQUANA.

COMITE' SEQUANA

O Comité Sequana de Paris está constituído por Henry Bordeaux, Joseph Bédier, Paul Valéry, André Chaumeix, Pierre Benoit, François Mauriac, Abel Bonnard, Léon Berard, Edmond Jaloux, Pol Neveux, Fortunat Strowsky, Tristan Derème, Pierre Lyautey, Henri Massis, André Maurois, Jean-Louis Vaudoyer e Georges Duhamel.

No Brasil o Comité de Honra de Sequana conta com a presidencia de Sua Excellencia o Senhor Marques Lefèvre d'Ormesson, Embaixador de França no Brasil.

E os membros desse Comité são: Annibal Falcão, redactor-chefe d'O *Economista*, director da *Revue Française du Bresil*; Elmano Cardim, Director do *Jornal do Commercio*; Herbert Moses, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Miguel Osorio de Almeida, da Academia Brasileira de Letras, ex-reitor da Universidade do Distrito Federal; Raul David de Sanson, medico; Rodrigo Octavio Filho, homem de letras, advogado; Senhoras Anna Amelia Carneiro de Mendonça, poetiza, directora da Casa do Estudante do Brasil; Branca Fialho, escriptora; Lucia Miguel Pereira; Lucia Magalhães, inspectora do ensino secundario; Maria Eugenia Celso, poetiza e escriptora; Maria Velloso, escriptora, professora de francez por concurso no Instituto de Educação; Rachel Boher, directora da Bibliotheca Circulante do Rio de Janeiro.

CONDIÇÕES GERAES DE ASSIGNATURAS

As assignaturas são pagas no acto da subscrição

Só são validas as assignaturas INTEIRAMENTE PAGAS:

a) directamente na Séde da Sociedade: Rua Sete de Setembro n.º 162-1.º and., — Rio de Janeiro. b) por cheques, ordens de pagamento, vales postaes, etc., endereçados a ARIEL, EDITORA LTDA. c) CONTRA NOSSOS RECIBOS, em mãos de nossos cobradores, agentes ou correspondentes, devidamente autorizados por escripto por nós.

A assignatura dá direito a receber UM LIVRO POR MEZ, durante 12 mezes seguidos, a partir do mez seguinte ao da assignatura, e nas condições indicadas para cada caso: A, B, C, ou D.

As assignaturas cujos pagamentos forem feitos antes do dia 20 de cada mez, começarão no mez immediato.

Os livros são enviados pelo correio, cuidadosamente acondicionados, ou re-

mettidos, aos endereços indicados pelos assignantes nos seus coupons de assignatura.

Nossos assignantes poderão fazer enviar seus livros ao nosso escriptorio, onde nós os conservaremos á sua disposição.

Em caso de mudança de endereço, avisar POR CARTA REGISTRADA, antes do dia 20 do mez anterior á mudança.

ABONNEMENT A

Tarif N.º 1

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée. — Tirage spécial.

BROCHE', sous couverture papier Japon deux couleurs.

Rs. 160\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT B

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée — Tirage spécial.

RELIE' plein cuir, véritable basane fine rouge, tête et tranches jaspées, titre et fers spéciaux à l'or, tranche-fil et signet soie.

Rs. 300\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

Tarif N.º 1

ABONNEMENT C

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' CUIR LUXE, larges plats. X — Entièrement fait à la main. — Tête et fers spéciaux à l'or. — Couleur: fauve, bleu ou rouge (au choix).

Rs. 380\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT D

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' GRAND LUXE, chagrin fin poli, avec bande, plats toile fine; tête, titre et fers spécial à l'or. Couleur: fauve, bleu, rouge, vert ou gris (au choix).

Rs. 500\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

BULLETIN D'ABONNEMENT

A remplir avec soin et à envoyer par la poste à:

ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro, 162-1.º and. — RIO DE JANEIRO

Je soussigné (NOM).....

ADRESSE.....

VILLE..... ETAT.....

declare souscrire à.....abonnement..... SEQUANA

(Barrer les indications inutiles)

A à 160\$000 broché C à 380\$000 relié cuir luxe fauve, bleu rouge

B à 300\$000 relié plein cuir D à 500\$000 relié grand luxe fauve, bleu, rouge, vert, gris.

aux conditions du tarif SEQUANA N. 1 ci-joint.

Adresse pour l'envoi des livres.....

Je vous envoie ci-joint par chèque, par mandat-postal, par lettre chargée,

p. porteur, la somme de.....\$.....montant de.....abonnement.....

Signature.....

EDIÇÕES "ARIEL"

IMPORTANTE: Os assignantes do BOLETIM DE ARIEL, gosarão de um desconto de 20% sobre o preço destes livros quando os mesmos forem adquiridos directamente no nosso escriptorio, e de 10% quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte.

ENSAIOS

A. da Silva Mello — Problemas do Ensino Medico e de Educação	10\$000
Edson Lins — Historia e Critica da Poesia Brasileira ..	10\$000
Stendhal — Do Amor (Trad. de Marques Rebello e Corrêa de Sá)	15\$000
Estudos Afro-Brasileiros	12\$000
F. Contreiras Rodrigues — Traços da Economia Social e Politica do Brasil Colonial	12\$000
Paulo Prado — Paulistica — Historia de São Paulo 2. ^a edição augmentada	6\$000
Agrippino Grieco — Estrangeiros	8\$000
" " — S. Francisco de Assis e a Poesia Christã	8\$000
" " — Evolução da Prosa Brasileira	10\$000
Gilberto Amado — Espirito do nosso Tempo — 2. ^a ed.	5\$000
" " — Dias e horas de vibração	5\$000
" " — A Dansa Sobre o Abysmo	7\$000
Miguel Ozorio de Almeida — A Vulgarização do Saber	7\$000
V. de Miranda Reis — Ensaio de Synthese Sociologica — 2. ^a edição augmentada	8\$000
Renato Kehl — Como Escolher um bom Marido — 2. ^a edição	4\$000
Octavio de Faria — Destino do Socialismo	10\$000
Luc Durtain — Imagens do Brasil e do Pampa — (Trad. de Ronald de Carvalho) 2. ^a edição	6\$000

ROMANCES E NOVELLAS

Gastão Cruls — Vertigem — 2. ^a edição	6\$000
Gastão Cruls — A Amazonia Mysterosa — 4. ^a edição	6\$000
Iago Joé — Bagunça	6\$000
Cornelio Penna — Fronteira	6\$000
Graciliano Ramos — S. Bernardo	6\$000
Lucia Miguel Pereira — Em Surdina	7\$000
Miguel Ozorio de Almeida — Almas Sem Abrigo ..	7\$000
Flavio de Carvalho — Os Ossos do Mundo	7\$000
Victor Axel — Germana	5\$000

ROMANCES DE AVENTURA

Georges Simenon — O mysterio de um morto	5\$000
" " — O cão amarello	5\$000
" " — Um crime na Hollanda	5\$000

CONTOS

Rodrigo M. F. de Andrade — Velorios	6\$000
Roquette Pinto — Samambaia	6\$000
Marques Rebello — Tres Caminhos	5\$000
Gastão Cruls — Coivara	7\$000

TRADUCÇÕES DE GASTÃO CRULS

René-Albert Guzman — Ciume — 3. ^a edição	6\$000
J. Kessel — Luxuria — 4. ^o Milheiro	6\$000
T. S. Matthews — A Caminho da Forca	6\$000

POESIA

D. Milano — Antologia de Poetas Modernos	6\$000
Maria Eugenia Celso — Fantasias e Matutadas	6\$000
Murilo Mendes — Historia do Brasil — Philosophia humoristica	5\$000

COLLECÇÃO "CRIMES CELEBRES"

Evaristo de Moraes — O Caso Pontes Visgueiro	6\$000
Vida e Morte de Maria Lafarge, a envenenadora	5\$000

JURISPRUDENCIA

José Julio Soares — Sociedades Cooperativas — 4. ^a edição — br.	15\$000
Traiano de Miranda Valverde — Sociedades Anonimas 1 vol. — br.	50\$000
Traiano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 1. ^a Parte, Vol. I — br.	30\$000
Traiano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 1. ^a Parte, Vol. II — br.	25\$000
Traiano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 2. ^a , 3. ^a e 4. ^a Parte, Vol. III br.	30\$000

PEDAGOGIA

Baptista de Castro — Vocabulario Tupy-Guarany	7\$000
Celsina de Faria Rocha e Bueno de Andrade — Tests	10\$000

LITTERATURA INFANTIL

Paulo Guanabara — A Origem do Mundo — (1. ^o vol. da collecção: "Historias do Tio João")	8\$000
---	--------

PEDIATRIA

Dr. Suikire Carneiro — Roteiro das Mães (Alimentação da Creança) — 1. ^o vol.	6\$000
---	--------

CHIROMANCIA

Arhus Sab. — A mão e Seus Segredos — 3. ^a edição augmentada	10\$000
---	---------

NARRAÇÕES

Ranulpho Prata — Lampeão	6\$000
-----------------------------------	--------

CULINARIA

Maria de Lourdes — Arte de cosinhar (Petiscos e Petisqueiras) — 1.350 receitas — 2. ^a edição — vol. cart.	14\$000
--	---------

ECONOMIA E FINANÇAS

Kurt V. Eichborn — Ouro ou Dinheiro? e O Enigma do Dinheiro	3\$000
Alfredo Manes — Observações Economicas e Juridicas Sobre o Seguro	10\$000

COLLECTANEA

Boletim de Ariel — Anno I — Out. 1931-Set. 1932 — 1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno II — Out. 1932-Set. 1933 1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno III Out. 1933 — Set. 1934 1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno IV — Out. 1934-Set. 1935 1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno V Out. 1935-Set. 1936 — 1 vol., encad.	45\$000

BOLETIM DE ARIEL

EXPEDIENTE

DIRECTOR:

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE:

Agrippino Grieco

GERENTE:

João Teixeira Soares Neto

SECRETARIO

Donatello Grieco

ASSIGNATURAS

Preços para todo o Brasil e paizes da Convenção Postal Pan Americana:

Simples	18\$000
Registrada	24\$000

EXTERIOR

Simples	22\$000
Registrada	28\$000

Numero avulso	2\$000
Numero atrasado	3\$000

As assignaturas são sempre annuaes e começam a partir de qualquer mez.

Os pedidos de assignatura deverão vir acompanhados do seu respectivo valor.

O BOLETIM DE ARIEL, em sua parte editorial só publica trabalhos ineditos, sendo assegurada a seus collaboradores plena liberdade de pensamento.

Quem quer que transcreva trabalhos apparecidos em suas paginas, na integra ou em excerptos, fará a gentileza de mencionar a procedencia.

Em relação aos livros nacionaes, o BOLETIM DE ARIEL só se occupará dos apparecidos no ultimo trimestre, e, em relação aos estrangeiros, dos publicados nos ultimos 12 mezes.

O BOLETIM DE ARIEL não se occupará duas vezes do mesmo livro, a não ser que se trate de obra de subido valor.

NÃO HA RESTITUIÇÃO DE ORIGINAES

SÃO CORRESPONDENTES DESTA REVISTA

Na França — Sra. Picard-Loewy — Paris

Em Portugal — Sr. Osorio de Oliveira — Lisboa

No Rio Grande do Sul — Sr. Paulo Arinos — P. Alegre

Em S. Paulo — Dr. Wladimir Malheiros — S. Paulo

Em Minas Geraes — Dr. Guilhermino Cesar — Bello Horizonte

Em Pernambuco — Dr. Aderbal Jurema — Recife

Na Bahia — Dr. Aydano Couto Ferraz — Bahia

Em Alagoas — Dr. Raul Lima — Maceió

Na Parahyba do Norte — Dr. Adhemar Vidal — João Pessoa

No Ceará — Sr. Affonso Banhos — Fortaleza

No Pará — Dr. Gastão Vieira — Belém

No Amazonas — Dr. Araujo Lima — Manáos.

DIRECÇÃO REDACÇÃO, PUBLICIDADE :

ARIEL, EDITORA LIMITADA

Rua 7 de Setembro 162-1º.

Tel. 22-1406 — End. Tel. "Ariel"

RIO DE JANEIRO — BRASIL

VANTAGENS

CONCEDIDAS AOS ASSIGNANTES DO

" BOLETIM DE ARIEL "

CONSULTAS:

O BOLETIM DE ARIEL, attende a qualquer consulta de seus leitores que se prenda ás letras, artes e sciencias. Prestará todas as informações que lhe forem solicitadas sobre a existencia e preço, no mercado do Rio de Janeiro, de livros communs, raros, nacionaes ou estrangeiros.

DESCONTOS:

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20 % sobre os preços dos livros editados por « Ariel, Editora Ltda. », quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo Correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo « EDIÇÕES ARIEL », na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

ENCOMMENDAS DE LIVROS

Encarregamo-nos da compra de qualquer outro livro que não conste das nossas listas. Essas encomendas de livros alheios não gosarão de desconto, sendo executadas ao preço de venda do mercado. As despesas do porte correm por conta do freguez.

« BOLETIM DE ARIEL » ENCADERNADO

Tanto na nossa redacção como nas principaes livrarias desta cidade se encontram volumes bellamente encadernados, reunindo as collecções do primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto annos do BOLETIM DE ARIEL, á venda pelo preço de Rs. 40\$000 cada volume. As encomendas do interior serão attendidas sem augmento de porte.

COUPON DE ASSIGNATURA

Junto envio a quantia de Rs.
para que seja remettida uma assignatura annual do Boletim de Ariel, ao seguinte endereço e a partir do mez de

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO

Córt e envie este coupon a ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro 162 — 1º.
— Rio de Janeiro.

N. B. -- A importancia deve ser remettida em carta com valor declarado, vale postal ou cheque bancario.

SERVIÇO DE REEMBOLSO

NO INTUITO DE BEM SERVIR AOS SEUS LEITORES, *BOLETIM DE ARIEL* TEM ORGANIZADO UM INTERESSANTE SERVIÇO DE FORNECIMENTO DE LIVROS PELO SYSTEMA DE ENTREGA DA ENCOMMENDA CONTRA REEMBOLSO.

DAMOS A SEGUIR AOS NOSSOS LEITORES OS ESCLARECIMENTOS NECESSARIOS PARA QUE POSSAM SE UTILIZAR DESSE VANTAJOSO E PRATICO SYSTEMA.

- A — O fornecimento de livros será feito para qualquer localidade do Paiz desde que esta possua o serviço de «vales postaes» em sua Agencia do Correio.
- B — Os livros serão remetidos em qualquer quantidade.
- C — As encomendas poderão ser feitas pelos meios usuaes: carta, telegramma ou por um simples cartão postal, sendo indispensavel apenas que tanto o titulo das obras como o nome e endereço do destinatario sejam escriptos com a maxima clareza.
- D — No acto da encomenda V. S. não precisará remetter-nos importancia alguma. Feita por nós a remessa de sua encomenda, V. S. receberá da Agencia do Correio de sua localidade o aviso da chegada, bastando então que compareça á mesma onde receberá os livros mediante o pagamento da respectiva importancia.
- E — Os livros serão fornecidos pelos preços de capa, sem augmento de especie alguma.
- F — Todas as despesas de embalagem, porte e registro correrão por nossa conta, ficando apenas a cargo do destinatario despesas referentes ao «Serviço de Reembolso» que são mininas. Nas encomendas, entretanto, superiores a Rs. 30\$000, até mesmo estas ultimas despesas correrão por nossa conta.
- G — Afim de que V. S. possa conferir a exactidão da importancia a ser paga ao Correio, seguirá sempre com a encomenda uma factura detalhada onde serão especificados os titulos e preços de cada obra.
- H — Dado o enorme vulto de encomendas que recebemos constantemente de nossos leitores e assignantes, é indispensavel, para o bom andamento de nosso serviço, que V. S. indique em seu pedido que a remessa deverá ser feita pelo «Serviço de Reembolso». Para maior facilidade, damos abaixo um coupon que poderá ser utilizado em taes casos:

À ARIEL EDITORA, LTDA.

R. 7 de Setembro, 162 - 1.º andar - RIO DE JANEIRO

Pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO queiram enviar-me os seguintes livros:

(Nome e endereço completo, bem legíveis)



BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Perelra
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

JOÃO RIBEIRO

O mestre João Ribeiro, logo que morreu, teve muito artigo, muito palavreado em torno do seu nome, nome mais que respeitado: amado. Ainda vivia o mestre quando seu filho, Joaquim Ribeiro, publicou em torno d'elle seu livro: 9.000 dias com João Ribeiro, bem fraquinho, por signal, livro que não consegue nos dar sequer uma caricatura do mestre. Isso é escripto por quem admira o talento do autor. Mas a verdade é que o livro nem traz as melhores aneddotas de João Ribeiro, o autor não quiz «ferir as susceptibilidades de ninguém». Então não devia ter publicado o livro. Para encher-o, como fez, de coisas sem interesse, não adiantava. Assim esse livro nada nos diz sobre João Ribeiro. E pouco mais nos diz o de Mucio Leão (primeiro volume de um estudo sobre João Ribeiro onde procura estudar o homem, o poeta, o historiador, o philologo, o professor, o folhetorista, o jornalista, o polemista, as idéas politicas, a correspondencia e as idéas de esthetica de João Ribeiro), grosso volume de mais de 300 paginas, cheias de conversa fiada. O segundo volume deste livro até hoje não saiu, como não saíram as Obras Completas de João Ribeiro. Por culpa de quem não se sabe.

O barulho em torno do nome de João Ribeiro cessou mal foi preenchida a sua vaga na Academia. Absolutamente não estou falando que foi por isso que Mucio Leão não publicou ainda o seu segundo volume. Não quero incluir o candidato vencido naquella ocasião e hoje e já academico entre aquelles que só escreveram sobre o mestre na esperança de sua vaga. Conheço Mucio Leão, e sei que elle é incapaz disso. Falo dos outros.

De qualquer maneira Mucio Leão também está em falta. Não sei o motivo (talvez por não o haver ainda completado, talvez por falta de editor) porque ainda não publicou o segundo volume do seu estudo sobre João Ribeiro. Eu sou dos que não acham perfeito esse primeiro volume. Acho até um estudo bem fraco da personalidade do mestre. Porem, é o que de melhor temos sobre elle, e assim se faz necessaria a publicação do segundo volume. Se a parte

de estudo critico é fraca, ha no livro muita documentação, muita fonte de informação verdadeiramente preciosa. Certos detalhes ineditos, material enorme que poderá ser aproveitado por quem queira fazer a biographia de um dos homens de vida mais bella do Brasil.

E' curioso que quando pensamos na morte de João Ribeiro a idéa que nos acode é esta: «morreu tão cedo, tão moço». No entanto elle era um velho, vinha de gerações passadas, muito vivera já. Todos nós odiamos mais ou menos os seus livros didacticos, odiamos em certa época da nossa vida esse nome. Depois, porem, o haviamos de amar. Até hoje carregamos um extranho rancor contra Felisberto de Carvalho. Foi nos seus complicados livros de leitura que aprendi a ler e a professora, D. Guilhermina, de palmatoria enorme achava nas paginas daquelle detestavel autor motivos para bolos frequentes. E de muitos outros autores de grammaticas e outros livros odiosos me recordo ainda com amargura. Mas João Ribeiro conseguia esse milagre: era odiado na infancia da gente, tenazmente odiado, para mais tarde ser amado. Acho que não havia ser mais amavel. Disso se ressentia sua critica litteraria. Falava bem todos os livros, mas havia o tom de voz. Já falei certa vez nesse tom de voz de João Ribeiro. Era a coisa mais seria da nossa critica. A gente conhecia perfeitamente quando o elogio era a sério ou era simples brincadeira. Pelo tom de voz.

Escreveu romances, poesias, critica, o diabo. Mas o bem d'elle era o artigo despreoccupado de jornal, tratando o assumpto ao mesmo tempo com uma admiravel leveza e uma grande profundidade. Elle não era apenas, como Medeiros e Albuquerque, um divulgador. Era original e sempre novo. Mesmo escrevendo sobre coisas antigas e mortas como factos historicos ou a Academia Brasileira de Letras.

Fala-se muito de Graça Aranha e movimento modernista. Em geral dá-se á adhesão do consagrado romancista a este movimento (acho que hoje já nin-

DE LINGUA INGLEZA

Rosemond Lehmann, desde seu primeiro trabalho, *Dusty Answer*, impoz-se como escriptora de grande sensibilidade e talento. A seguir, em *Invitation to the Waltz*, comprovou as suas qualidades, descrevendo deliciosamente os entusiasmos e desencantos do primeiro baile de uma jovem provinciana.

Agora, em *The Weather in the Streets*, ella conta com honestidade a triste historia de um grande amor que, para viver, luta desesperadamente contra o ciúme e contra as convenções sociaes.

Lembrando ás vezes a segunda parte do magnifico *Climats* de Maurois, é no emtanto de tratamento mais subtil e realista, bem que menos exaltado. Termina numa nota de tristeza, de desalento, lembrando «l'inutilité de toutes choses» e o inevitavel do *Dusty Answer* da vida.

Em Charles Morgan tem a Inglaterra um dos mais destacados escriptores de pura inspiração espiritual dos tempos modernos. Já em *The Fountain* elle demonstrara a sua fé no poder supremo do espirito mesmo em face das condições materiaes as mais dissolventes. Em *Portrait in a Mirror* elle reafirmara a sua crença, descrevendo num livro admiravel de exaltação contida, o triumpho da alma sobre a carne. Agora, em *Sparkenbroke*, é mais uma vez o espirito o grande vencedor no romance sensual, vio-

lento, de um homem que não teme colher gulosamente os frutos deste mundo, enquanto espera, com quasi ansiedade, a libertação de sua alma pela morte.

Men Without Women — sob este titulo pouco attrahente Ernest Hemingway publica um livro de contos. No seu estylo «saccadé», deixando á imaginação do leitor o complemento das suas phrases, elle pinta situações e momentos com grande realismo. E' a ultima «corrida» de um «matador»; é o derradeiro combate de um campeão de box; é a historia de um camponez que enterrou a mulher; é sempre igualmente duro, quasi arido, e no emtanto tão cheio de vida! Não é que Hemingway veja o

mundo sem sentimento; ao contrario, é por achar o sentimento o grande inimigo que serve apenas para enfraquecer tornando-nos mais vulneraveis.

De G. D. H. Cole, *Practical Economics*: um livro interessante dos pontos de vista sociológico, político e economico. Estudando os diversos planos economicos ora em execução em paizes de regimens diversos procura interpretal-os em linguagem ao accesso de todos, mostrando-lhes os inconvenientes e as vantagens. Trabalho bastante objectivo, não deixa, no emtanto, de tornar claras as sympathias do autor.

Mussolini's Roman Empire, de G. T. Garrat, é o grito de alarma do correspondente do *Manchester Guardian*, esperando despertar nos povos democraticos a realisação do perigo e significado da proxima grande guerra. De maneira convincente expõe a these de que as campanhas da Ethiopia e da Hespanha não são senão manobras preparativas com o intuito de dominar posições estrategicas que deverão servir para recriar no Mediterraneo o antigo Imperio de Roma.

Este livro, (empolgante, apesar de tão entrecortado de citações que tolhem a acção) fundamente accusa o governo inglez de incompetencia e deshonestidade na sua politica externa.

JACK SAMPAIO.

AINDA ESTE MEZ:

GASTÃO CRULS

HISTORIA PUXA HISTORIA

(Contos)

Edição ARIEL

Pedidos á

Civilização Brasileira S.A.

Rua 7 de Setembro, 162

RIO

quem o toma como chefe do modernismo) uma grande importancia. Porem eu acho que mais importante ainaa para o modernismo foi o apoio que lhe deu mestre João Ribeiro. Era um academico e o mais illustre dos academicos quem, nos rodapés de critica, mais elogiava os livros modernistas. E com o tom de voz sério, dos elogios a sério.

Ainda sobre o recente Serafim Ponte Grande, com o qual Oswald de Andrade fechou o cyclo modernista, João Ribeiro teve as palavras mais elogiosas. O homem que fora mais longo no modernismo, o mais extremado delles, recebia de alguém que parecia estar no outro extremo litterario, os maiores applausos. Oswald passou adiante do modernismo, como Mario de Andrade tambem e poucos mais. E o mais curioso: mestre João Ribeiro, que muita gente já se admirara de ter chegado ao modernismo, foi alem d'elle, foi applaudir os intellectudes post-modernistas e foi fazer litteratura igual á delles. No

emtanto estava muito longe de ser o homem «que acompanha a moda». O que elle era, em verdade, era um moço, o mais moço dos brasileiros, homem de uma capacidade de resistência á velhice litteraria admiravel pois que resistiu até ao sr. Celso Vieira, seu collega de Academia e ha muitos annos defuncto.

Vamos falar com franqueza: deve ser difficilissimo resistir e não succumbir sob a litteratura de certos academicos. Muito espirito moço não resistiu. Não quero citar Ribeiro Couto, que depois de academico nada produziu, porque é o exemplo mais citado. João Ribeiro resistia heroicamente. Sua litteratura jámais fez a minima concessão á Academia. Esta teria d'elle o que quizesse, exceto a sua litteratura, que nunca foi bolorenta, nunca foi quinhentista, nunca envelheceu.

Muito caminhou e sempre esteve na frente. Mesmo nos ultimos dias da sua velhice era o mais moço de nós todos.

JORGE AMADO.

ENTRE O CONTO E O ROMANCE

Não tive surpresa alguma com a leitura d'*O Joguete*, que Origenes Lessa vem de publicar. Da magia do seu estylo e dos seus dotes de observador, era isso mesmo que esperavamos. Sem resvalar pelos adjectivos faceis e incolores, pôde-se elogiar fartamente este livro, como um dos melhores dos ultimamente apparecidos. Marca, além disso, uma nova phase do autor, que se atira assim, depois da vasta experiencia adquirida em tantos e tão legiveis volumes de contos, para os largos e arejados campos do romance ou da novella.

Entre nós, a rigor, não existe uma limitação entre esses dois generos litterarios. O processo de classificação foi simplificado ao extremo. Até duzentas paginas, novella. Desse numero de paginas em deante, romance. Os espiritos mais exigentes não se contentarão, porém, com esses limites. Vamos considerar aqui, para melhor se avaliar o livro do Sr. Origenes Lessa, romance como sendo aquillo que transcenda as paginas do volume, isto é, continue a viver apesar do «finis», e novella ao que se limita ao conteúdo, ou melhor, ao que foi dito integralmente. Nesta moldura podemos collocar, como typo da novella perfeita, *O Joguete*.

Sua historia pôde ser resumida em algumas linhas. Um advogado, Cesario Vidal, com algum successo na carreira, exgottado pelo enorme trabalho dos ultimos dias, principalmente pela caceteação provocada por dois rumorosos casos de adulterio dos quaes é patrono, recebe um bilhete anonymo accusando a esposa, companheira de oito annos de calma conjugal, de infidelidade, e, pondo ao mesmo tempo em duvida, a legitimidade do fructo dessa união. Prompto. Eil-o nas mãos desse inimigo occulto. A luta intima que se trava no seu espirito, a inquietação, o drama todo da sua duvida, eis o «leitmotiv» explorado pelo autor. Abordar a esposa? Lançar-lhe em rosto, sem mais preambulos, a infamia? Não acreditar? Aceitar, cynicamente, o facto, mudando a ordem natural das coisas? Espional-a? Simples e ridiculo joguete. Pobre folha de pa-

pel ao sabor do vento, que lhe adianta saber, depois de tantos sofrimentos, que abrira uma carta por engano e que essa carta, justamente aquella, não lhe fôra dirigida? O acto de tomar o automovel, voltar para casa, descarregar o revolver sobre a mulher e o filho, e ficar, depois, bestificado a olhar os corpos inertes com a «vaga ideia de que não era bem aquillo que devia ter feito» não occupa nem duas paginas do livro. Mas que capitulo escreveu o Sr. Origenes Lessa como fecho da sua novella!

Sem contarmos as paginas, finissimas aliás, em que o autor nos descreve um espectáculo no Boa Vista ou as scenas de um bar, onde um grupo de rapazes é definido em duas linhas, paginas essas em que o observador está presente, revelando toda sua força, eis, numa pessima synthese, a tragedia de Cesario Vidal, o protagonista d'*O Joguete*.

Neste ponto, julgo necessarias algumas considerações «á margem». Poder-se-ia tecel-as, por exemplo, em torno do superfluo e do essencial de certos livros. Para isso tomaria o volume, tambem de publicação recente, do sr. Ernani Fornari, *Enquanto ela dorme*, para confronto. Um drama interior, e como *O Joguete*, uma novella. Bem construida. E, em resumo, o caso de um insomne que termina por matar a mulher ao fim de uma noite terrivel, suicidando-se em seguida. Depois que os tiros ecoaram e que os cadaveres não mais interessariam os leitores, para que continuar a historia? Pelo gosto de encher paginas inuteis? O epitaphio de Marcos, a suprema ironia do garoto a dormir sobre os jornaes onde sua tragedia vem narrada em largos e bojudos negritos, não é só inutil, mas estraga o livro todo, de uma fôrma lamentavel. Foi-se o tempo do pathetico. Das tiradas sentimentaes como corollario das tragedias que faziam as delicias dos serões familiares. Insisto neste ponto, pois o *Joguete*, sendo de certa forma irmão gêmeo de *Enquanto ela dorme*, nos satisfaz plenamente, nos deixa a ideia de qualquer coisa incompleta... Não é facil conservar a justa medida. Nesse logar-

commum está o segredo de tantos exitos e tantos fracassos.

Origenes Lessa foi de uma felicidade unica. *O Joguete* é conciso, dessa concisão que não significa, absolutamente, pobreza, antes excesso. Podemos accrescentar: demasiadamente humano. Diz tudo com clareza e simplicidade. Com aquelle estylo lépido a se casar com a nota de um meio cynismo eivado de bom humor, faz com que seus livros possam ser relidos, com o mesmo sabor do primeiro contacto. Não enfastiam nunca. Veja-se a simples scena de rua, como elle a descreve:

«... Bondes delendendavam...

— O Estáá! O Diariafôôô!...

Jornaleiros correndo. De dentro dos bares o radio repetia, gravemente, telegrammas e noticias. A uma esquina uma velha começou o dia dando amolação. Esmagada por um bonde. Grillos, fiscaes da Light, homens do povo. Uma italiana que não escolhera o ponto, machucara-se ao desmaiar. Populares que se afastavam, de alma leve. Deus era grande. A morta era uma extranha. Transito desimpedido outra vez. Criadinhas «hungaresas» carregando carne ou namorando. Um mulato mais além, que provavelmente não ia ao serviço porque estava imaginando um geito de salvar o Brasil. Um padre de guarda-chuva provocando figas.»

Assim é pelo livro todo. Vivo, malicioso, sem usar jamais de recursos duvidosos ou de facil effeito. Se a situação requer uma obscenidade ou um termo muito crú, seu bom gosto substitue-o por outro, como acontece com aquelle «cambronizou o espaço com um palavrão». Dá, assim, uma boa lição aos nossos escriptores que, pelo facto de Michel Gold ou Gladkow terem usado alguns vocabulos com todas as letras, desandam a encher suas paginas, numa demonstração alarmante de pobreza de espirito, de equivalentes em portuguez, sem o minimo véo a disfarçar a «nudez forte da verdade» do velho Eça.

EDGARD CAVALHEIRO.

POESIA UNIVERSAL

Positivamente o Espírito immortal da Poesia, que será mais leve do que Ariel, anda zombando dos que pretendem se consagrar de corpo e alma á prosa economica e politica.

Depois de um hiato de alguns annos, em que as grandes creações germinavam na sombra, surgem novas manifestações da vitalidade da poesia no Brasil, de uma importancia fundamental. Tivemos a publicação do livro de Adalgisa Nery, grande poetisa que tive a felicidade de revelar aos outros. No momento em que escrevo esta nota (21-12-1937) ultima-se a impressão do livro de Ivan Ribeiro, poeta muito moço ainda, mas que apparece com singular força lyrica. Os *Quinze Poemas* de Willy Lewin, schematicos, concentrados, incorporam-se á corrente espiritualista que augmenta dia a dia, sendo alguns notaveis pelo seu mysterio e capacidade de suggestão. As *Poesias Escolhidas*, de Manuel Bandeira, embora se trate de reedição, pesam na balança, pois neste livro se contém quasi toda a *Estrella da Manhã*, que havia saído antes em edição por assim dizer clandestina.

E, nestes ultimos mezes, Jorge de Lima tem escripto dezenas de poemas que reunirá em livro no começo do proximo anno, poemas de grande extensão e profundidade que dão poeira em tudo quanto este poeta tem escripto até hoje. Acontece que Jorge de Lima amadureceu seu pensamento, dando fórma precisa aos themas poeticos que eram esboçados em *Tempo e Eternidade*.

O livro que Jorge de Lima está acabando de escrever é dessas coisas que só se produzem uma vez na vida de um artista; o Espírito Santo scismou com esse poeta e resolveu despejar imagens, idéas e rythmos na cabeça d'elle, que é mesmo de entontecer. Eu não sei onde é que esse camarada vae parar, se isto continúa. Não poderá se tornar monge, pois é casado e tem filhos menores; nem precisa; ficará um monge leigo, dentro do seu consultorio-museu-capella, com a seringa na mão, esperando a pelle de meia humanidade e com a cabeça voltada para as scenas da Biblia.

Eu conheci ha alguns annos este poeta com uns restos muito accentuados de jansenismo, temendo a Confissão e com escrupulos de olhar para as imagens

das Santas. Mas a graça foi caminhando subrepticamente, e o autor de versos bem ruinsinhos com motivos soidisant religiosos, como:

*«Adoro esse Christo touriste
de braços abertos
que procura equilibrio
na montanha brasileira.»*

do chatissimo «Poema á Patria» e outros peccados affins, transformou-se num poeta catholico como poucos, num poeta verdadeiramente lithurgico que consegue o prodigio de se adaptar á orhodoxia sem sacrificar a sua liberdade lyrica; o que é dado a muito pouca gente.

Numa época de confusão e de má-fé como a nossa, convém frisar que Jorge de Lima é um poeta catholico integrado no espirito da Igreja, não podendo portanto, embarcar na mystificação dos que indicam o catholico como «limitado». O catholico authentic, é por definição um espirito universal, attento a todas as manifestações da vida e da cultura. O anticlerical que aponta o catholico como «limitado» incide no mesmo erro do catholico que ficha de «primario» todo o «não-catholico». De resto, todos os homens, todas as culturas tendem, consciente ou inconscientemente, para a catholicidade, que não é outra coisa sinão a recapitulação de tudo em Christo, o Espírito Universal por excellencia.

O poeta catholico tem a tarefa de zelar pelos dois mundos: o natural e o sobrenatural. Tem que ajudar o Christo na grandiosa obra de transformação do mundo. Tem que pescar almas por meio da poesia.

Não pode existir maior acto poetico do que mudar a vida, como o Christo a mudou.

Neste livro que está terminando, Jorge de Lima faz uma especie de catalogação objectiva da criação, deveras impressionante. Fez-me lembrar o capitulo 18 do Livro da Sabedoria, em que se descreve a vestimenta do Grande Sacerdote:

*«Porque no manto que caia até a terra estava todo
[o universo;
Os nomes gloriosos das gerações estavam gravados
Nas quatro filas de pedras preciosas
E a majestade de Deus no diadema de sua cabeça.»*

(SAB., 18, 24)

E o commentador ajunta: «Pela sua côr azul, que é a do ar, o manto figura o céu; as flores que estão em baixo são o symbolo da terra, as granadas o da agua, e as campainhas representam a harmonia e a symphonia de todas essas coisas.»

Jorge de Lima liquidou — espero que para sempre — com todo o regionalismo; tornando-se absurdo interpretal-o em função do Nordeste. E' agora o homem catholico, o sacralizador da materia do mundo, o vidente que antecipa o estado de justiça e de

Acaba de apparecer:

MINHA VIDA

de ISADORA DUNCAN

2.^a Edição — Traducção de Gastão Cruls

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

VIDAS SECCAS

Vidas Seccas, o ultimo romance de Graciliano Ramos, só tem um factor contra si: ter apparecido um pouco tarde. Se tivesse sido escripto ha alguns annos, se fosse do tempo do *Quinze* e da *Bagaceira*, teria levantado uma celeuma. Mas veio quando já o publico está meio cansado de historias do nordeste, quando se creou essa absurda e ridicula querella litteraria entre romancistas do norte e romancistas do sul, entre barbaros e psychologos. Isso não lhe altera naturalmente o valor intrinseco, mas lhe diminuirá a repercussão.

— Mais uma historia de retirantes, de secca, dirá enfasiado o possivel leitor que, antigamente, se teria extasiado ante o valor desse «documento humano». Agora já a moda não é favoravel aos «documentos humanos», não se usa mais a miséria em litteratura. E o possivel leitor preferirá pagar um pouco mais e ter um typico romance francez, com um bom adulterio mundano.

E perderá muito com a troca.

Vidas seccas é um livro de boa humanidade e boa litteratura, lim-

po de intenção e de linguagem. Será um romance? E' antes uma série de quadros, de gravuras em madeira, talhadas com precisão e firmeza. Nenhuma preocupação photographica, mas a fixação de sentimentos de creaturas humildes, sentimentos também humildes e tragicos justamente por não se podem alçar mais alto e nem ao menos expressar. Romance mudo como um film de Carlitos.

Almas paralyticas, sem meios de comunicação, almas elementares, mas almas — semelhantes ás dos civilizados. Não é o ambiente, não é o meio que dão o tom a um romance, e sim a vida que nelle se manifesta. As *Vidas seccas* do livro de Graciliano Ramos são seccas só por fóra, porque as estorricou a miseria. Um pouco de alegria, um pouco de bem estar, e ellas reverdecem e desabrocharão, como reverdecem e desabrocha a catinga á primeira chuva. E se poderão até tornar complexas, afinar-se. A grande força do autor é a sua capacidade de fazer sentir a vida em potencial, a condição humana intangivel e presente na

creatura a mais embrutecida. Saber descobrir essa riqueza escondida, pôr a nú esse filão, é afinal a grande tarefa do romancista. Dos- toiewski não fez outra cousa, Mauriac o tenta todos os dias.

Procurando heroes entre a gente que não sabe analisar os proprios sentimentos, Graciliano Ramos ao mesmo tempo se impõe uma limitação e põe á prova a sua technica. Ser-lhe-ia infinitamente mais facil descobrir a complexidade em creaturas proustianas do que nos meninos de Sinhá Victoria, a que nem nome dá. Escolheu o caminho mais difficil — e sahiu victorioso, porque viu creaturas humanas nesses retirantes. E as viu tão humanas, que até a cachorra Baleia foi humanizada com uma ternura nova no autor, uma ternura que põe uns longes de poesia no livro.

Vidas seccas não deve ser julgado como «romance nordestino» ou «romance proletario» expressões que não têm sentido, mas como um romance onde palpita a vida — a vida que á a mesma em todas as classes e todos os climas.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

pureza a que a humanidade voltará um dia, o poeta sem malicia para o qual o sexo e a carne foram glorificados pela Incarnação de Christo, poeta em que o sobrenatural supera o humano, e o humano supera o politico.

Jorge de Lima desbastou a poesia de todos os modismos e formalismos; é hoje um poeta impregnado do espirito biblico, sabendo que a Biblia não é apenas um livro historico, mas também um livro mystico e vital, cuja realização se processa em nossos dias, e se processará até o fim dos tempos. Escutai esta voz polyphonica:

CHRISTO-PEIXE

«Eu vos darei do Peixe, ó famintos de todas as idades, ó desvalidos de todos os paizes, ó miseraveis de todas as côres e de todas as raças!»

E dividirei esse unico Peixe que nasceu antes da primeira agua e que continuará depois da última fonte, entre vós todos que tendes fome ou que estaes fartos.

E todos ficarão saciados deante do mar posterior ao Peixe.

E depois convidarei as aves dos céos para comer as migalhas, porque o Peixe é o alimento do mundo.

E depois convidarei os proprios peixes dos mares para tragarem o passaro farto que não puder voar sobre a onda, porque no vôo do passaro vae uma particula do Peixe.

E depois convidarei as aguas dos mares, dos rios, dos poços, das fontes humildes para serem animadas outra vez, como nas origens, pelas particulas infinitesimales e infinitas do primeiro Peixe que alimentou as aguas donde proveio a vida.»

Deante deste e de outros poemas, ainda melhores, deste livro inedito, as minhas poesias de *Tempo e Eternidade* são brincadeiras de criança. Resumindo: Jorge de Lima não põe a Biblia em versos: interpreta o mundo atravez da Biblia. Seu livro é lithurgia, isto é, ACÇÃO PUBLICA.

MURILO MENDES

Von Spix e Von Martius — *Através da Bahia* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Terceira edição de um livro indispensavel aos que pretendam um conhecimento total do nosso paiz. Traducção e notas são dos sr. Pirajá da Silva e Paulo Wolf. Os excerpitos da obra *Reise in Brasilien* foram muito bem trasladados ao nosso idioma, com um apuro que justifica os applausos recebidos pelos traductores de homens como Miguel Couto e J. C. Branner.

Azevedo Amaral e Samuel Wainer-Israel — *Almanach Israelita* — Rio.

Encontram-se neste almanach interessantes notas sobre as glorias judaicas de todas as épocas, intelligentemente valorizadas por uma exposição que não vae nunca ao partidario fanatico. Longe de ser um grosseiro revide aos anti-semitas, o volume pretende apenas provar que não pôde ser tão nefasta quanto apregôam os E'douard Drumond uma raça que deu Spinoza, Disraeli, Brandes, Freud e Bergson.

DE LISBOA

PERFIL DE UMA NOVELLISTA

Rachel Bastos, cantora portuguesa, visitou-nos, como cantora, em companhia de seu marido, o escriptor nosso amigo José Osorio de Oliveira, correspondente do BOLETIM DE ARIEL em Portugal. Os seus concertos no Rio e em São Paulo confirmaram a fama, de que vinha precedida, de ser uma notavel artista lyrica. Mario de Andrade, em especial, teve para ella palavras de merecido louvor. Agora, Rachel Bastos apparece-nos como escriptora, na novella *Um Fio de Musica*, que obteve grande exito em Portugal, e foi saudada, pela critica lusitana, como uma verdadeira revelação. Quiz esse estranho escriptor que é Carlos Parreira escolher o BOLETIM DE ARIEL para falar da novellista Rachel Bastos.

Talvez deva dizer-se que os criticos portuguezes exorbitam um pouco quando querem que os seus criticados apenas se interessem por aquillo que elles entendem que pôde merecer interesse.

Isto provirá, quem sabe?, de um preconceito megalomânico, qual é o de estabelecerem que só tem importancia o que lhes acontece, o que elles acabaram por verificar que é assim mesmo.

E' um erro.

Apparentemente tal coisa é bem provavel que não seja digna, em absoluto, de que nós a fixemos. Mas para que avançar o critico a meio do publico, e, com um ponteiro opinioso e um subentendido momo desapprovativo, vir negar que é isso exactamente o essencial para mim; que é esse nada de nada, esse reflexo minguo dum reflexo que, em determinada occasião, consubstanciou o meu mundo, e projectado até aos fundos reconditos do meu «eu», lá foi accor- dar o animal bisonho, o morto apathico que eu era até ali!?

Quantos incidentes, *insusceptiveis*, pela sua tenuidade, de deixarem ficar memoria, valerão talvez mais do que epopéas!

Todavia, é como se não tivessem acontecido. E, no entanto, se tal se deu, se lhes estava reservado esse destino humilde de anonymia, os culpados não foram elles; fomos nós, que lhes retirámos, por uma especie de accinte involuntario, o seu valor intrinseco de grandes acontecimentos.

Rachel Bastos é a historiadora compadecida das coisas que nasceram para não terem importancia, sofrendo o castigo injusto de não se sabe que fatalidade colerica.

Pode-se dizer que tem a figura physica do seu estylo.

Assim como os seus gestos, tudo o que se desprende della vem entretecido, consoante a phrase classica, duma «distincção natural», realçada de simplicidade, — cada palavra que escreve é synonyma duma emotividade subtil, discreta, em meia luz, suggerindo o ambiente desses quartos das moradias senhoriaes, onde não era possivel entrar toda a grulhadora luz do sol.

Este seu livro: *Um Fio de Musica*, é a confidencia duma vocação, confidencia digo eu proposi- damente, subentendendo uma tonica especial, indispen- savel para fazermos a leitura delle. Porque não se concebe estarmos a lê-lo em voz alta, a declamar- lhe os periodos no modo proprio, necessario á com- prehensão de tantos outros.

E é o que caracteriza um certo cyclo, bem li- mitado, de escriptores (em que ha que incluir a novellista de que me occupo), para os quaes o es- crever é um acto de encharistia: criar em cada um de nós uma atmospheria lunar, tão embebida de so- nho; sobreerguer-nos de tal maneira das «condições costumadas» de curiosidade espiritual, que o *inacon- tecivel* que elles relatam é a outra face depurada das realidades, a vida que elles nos entremosttram tem uma solemnidade de interior de templo, todo sobresaturado de milagres.

Encontramo-nos perante as suas paginas numa exaltação aureolada de quem reza. Os dedos tocam esses volumes com um prurido de gravidade tactil, semelhante á absorpção respeitosa que põe o padre no consagrar das espécies divinas.

Rachel Bastos é, por direito de sensibilidade, uma irmã gémea de Rainer Maria Rilke e de Emily Bron- te, de Eugénie de Guérin e da Rosamond Leh- mann da *Poussière*, de Katherine Mansfield e do Joubert de certos «pensamentos», de Joubert, o phi- losopho da graça transubstanciada em profundéza, paradigma excelso do século-dezoito francez.

Se é certo que todos os nossos modos de ex- pressão tem os seus *antepassados*; que elles não po- dem ter acontecido na nossa alma e nos nossos ner- vos, isoladamente, sem que qualquer *caso* anterior justifique o seu apparecimento, — penso que o ascen- dente mais remoto do ser vibratil desta escriptora seja a *Plainte d'automne*, de Mallarmé.

Talqualmente no poemeto sortilego, repassa *Um Fio de Musica* a mesma commoção em surdina, a mesma conjuncção de silencios, que encontraram voz, afinal, para ser dito o que devia ser dito, e que todas as coisas extaticas da tardinha, todas as reli- giosidades franzinas dos outubros violeta-e-oiro, es- folhando irreal, entendiam que não valia, talvez, a pena ser enunciado...

Transcrevo algumas phrases do livro, onde a ternura esbelta, subtilmente melindrosa da autora, está sempre presente, como na pixide o corpo de Deus, e todo o capitulo, de paginas 129 a 131, que é o momento culminante, o cimo, voado de encanto, do volume:

«... Joaquina foi com um panno embebido em pe- troleo e enrolou-o no tronco da arvore. As formigas, atordoadas com o cheiro, paravam, falavam umas com as outras, e tornavam pelo tronco acima. Fiquei a vê-las, desorientadas, correndo como doidas, esbar- rando umas nas outras, mas quando a Joaquina vol- tou para a cozinha, atravessei um papel no trapo e as formigas passaram por elle como se fosse uma ponte...»

«...Disse o meu nome todo como se as palavras retidas por um longo silencio esperassem esse desafogo para saírem umas sobre as outras, embaraçadas...»

«...Alguem me trouxe a noticia da morte da minha professora... No outro dia, de tarde, o enterro passou. A musica plangente ecoava rua acima com notas desafinadas como gritos de dôr; e a multidão baloiçava em volta do panno preto e doirado — primeira noite estrellada que cobria o seu corpo sem alma.»

«...Já não havia esperança de o salvar... Meu pae ia deixar-me! Era a recordação da sua enorme ternura perdida que me torturava; era o futuro, com os seus dias de sol, em que os passeios pela tardinha não teriam mais o mesmo sabor; eram as seis pancadas do relógio marcando em vão a sua chegada; era aquelle quarto escuro, em que um corpo, que já me era estranho, se despedia aos poucos duma vida que já não lhe pertencia...»

«...Falavamos pouco, e quando o fazíamos as paredes não absorviam, como de costume, o som das nossas vozes, que nos eram devolvidas num eco triste.»

«...Uma nota de musica pairou ao acaso. Desprendida dos outros sons que a tornavam comprehensivel, era uma nota discordante, um som que ao passar esbarrava nos vidros das janelas que se não abriam para a acolher. Som estridente, diziam uns; grito desafinado, exclamavam outros; e tapavam-se ouvidos á sua passagem, e as crianças fugiam com medo. Correu a nota dias sem fim, e já quasi sem som foi cair abandonada dentro dum tubo do órgão da igreja onde meu tio tocara. Ali, ageitou-se muito calada, a descansar, contente de se sentir ao pé das suas irmãs, e só então comprehendendo a razão de existir.»

«...Falava agitando no ar a bella mão do rubi, que descrevia curvas, angulos, circumferencias, num geito de prestidigitador. Por fim, a mão desaparecia, mas o rubi ficava nos nossos olhos como se gyrasse em volta de nós.»

«...appareceram em frente de mim uns poucos de corpos infantis, sem vida mas duma grande perfeição. Deram-me a escolher em qual queria entrar. Fiquei perplexa, pois sabia que outra longa passagem pela terra me seria imposta dentro dum daquelles corpos, e sabia tambem que, uma vez reencarnada, entraria de novo em mim o grande esquecimento. Cheia de angustia, a minha alma supplicou: «Quero ser eu, meu Deus!» E elle respondeu com doçura: «Has-de ser tu, eternamente!»

«Beethoven tinha a vida concentrada nos olhos, e os seus labios finos e apertados não precisavam descerrar-se para transmittir ao Mundo o que era a Vida transfigurada pelo genio. Mas o seu rosto altivo parecia, ás vezes, triste e ansioso de comunicar a ternura mais ingenua e simples. Tremula, vibrante de emoção, eu esperava, mas quando os labios se lhe descerravam para pronunciar as palavras apaziguadoras, o seu vulto desaparecia na poeira do sol, e só ficava, sobre o piano, a gravura com o seu rosto mais triste.

«A meu lado, Mozart sorria, e contava-me historias do Céu.: O seu espirito, que mal roçara pela

Terra, penetrava-me e levava-me a longinquas regiões. O Mundo era uma esphera de ouro rolando no espaço, como estrella que cahisse, faiscante de luz. Mozart ria, e com as mãos em concha procurava apanhar a esphera reluzente que lhe fugia e queimava os dedos. Aos nossos ouvidos só chegava, coado pelo manto de ouro, um doce murmúrio de vozes numa eterna ascensão. E a esphera ia rolando e escapando ás mãos que a tocavam, até que se despenhou mais longe, abrindo numa flor rubra como um mar de sangue. Um brado de angustia rompeu o infinito; Mozart já não sorria. Dos seus olhos desprenderam-se duas gottas de alma que cahiram sobre o Mundo e foram sarar o mar de dôr. A esphera de ouro rolava de novo no espaço, e os labios de Mozart desenhavam um sorriso divino. Eu olhava-o, presa do mysterio daquella alma, e desejosa de fixar a sua forma exterior, mas os meus olhos só encontravam, na penumbra da sala, uma mancha tepida de claridade. Mozart partira, mas a luz ficara.

«Só Chopin se conservava eternamente ausente, nas margens do paiz nocturno onde habitava. Sentia, porém, que a sua alma se evolava em rapidas ascensões de alegria, como querendo fugir ao peso dum mundo que o esmagava!»

CARLOS PARREIRA.

Castilhos Goycochêa — *Guerra dos Farrapos* — Rio.

O sr. Castilhos Goycochêa é autor de obras de ficção e de ensaios historico-sociologicos. Seu estudo sobre Vicente Licinio Cardoso, de quem foi intimo, mereceu amplos comentarios dos nossos julgadores de livros. Agora offerecemos o illustre escriptor uma série de vibrantes paginas sobre a Revolução Farroupilha, examinando-lhe as causas sociaes, politicas e economicas. Suas conclusões são nitidamente favoraveis aos chamados generaes da Republica Riograndense, Bento Gonçalves e butros. Um volume em que a historia nos surge quasi sempre em caracter de epopéa.

Adhemar Dias Duarte — *Amor e Peccado...* — Bello Horizonte.

Lê-se sem esforço este folhetim a brilhante e é forçoso convir que não lhe falta espirito. Na cidade mineira em que corusca a malicia de um Moacyr de Andrade e de um Jair Silva não deixará elle de encontrar leitores deliciados. Felizmente para nós, não sabe o sr. Dias Duarte o que seja pedantismo e é o primeiro a regalar-se com os motivos burlescos que lhe afloram á penna e lhe vão cabriolar no papel. Um moço de bom humor, bastante estimavel num periodo em que tantos doutrinadores sisudos nos entenebrece a vida.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & Cia.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

F I L I A E S:

Rua Libero Badaró n. 49
São Paulo

Rua da Bahia n. 1502
Bello Horizonte

Dom Julio Vicuña Cifuentes

Dom Julio Vicuña Cifuentes faleceu em Santiago a 16 de outubro de 1936. Tinha setenta e um annos. Fôra professor no Lyceu Amunátegui, no Instituto Pedagógico, na Faculdade de Philosophia da Universidade. Pertencia a varias associações. Viveu rodeado de livros, de amigos e de admirações. Era tolerante, generoso, entusiasta. Escreveu versos. Fez conferencias acclamadas.

Traduziu e publicou em 1903 os poemas do nosso Gonçalves Dias. Foi o maior folklorista do Chile. O coordenador maximo das tradições oraes, versos, superstições collectivas. Pela aguda sensibilidade, segurança e clareza de expressão, idoneidade de cultura, honestidade na colheita do material, Vicuña Cifuentes foi o indiscutível mestre do Folk-Lore chileno. Teve o amor, a dedicação, a paciência, a perspicácia, a intuição, o conhecimento psychologico, a percepção completa, invulgar e perfeita do espirito popular de sua terra. Pertenceu á dynastia dos grandes pesquisadores de raça, homens de obstinação e serenidade, como Mendez Pelayo. Era um amoroso reconstruidor dos romances cavalleirescos, das xacaras romanticas, das satyras anonymas, todas as flores pobres e lindas que boiavam na memoria do Povo chileno. Vicuña Cifuentes recolheu-as, dispôl-as em ordem esthetica para que se salvassem. Essas conchas, que elle apanhou na orla do Mar sem nome, trazem para os nossos ouvidos a sonoridade das velhas e mortas cantigas de embalar, de animar e de viver, sentidas e cantadas ha tres seculos.

Ramon Menéndez Pidal appellara para os escriptores ibero-americanos suggerindo o registo dos romances populares em versos, correntes em cada paiz. Desta fórmula ter-se-ia o mosaico restituído ao seu desenho integral e primitivo. Vicuña Cifuentes respondeu dedicando annos e annos a uma tarefa de catar pepitas de ouro no meio da areia solta. Em 1912 respondeu ao apello de Menéndez Pidal publicando o magnifico *Romances Populares y Vulgares recogidos de la tradición oral chilena*. Em 1915 os

Estudios de Folk Lore Chileno: — Mitos y Supersticiones, recogidas de la tradición oral chilena, con referencias comparativas. No volume *He dicho* (1926) estuda a *Poesia popular chilena* e as *Narraciones en prosa en la literatura popular chilena*. São trabalhos claros e seguros de um observador feliz em suas pesquisas. Bastam para afastar do esquecimento o autor e manter o material em continuo e vivo movimento. Vicuña Cifuentes revelou a continuação no Chile dos seculares romances hespanhoes e portuguezes. Citando os folkloristas de Portugal, Hespanha, Brasil mostrou o diagramma de percurso.

Porque nós, brasileiros, não seguimos o exemplo? Os themas e os proprios romances estão aqui no Brasil. Muitos foram encontrados por mim e um delles ainda ouvi e registei a melodia que inclui no *Vaqueiros e Cantadores* que a Livraria do Globo, de Porto Alegre, publicará. Pereira da Costa e Sylvio Romero citam dezenas de romances em suas variantes brasileiras. Se collaborassemos com os portuguezes o trabalho seria logico em sua unidade e real em sua extensão. Cifuentes, mais atilado e vivo, le-

vou sua frisa para o capitel hespanhol, integrando-o em sua velha belleza evocativa.

Vicuña Cifuentes publicou ainda um volume sobre a gyria dos delinquentes chilenos (*Coa*, 1910) e seus livros sobre a metrificacão não podem soffrer cotêjo em todo continente americano. O estudo sobre o «*imaginario verso yámbico de trece sílabas*», sobre a cesura, a pausa, todos os accidentes da metrica, são definitivos pelo cuidado minucioso, detalhado, allemão, do documento, do raciocinio e do methodo. Discutiu em polemicas e ninguém o respondeu satisfactoriamente. Poude o mestre dictar os resultados da victoria: — «...no existen en nuestra métrica versos de dos, tres y quatro sílabas, y que el menor de los versos castellanos es el pentasílabo, que puede ser yámbico o dactílico». E decreta: — «*El esdrújulo en la cesura del endecasílabo yámbico del tipo sáfico, es una de estas dos cosas: o una desgraciada ocurrencia, o un descuido lamentable*».

Poeta, jornalista, professor emérito, um dos altos nomes radiosos na cathedra universitaria do Chile, o professor, o poeta, o jornalista sempre trabalharam, unisonos e teimosos, em prol do folklorista.

Em dezembro de 1927 Basilio de Magalhães lembrava a idéa que Ramón A. Laval propuzera no segundo Pan-American Scientific Congress (Washington, dezembro de 1915—janeiro de 1916) — a creação de uma Sociedade Internacional de Folk Lore Latino Americano. Mas, no Brasil, os estudiosos do Folk Lore vivem distanciados ou brigados. Só em S. Paulo, no Departamento de Cultura, o grupo de Mario de Andrade tem o atrevimento de estudar, interessar-se e amar publicamente o Folk Lore. O resto do Brasil é silencio e desanimo. Nenhuma publicação, nenhum intercambio, nenhuma associação, nenhum auxilio.

Por isso pouca gente entristeceu com a morte do grande Julio Vicuña Cifuentes, tão nobre e magnifico trabalhador...

LUIZ DA CAMARA CASCUDO.

COLLECÇÃO ARIEL DE OBRAS PRIMAS

1.º VOLUME

DO AMOR

de STENDHAL

Traducção de
MARQUES REBELLO
e CORRÊA DE SÁ

Preço: 15\$000

A ESCRAVIDÃO NEGRA

A historia do trafico da carne humana, que ainda hoje o liberalismo do seculo não conseguiu de todo extirpar das chronicas do Oriente, remonta ao tempo da primeira Cruzada, em 1106.

Os primeiros escravos negros que pizaram o solo europeu foram trazidos por esses cruzados. O normando Gandri, referendario de Henrique I da Inglaterra e depois bispo de Laon, tinha a seu serviço «um destes escravos negros, que os grandes, á volta da primeira cruzada, começaram a pôr em moda», como informa A. Thierry, nas *Lettres sur l'Histoire de France*. A notação é do cardeal Saraiva, na *Nota sobre a origem da escravidão e trafico dos Negros*.

E Portugal, que ainda passa por ser o introductor do negro na Europa, tem nesse depoimento de Thierry uma cabal defesa, ainda mais quando se sabe que a Italia, muito antes dos descobrimentos portuguezes, já conhecia o negro e a malagueta, levados de Guiné pelos mouros, que atravessavam o reino de Mandinga e os desertos da Lybia até o porto de Barkah, sobre o Mediterraneo. Era esse um caminho familiar aos mouros, que por elle levavam os escravos negros a ser vendidos na Grecia, na Asia menor, na Lybia e na Italia.

Só em 1433 por Gil Eanes, segundo alguns chronicistas, ou em 1441 por Antão Gonçalves, segundo outros, foi o negro escravizado pelos portuguezes. De Antão Gonçalves se falla que foi numa viagem ao Rio do Ouro, feita por ordem de D. Henrique

em busca de azeite e pelles de lobos marinhos, que prendeu dez negros trazidos depois a Portugal. «E foi com grande prazer — informa Fortunato de Almeida, que o infante recebeu os primeiros captivos, e por isso remunerou generosamente os trabalhos de Antão Gonçalves». (1)

Mas, a primeira grande manada negra que recebeu Portugal, e esta já destinada ao infame commercio, foi a que levou Lançarote, armador de Lagos, em 1443. Eram cerca de duzentos infelizes, cujo embarque, na Costa do Ouro, Azurara, que estava presente, registrou commovido:... «qual seria o coração, por duro que se pudesse, que não fosse punhado de piedoso sentimento, vendo assim aquella companhia; porque uns tinham as caras baixas, e os rostos lavados com lagrimas, olhando uns contra os outros; outros estavam gemendo dolorosamente, esguardando a altura dos céos, fitando os olhos em elles, bradando altamente, como se pedissem soccorro ao padre da natureza; outros feriam seu rosto com suas palmas, lançando-se estendidos no meio do chão; outros faziam suas lamentações em maneira de canto, segundo o costume da sua terra, nas quaes, posto que as palavras da linguagem dos nossos não pudessem ser entendida, bem correspondia ao grão da sua tristeza»...

O que parece verdadeiro, entretanto, na historia do trafico negro, é que não havia, a principio, interesse commercial a seu respeito. Em Portugal, pelo menos, o que moveu o Infante foi a propagação da fé, grão-mestre que era da Ordem de Christo. O commercio veio depois, com a incapacidade financeira da Ordem para proseguir no custeio dos descobrimentos. E ahi começa a fraqueza da Igreja.

A bulla *Romanus Pontifex*, de 8 de janeiro de 1455, assignada por Nicolau V, rompeu os laços de fraternidade humana que ligavam os homens dos descobrimentos. Ella dava poderes aos navegadores para reduzir os infieis á perpetua servidão, e desde logo foram sacrificados os negros do cabo Bojador, do cabo Não e de toda a Guiné.

Depois disso a Igreja não teve mais força para se fazer ouvir, e a escravidão encontrou adeptos irreductiveis no seio mesmo dos seus proprios ministros. Pio II, em bulla de 7 de outubro de 1462, inicia a campanha contra o captiveiro, especialmente sobre os neophitos d'Africa. Mas, era tarde. Outras censuras pontificias viriam para ser desrespeitadas, porque o commercio já se fazia até pelos sacerdotes da Igreja.

Descoberto o Brasil, e sendo o aborigene meio rebelde e indolente, o colonizador não trepidou em socorrer-se do negro, já experimentado na sua submissão e capacidade de trabalho.

(1) — Ribeira da Sabrosa, em uma nota dirigida ao ministro inglez em Lisboa, contestou com fracos argumentos, talvez por não conhecer o facto do bispo de Laon, a prioridade portugueza quanto á escravidão negra. Navarrete, entretanto, fez piór, porque sendo hespanhol deu-a á Hespanha...

*Apparecerá por todo este mez em
edição ARIEL*

um novo livro de
GASTÃO CRULS

HISTORIA PUXA HISTORIA

(CONTOS)

com o seguinte sumario:

Contas brabas — Mãe d'Agua — Arrependimento
Meu sosia — Cartas de outro naipe — A patativa
Circuito da Gavea — Indicação — O espelho
Do outro lado — Fauna exotixa — Fim de viagem

Pedidos á

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

RUA 7 DE SETEMBRO, 162

RIO

E em 1538, antes mesmo da chegada de Thomé de Sousa, que uns admittem seja o introductor do negro no Brasil, um navio pertencente a Jorge Lopes Bixorda, arrendatario do pau de tinta, trouxe negros da Guiné para o serviço do seu commercio. Duarte da Costa, só em 1542, é que pedia a el-rei, em carta de 27 de abril, isenção de impostos de siza para importar «peças» do continente negro, e lhe foi negado porque ainda não havia expirado um contracto pelo qual fôra arrematada a arrecadação desse imposto. Isso quer dizer que nessa data já se importavam braços da Africa. (2)

Introduzidas, assim, as primeiras levas, a esperança na prolificidade do negro influiu no animo dos especuladores, cujo interesse não percebeu que a sua taxa de mortalidade era menor do que a das outras raças concorrentes no nosso meio, além de ter a vida limitada, em média, a vinte e cinco annos. Foi isso que estimulou o trafico.

E a procura de «folegos vivos» era grande. Os proprios jesuitas a que uma estranha incoherencia moveu quando se batiam pela liberdade dos indios, não trepidaram em se recorrer ao escravo africano para as suas reduções e collegios. E' o padra Nobrega que o diz em uma carta a Simão Rodrigues: «Depois que vieram os escravos... da Guiné a esta terra, tomaram os padres fiados por dous annos tres escravos, dando fiadores a isso, e acaba-se o tempo agora cedo». Mesmo aos indios, porém, elles escravizavam a principio, e é dessa mesma carta a confissão de que fizeram «marcar outros tantos da terra». E continuava: «Se El-Rey favorecer este (desejo dos padres da Companhia) e lhe fizer igreja e casas, e mandar dar os escravos, que digo, (me dizem que mandam mais escravos a esta terra, da Guiné); se assim fôr, podia logo vir provisão para mais tres ou quatro, além do que a essa tem, e antes de um anno se sustentariam cem meninos e mais».

Pelo alvará de 29 de março de 1549, D. João III, suspeitando o futuro da industria assucareira, se annunciava na Colonia, autorizou a introdução de escravos da Guiné e da ilha de São Thomé, em numero de 120 a cada engenho montado e em estado de produzir. Foi a legalização da monstruosidade. Até os soldados se julgaram com direito de possuir escravos, e o Reino lh'os mandou fornecer, no mesmo anno, para pagamento em desconto ao soldo...

Aberta a porta, Salvador Corrêa de Sá faz contracto com João Gutteres Valerio, pelo qual se lhe pagaria uma certa importancia *per capita* de escravo que trouxesse ao Rio em navio seu. Foi o primeiro *assentista* do Brasil.

Depois vieram os contractos de José Herdovicos, Manoel Pinto Valdez e outros, de Cacheu, referidos no alvará de 12 de fevereiro de 1682.

Mas, o moloch era insaciavel. Protegidos os indios pelos jesuitas, os braços faltavam angustiosamente. Para defender os seus cathecumenos, os padres da Companhia lembraram a organização de uma

empresa que se destinasse a abastecer a lavoura de escravos negros. O padre Antonio Vieira foi o mais ardoroso adepto dessa solução, a exemplo de Las Casas, que defendia no Mexico, pelo mesmo processo, os indios que trucidavam por lá. Na «Resposta aos capitulos do procurador do Maranhão», de 1661, documento que mais tarde serviria de base para a fundação da «Companhia do Grão Pará e Maranhão», e que foi presente á Junta do Conselho Ultramarino, de que fazia parte, Vieira assim se expressou com relação á clausula nona, enumerando as causas da pobreza e atrazo da Colonia: «A nona e ultima causa, que em parte vem de ser forçosa, é ser todo o serviço dos moradores daquelle Estado com Indios naturaes da terra, os quaes por sua natural fraqueza e pelo ocio, descanso e liberdade em que se criam, não são capazes de aturar por muito tempo o trabalho em que os Portuguezes os fazem servir, principalmente os das cannas, engenhos e tabacos, sendo muitos os que por esta causa continuamente estão morrendo; e como nas suas vidas consiste toda a riqueza e remedio daquelles moradores, é mui ordinario virem a cahir em pouco tempo em grande pobreza os que tinham por mais ricos e afazendados; porque a fazenda não consiste em terras, que são communs, senão nos fructos das industrias com que cada um as fabrica, e de que são os unicos instrumentos os braços dos indios. Esta mesma quebra e incerteza das fazendas se experimentou e padeceu em todas as partes do Brasil, emquanto nos principios da sua conquista se serviam somente com Indios, até que com este desengano se resolveram a fabricar suas fazendas com escravos mandados vir de Angola, que é gente por sua natureza serviçal, dura e capaz de todo o trabalho, e que o atura, e vive por muitos annos, se a fome e o mau tratamento os não acaba. Nem no Estado do Maranhão, que é parte do mesmo Brasil, haverá remedio permanente de vida, emquanto não entrarem na maior força do serviço escravos de Angola»...

E foi, assim, creada a «Companhia de Commercio do Grão Pará e Maranhão», com capitaes de judeus portuguezes que se achavam refugiados na Hollanda. O alvará de 12 de fevereiro de 1682, que a creou, lhe concedia enormes privilegios, inclusivé grande extensões de terras na Africa, mas exigia que elle introduzisse na Colonia dez mil negros em vinte annos, á razão de quinhentos por anno, ao preço de cem mil reis cada «peça da India».

Porém, as difficuldades oriundas da falta de capitaes impediram que a Companhia cumprisse o ajustado com relação á introdução dos negros, o que provocou o motim popular de 1683, chefiado por Beckman. E pouco depois se extinguia, voltando os colonos sobre os indios, quando traficantes isolados não podiam sortir de braços africanos a lavoura.

Ainda em 1695, Gomes Freire de Andrade reclamava remedio á Metropole, porque estava em vigor a prohibição de escravizar os indios e os colonos clamavam por braços nos cannaviaes: «Sem a permissão de escravos nunca poderá este Estado ser nada, tendo aliás tanto com que ser grande. Sabida cousa ha que os trabalhos das suas fabricas só escravos podem supportar»...

(2) — «E' provavel — diz Pandiá Calogeras, que Martin Affonso de Sousa, e até alguns exploradores que o precederam, tivessem trazido escravos». Em Pernanbuco é fora de duvida que em 1535 foram importados escravos negros, grandes conhecedores da industria do assucar, em que já trabalhavam nas ilhas de São Thomé e do Principe.

E o côro das lamentações não denudava. Só o negro é que podia salvar da ruína a lavoura agonizante. Pestana da Silva, Teixeira de Moraes, Guedes Aranha e um sem numero de «corações bem formados ao fogo da caridade christã», pediam que «se introduzissem escravos da Guiné e Angola e se promovesse o seu commercio para allivio dos indios e vantagem espiritual de serem os negros reduzidos á fé catholica»...

Com estes argumentos, não é para extranhar-se o incremento que tomou o trafico africano. E era tão bom o negocio, que a propria Corôa se arrogou o privilegio de fornecer «folegos vivos» á Colonia, dos quaes auferia grandes lucros, além de impostos normaes que cobrava sobre esse commercio. (3)

Mesmo assim era insufficiente o numero de braços que entravam para a terra, que se desenvolvia rapidamente. O grande sorvedouro de homens era a industria de assucar, e esta, vantajosamente remuneradora, pagava altos preços pela escravaria negra, pois o indio positivamente não supportava o rude trabalho dos engenhos.

E foi o inicio da lucta. O privilegio da Corôa, que havia desviado para o negocio do resgate a somma de vinte e cinco mil cruzados destinada pela carta regia de 21 de dezembro de 1692 á compra de drogas, favorecia a ambição de lucros faceis e crescentes. A 6 de fevereiro de 1703 taxava o preço de cada «peça» a 160\$000. A provisão de 24 de fevereiro de 1718 augmentava essa taxa para 300\$000, apesar de reconhecer que á Corôa ficava cada negro a 94\$000, posto no Brasil. Não valeu a representação do povo reclamando contra o abuso. A provisão de 19 de julho de 1719 manteve os preços. Só desapareceu esse estado de coisas quando a Corôa se desinteressou do negocio por outros motivos.

Commercio tão prospero, interessou naturalmente estabelecimentos pios e religiosos, que obtiveram preferencia para importar um certo numero de negros em cada anno, como importou 700 a Junta das Missões de Angola em 1693 e 500 a Misericordia de Loanda em 1694. Não é, pois, sem razão, que já trovava Garcia de Resende:

*Vem grão somma a Portugal
cad'anno tambem ás ilhas.
E' cousa que sempre val
e tresdobra o capital
em Castella e nas Antilhas...*

JOÃO DORNAS FILHO.

(Do volume «A Escravidão no Brasil», a sahir).

(3) — E o que dispõe a carta regia de 16 de novembro de 1697, assignada por D. Pedro II, tomando a si a introdução de escravos negros no Pará.

João Cabral do Nascimento — *Poesias escolhidas* — Edições Biblion — Lisboa.

O nome do sr. João Cabral do Nascimento está ligado á publicação de muitos livros de versos que lhe asseguram feliz notoriedade entre os lyristas portuguezes de hoje. Bem andou, portanto, o autor do *Além-mar* em fornecer-nos este volume de *Poesias escolhidas*, admiravelmente apresentado no sentido typographico e onde existem as melhores provas da variedade e intensidade do seu estro.

Julio César Estol — *Navegar...* — Sociedad Amigos del Libro Rioplatense — Montevideo.

E' de desejar que o autor deste volume «faça outra viagem», — observa com mui o espirito o prefaciador do livro. Porque o que o sr. Julio César Estol nos conta nas 220 paginas de *Navegar...* dá effectivamente vontade de vê-lo proseguir num genero de narração que tantos outros prosadores tornam pedante ou tedioso, mas que, explorado por um intellectual de tamanha finura, é para nós como uma deliciosa excursão por conta propria. Entre outras, as notas sobre a Inglaterra parecem-nos de um «humour» finissimo.

Mario Souto Maior — *Poemetos que o vento não carregou* — Edição Guma — Pernambuco.

Bastante suggestivo o ensaio em que ha tempos o sr. Mario Souto Maior se referiu aos romances e poemas de Paulo Setubal. Agora esse jovem nortista manda-nos uma braçada de versos. São rythmos e rimas de quem ainda não sahio da adolescencia e, por isso, não se preocupa com os rigores das artes poeticas e nem quer saber se a vida cabe mesmo dentro dos postulados de logica. Estrophes cantantes que falam das mãos da amada, da paizagem, de uma bailarina morta. Se lances agudamente modernistas parecem um tanto forçados, as notas de lyrismo romantico, bem á brasileira, são felicissimas no sr. Mario Souto Maior.

Sylvio Rodrigues — *... e a peça continúa* — Schmidt Editor — Rio.

Crêmos ser este o mais jovem dos nossos romancistas. Conta dezesete annos apenas. E, não obstante, lançou-se a um genero que exige cultura, experiencia e certa arte litteraria dos que o manejam. Não se trata evidentemente de uma obra prima e fôra excessivo evocar o nome do menino-prodigio que se chamou Raymond Radiguet. Mas forçoso é convir que o sr. Sylvio Rodrigues possue qualidades por assim dizer divinatorias de escriptor. Consegue ler nos silencios, nos subentendidos das suas personagens. O tumulto da Paulicéa, uma viagem a Poços de Caldas, inspiram-lhe notas a que não faltam coloridos e malicia. O sentimental e o cerebral mesclam-se nos melhores trechos do livro. Eis ahi mais um moço brasileiro que sabe espreitar e surpreender o tragico e o ridiculo da vida em commum. Embora detesteiros as prophcias criticas, estamos quasi seguros de que, se o sr. Sylvio Rodrigues se desenvolver na proporção do talento exhibido á hora da estréa, será um dos nossos grandes narradores de amanhã.

Collecções encadernadas do

BOLETIM DE ARIEL

COM O INDICE DE ARTIGOS E
CITAÇÕES

Temos á venda collecções de
todos os annos

Preço do volume enca-
dernado 40\$000

Pedidos a

ARIEL EDITORA LTDA.

Rua 7 de Setembro, 162-1.º and.

RIO DE JANEIRO

«As culturas negras no Novo Mundo»

O anno de 1937 pode-se dizer que foi decisivo para os estudos ligados ao problema do negro no Brasil. Começam com elle a ser desvendados novos capitulos da historia social do elemento de colonização trazido para substituir o indigena nos trabalhos do campo e das minas.

A realização do 2.^o Congresso Afro, a fundação da União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia e a sahida dos livros de Arthur Ramos e Edison Carneiro, *As Culturas Negras no Novo Mundo* e *Negros Bantus*, trazem nova luz ás pesquisas de anthropologia cultural, de ethnographia religiosa, de folk-lore negros. Pode-se mesmo afirmar que essa é a época de culminancia da escola bahiana de Nina Rodrigues e que o grande sabio maranhense encontrou nos estudos de Arthur Ramos e Edison Carneiro, continuadores dignos do mestre.

Os livros dos dois ensaistas da escola bahiana não se resentem da pressa de alguns curiosos que, tendo se improvisado em partidarios de uma causa velha como a da reabilitação social do negro, pensam estar realizando coisa nova num terreno palmilhado por Nina, Braz do Amaral, Roquette-Pinto, Ulisses Pernambucano. Contra a soffreguidão desses iniciados e contra a outra corrente que acha ser o negro um assumpto em moda, o prof. Arthur Ramos se insurge no prefacio de *As Culturas Negras*, mostrando que ha muito pouco de realizado no campo da sociologia do afro. E dizer-se que ha africanistas tentando fazer exclusividade desses estudos, a ponto de boycottarem as realizações que se prendam á sorte do negro brasileiro e não tenham partido do seu bolso do collête...

As Culturas Negras no Novo Mundo: eu o reputo superior a *O Negro Brasileiro*, na parte que diz respeito á cultura individual do autor, que se apresenta menos compacta, isto é, melhor assimilada. O escriptor aqui apparece mais realizado, mais perfeito. E o ensaista, hoje incapaz daquelle extremismo scientifico que o fez inscrever a poesia de Castro Alves entre os

poemas de «piedade branca» ou, de trazer a psychanalyse para o campo dos phenomenos sociaes, nos aparece com uma invulgar capacidade de critica historica, apontando-nos a contagiosa attracção do pittoresco que sentiam pelos nossos negros os visitantes estrangeiros do seculo passado, Koster, M. Graham, Rugendas.

A parte principal do livro do prof. Arthur Ramos que diz respeito ao Brasil é aquella em que passa em revista os seus estudos anteriores sobre o «exclusivismo sudanez» de Nina Rodrigues e sobre as culturas negro-mahometanas, gêge-nagô e bantu adaptadas ao «habitat» americano. Embora o A. não seja partidario para o Brasil, devido á interpenetração cultural aqui elaborada, de uma rigida divisão de areas semelhante á do prof. Hierskovits na America do Norte, acceita todavia a divisão do sabio da Northwestern University e estuda detalhadamente aquellas a que se podem filiar os povos introduzidos na America Portuguesa.

Outro ponto de interesse novamente estudado em *As Culturas Negras* é o que trata da natureza das sublevações de escravos na Bahia durante a primeira metade do seculo XIX, a que estudiosos apressados emprestam caracter rigorosamente economico e a que Nina e Arthur Ramos, acertadamente, emprestam o caracter de guerra santa. Em um pequeno estudo feito sobre o imperialismo islamita e o caracter politico-religioso dessas insurreições, analisa mais detidamen-

te o elemento revolucionario desses movimentos, reprimido, o maior delles, pelo futuro Visconde de S. Lourenço, Francisco Gonçalves Martins, então chefe de policia da capital da provincia.

Onde, entretanto, não concordo de modo total com o prof. Arthur Ramos é na sua assertiva baseada em Nina Rodrigues de que «já nos fins do seculo XIX e no começo do XX não existia na Bahia nenhum negro propriamente *mandinga*.» (Pag. 340). Posso garantir ao prof. Arthur Ramos que ainda ha velhos negros malês na Bahia, segundo me informa o *ogon* José Floriano Graça, que faz cabedal dos seus conhecimentos. E a União das Seitas Afro-Brasileiras Bahia regista no seu cadastro, sob o numero 16, a inscripção de um centro religioso malê ou seja a «Seita Africana Potenciosa da Bahia», de nação mussurumim, chefiado pelo pae-de-santo Pedro Manuel do Espirito-Santo, á rua Oriental do Japão, 26. Por paradoxal que pareça, o syncretismo religioso atingiu tal intensidade na Bahia que ha candomblés malês. Este phenomeno de absorpção de uma religião superior e provadamente imperialista como a islamita por uma inferior é uma inversão de componentes que merece estudo mais acurado.

Quanto ás sobrevivencias desses sudanezes no folk-lore bahiano acho com o prof. Arthur Ramos que são dignas de nota, e, a proposito dellas, diz um dictado popular que

«Quem não pode com a mandinga não carrêga patuá.»

Mandinga, todo o mundo sabe, é, por extensão, synonymo de feitiço. *Patuá* é o amuleto trazido ao peito, em um saquinho, pelos negros, na maior parte pelos capoeiristas e valentões, com o objectivo de livral-os do maleficio. Corre entre os seus possuidores a lenda de que, perseguidos pela policia, esta não os alcança, porque a força da oração contida no patuá, chega a tornal-os invisiveis. Além da symbiose religiosa, dado que o patuá é um fetiche, é esta uma prova concreta fornecida pelo inconsciente colectivo do caracter aguer-

AINDA ESTE MEZ:

GASTÃO CRULS

HISTORIA PUXA HISTORIA

Contos

Edição ARIEL

Pedidos á

Civilização Brasileira S. A.

Rua 7 de Setembro, 162

RIO

rido dos povos da chamada «civilização sudaneza», muitos delles entre os quaes os *mandingas*, *mandês* ou *malês* eram povos de cultura superior não fetichistas.

Do mesmo modo que as anteriores, outra parte em que as pesquisas de Arthur Ramos podem ser completadas com observações mais recentes nos terreiros bahianos, é a em que elle fala do culto dahomeyano de Dangbé, a serpente-deus. Diz o A. não ter achado vestígios desse culto na Bahia, depois de citar a referencia de Nina Rodrigues, que o surpreendeu no candomblé de uma certa Livaldina, mãe-de-santo que, supponho, a não lhe querer informar o segredo do culto, o velho Nina tomava por ignorante. Mais recentemente, entretanto, numa visita que fizemos, o prof. Donald Pierson, Edison Carneiro e eu, ao terreiro da Goméa, onde áquella epoca trabalhava o pae-de-santo João da Pedra Preta, encontramos vestígios nitidos do culto da serpe sagrada dos negros do Dahomey através da mulher metamorphoseada em cobra, Paschoalina, que se me não engano Edison Carneiro cita no seu livro *Negros Bantus* e deve á curiosidade sempre insatisfeita do prof. Pierson. Outro indicio positivo é o de ter Gonçalves Fernandes (em *Xangôs do Nordeste*, pag. 75) revelando encontro semelhante no terreiro de Anselmo, em Recife. Ora, dado que esse fallecido chefe de terreiro no Recife era bahiano e filho de santo do bahiano Hypollito de Souza, logo se depreende que o culto gêge da cobra-deus, a ter como tem sobrevivencias no Recife, não deixaria de possuir adoradores na Roma Negra do Brasil. Quanto mais se levarmos em conta que Anselmo, de vez em quando, embarcava para a Bahia «no interesse da seita», isto é, para aperfeiçoar seus conhecimentos na terra de Martiniano do Bomfim.

Ainda outro contacto de cultura por nós identificado são os vestígios da extincta nação dos guruncís ou gallinhas, suppostamente islamizados em Africa ao contacto imperialista dos Haussás. Arthur Ramos tem noticia dessa nação atravez de documentos historicos. Nina Rodrigues que ainda os alcançou na Bahia, não cogita da sua religião. Nós, entretanto, quando da

POEMA

A Jorge de Lima

*A noite não descera sobre a Terra
como um manto de calma.
Porque olhos esbugalhados continuavam
a sentir terror.
Como um espelho refletindo uma imagem
Rhddamante lia as almas perdidas
e as entregava ás Furias.
Eu que havia dominado a carne
sentia que minha alma era nua
e que continuava o mesmo.
E ainda que Argo tivesse cem olhos,
não precisariam os cegos da musica
Os pastores assustados deixavam os rebanhos
e procuravam no alto a nova estrella.
E viam que a maldade se apoderava dos humanos
e que todos os descontentes haviam descido das montanhas
para que Saturno fosse coroado.
Já agora, estrellas e nuvens começavam a aparecer
trazendo consigo uma felicidade que ignoravam
como coisas simples
que de tão simples
não sabiam que eram felizes,
porque seriam como a camisa do pastor, a coberta de Sol.
E os lavradores que contemplavam o além
aquietaram-se e envolveram-se nas suas mantas
pois já sabiam que as colheitas não se perderiam.*

II

*Mas, os seus sonhos foram maus
porque pensaram nas pragas do antigo Egypto.
E ao despertarem desejavam as terras dos vizinhos.
E a terra continuava em desharmonia...
Pois a existencia da belleza pura já era utopia.
Homens e animaes só carregaram em si a cellula da desagregação,
transformadora da essencia divina da Vida
num principio de destruição e Morte
como castigo dos peccados dos ancestraes.*

WILSON RODRIGUES.

realização do 2.º Congresso Afro-Brasileiro, encontramos vestígios claros do fetichismo dessa nação, personificados na sereia Yá, que se adora no Centro Cruz Santa do Aché de Opô Afonjá, de São Gonçalo do Retiro. A sereia que, segundo a fallecida mãe-de-santo Eugenia Anna Santos, é herança religiosa dos negros gallinhas, habita uma fonte onde não pode entrar luz, sob pena de grandes malefícios. O só enunciado do extranho cerimonial dedicado ao santo dessa nação, encantou o romancista Jorge Amado. E' que no Aché Afonjá se cultiva uma verdadeira volta á Africa, como que o retorno á pureza primitiva dos cultos fetichistas.

Essas ligeiras observações que junto ao livro do prof. Arthur Ra-

mos não são de modo a tentar diminuir o valor do seu novo trabalho, notavel por todos os titulos. Dado que o autor de *As Culturas Negras* não tivesse corrigido um Gilberto Freyre, um Braz do Amaral, um Oliveira Viana com relação ás nações negras importadas para o Brasil e ter-se-ia ainda alguma coisa a dizer. Mas, os trabalhos de Arthur Ramos, mesmo que se discorde de alguns pontos de vista seus, é forçoso reconhecê-lo, são trabalhos de quem abre um caminho muito seguro para os que escreverem amanhã, completa, a historia social do negro no Brasil. Elle é um verdadeiro mestre dos estudos afro-negros, legitimo orgulho da escola bahiana de Nina Rodrigues.

AYDANO DO COUTO FERRAZ.

A "Vida de Dom Pedro II"

Muita coisa nos ensina essa *Vida de Dom Pedro II* escripta pelo francez Benjamin Mossé. Aliás, ha em toda a existencia do velho monarcha, que a Republica exilou, um constante ensinamento de bondade, de renuncia, de doçura mesmo que converte em admirador o mais exaltado adversario.

Pedro II, brasileiro filho de estrangeiros, soube se devotar ao Brasil com uma segurança extraordinaria, mantendo-se no throno com isto que raramente sentimos hoje: força moral. Não dirigia, valendo-se da autoridade que lhe offerecia o poder; governava, usando a admiração que nascia do proprio povo. E toda a sua acção á frente dos destinos do nosso Brasil-Imperio foi marcada com este carimbo nitido: serenidade. Nunca a sua bocca balbuciou uma palavra de desespero que revelasse o autocrata, olhando o povo como um conglomerado de imbecis; nunca a sua mão baixou sobre o papel para assignar um documento que mostrasse mais tarde á historia um despota.

Disse muito bem Victor Hugo — e a phrase ficou celebre — «Magestade, sois o neto de Marco Aurelio.» Podia ter dito irmão, porque em verdade quanta semelhança, quanta afinidade entre o imperador brasileiro e aquelle outro imperador tão bem descripto por E. Renan no seu «Marco Aurelio e o fim do mundo antigo»! Não ha mais duvida hoje, depois de alguns trabalhos publicados sobre Pedro II, que elle trouxe em grande dose a mentalidade do filho de Antonio. Philosopho o foi Marco Aurelio, com «uma naturalidade e uma sinceridade admiraveis, mas com muita reflexão», nos diz Renan.

Para o nosso paiz a acção de Pedro II, atravez do livro de Benjamin Mossé, foi de uma efficiencia verdadeiramente util. Uma acção sem espalhafatos, aquella, calcada na mais segura e na mais pura das orientações administrativas, que conservou para o Brasil uma aureola de progresso e de dignidade onde as artes conquistavam o melhor apoio. E como protector das artes, como o foi ainda Marco Aurelio, Pedro II não fugiu ao lemma de que «a condicção essencial da arte é a liberdade.»

Mossé nos conta que no periodo do seu governo Pedro II foi mais um philosopho do que um rei. O philosopho olha a humanidade de conjuncto e o seu juiso, em geral, vem cheio dessa piedade, dessa resignação, nascidas da intuição clara da natureza humana. O rei sempre deixa de ser philosopho, porque é obrigado a fazer distincções, a pessoalizar-se demais, dentro da sua missão especial de governar. Pedro II conseguiu justamente esse milagre de educação e de *self-control* conservando-se philosopho na cadeira de rei. Agora, o que me parece mais extraordinario hoje, que tenho lido com mais cuidado o que se refere a Pedro II, é elle ter realisado esse milagre de educação no seculo XIX, epoca em que todo o mundo entrava num novo periodo de agitações angustiantes. Para Marco Aurelio não seria difficil, pois, no tempo em que viveu, a philosophia era uma especie de profissão religiosa. Desde os doze annos o joven Marco vestiu as vestes dos philosophos e tinha os seus passos contados por Junio Rustico, que o sujeitava a regras verdadeiramente monasticas. E cresceu o futuro imperador naquelle ambiente, cortando por onde riscavam os seus mestres sobrios e quasi sombrios, ás vezes.

Mas, para Pedro II!? Só mesmo uma vocação natural e muito forte poderia fazer daquelle homem em pleno seculo XIX um rei que guiava o seu povo sorrindo e que fazia questão de não reinar. Comprehendia, como Marco Aurelio, que no interesse do proprio bem não se deve impor o bem de modo absoluto, por ser condicção da vida humana o exercicio da liberdade. Aquellas palavras de Charles Ribeyrolles são justas quando diz que no Brasil o pensamento não estava sujeito á acção da justiça e que em todas confissões a alma é livre e livre o cidadão em seus movimentos. Marco Aurelio tambem desejava «a melhora das almas e não a obediencia passiva á lei; queria a felicidade publica, mas não procurada pela servidão que é o maior de todos os males.» (Renan-op. cit.) Variada é a documentação do escriptor Benjamin Mossé para resaltar o beneficio que constituiu para o Brasil o periodo administrativo de Pedro II. E não se deixa ficar somente como o commercio exterior do Brasil, em varios quinquenios, sempre assignalou rythmo ascendente. Sem ser olhada sob o ponto de vista puramente politico essa obra deve ser lida com interesse, pois nos apresenta varios angulos interessantes da historia do Brasil. Politicamente não ha interesse a despertar. O livro não serve de propaganda. A Monarchia passou, como passaram o indianismo no romance e o parnasianismo da poesia. E' um erro se querer recolocar passado que vae tão distante. Desse passado longinquo devemos retirar do esquecimento a figura de Pedro II, que será sempre para nós outros um exemplo de bondade, renuncia e patriotismo.

HUMBERTO BASTOS.

Em edição, ARIEL:

PAULO GUANABARA

A ORIGEM DO MUNDO

Um livro que põe a historia e a vida do mundo ao alcance da creança

Perfil de Renan

O livro de Henriette Psichari (*Renan d'après lui-même*, Plon, 1937) só nos dá uma imagem monótona — possivelmente, a única imagem exacta, — de Renan. Monótona, sim.. Que pôde succeder de extraordinário na vida de um frade?

Foi um erro dos catholicos francezes do seu tempo o terem-no julgado um inimigo da Igreja. Sempre a escrever, deitado sobre o tapête, barriga para baixo, a humildade da vida desse homem lembra, por certos aspectos, a de um franciscano. Vê-se bem que o seminário, e principalmente o habito da meditação solitaria, continuaram dentro d'elle, até o fim. O que lhe faltou — isso sim, — foi o «entêtement» hypocrita com que, sob Napoleão III, os clericos da França disfarçavam a sua entretanto indisfarçavel intolerancia religiosa..

Elle não foi, nunca quiz ser um dogmatico, um declamador. «Je comprends et j'admets les raisons les plus opposées...» — escrevia elle, mal sahido do seminário, á mãe de uma demoiselle que lhe não acceitou o amor.. Mais tarde, quando se apresenta candidato ás eleições, o seu programma politico, está em contradicção com a dictadura de mediocridade que, durante vinte annos, de 1850 a 1870, conduziu a França, a grandes passos, para o desastre de Sédan. Filho do povo, com a musica dos sinos bretões de Tréguier a lhe resoar nos ouvidos e a lembrança da pobreza da familia sempre presente ao espirito, Renan — mesmo vivendo sob a mais obscurantista das dictaduras pessoasas, — foi um enamorado da democracia.

Por isso mesmo, soffreu.

Liberto do clericalismo, do dogmatismo, da acceitação sem reservas dos factos revelados, esse pobre Misou abatido pelo rheumatismo e pelo temor da medicina teve de adoptar a attitudo falsamente sceptica que passou por ser a «sua» attitudo, o seu modo de encarar a vida.. Nada mais facil do que destruir essa imagem do homem que sorri das desgraças humanas — e o livro de Henriette Psichari chega a ser exhaustivo na destruição

desse phantasma creado pela Igreja. Basta ler as notas de Renan. A sua «maneira» não era o scepticismo, era, antes, a duvida. Apenas, estava-lhe sempre presente, como uma obsessão, o medo, o horror ao ridiculo...

Houve quem o chamasse de egoista. Elle foi, pelo menos, um cabeçudo, um solitario, um homem perdido no seu mundo, sempre á procura de um caminho salvador. «J'ai soigné ma vie comme une oeuvre d'art, je l'aime.» Essa obra de arte merecia cuidados especiaes, de todos os momentos: «Archiviste de moi-même: durant l'éternité, remuer mes papiers, mes livres...» A solidão, em derrador d'elle, parecia mais tragica ainda, mais desoladora: «Assister impassible au carambolage de ses propres idées...» Dahi o scepticismo, a attitudo superior diante dos outros, aquillo a que elle proprio chamava «jouer avec la souris sans la manger jamais.»

Não era um egoista. Sob a protecção da velha Manon, ajudado efficientemente pela irmã Henriette, gozando do carinho comprehensivo e jovial de Cornélie Scheffer, — Renan nunca se esqueceu de que fôra concebido «dans un accès d'alcoolisme», nunca esqueceu a aldeia bretã de Tréguier, a pobreza dos seus dias de Paris, nem o heroismo de Henriette se sacrificando para lhe enviar, da Polonia, as poucas economias de que podia dispôr. Foi um simples, que nem ao menos desejava o conforto que a vida lhe podia dar. Ensinando hebreu, desenterrando historias de santos, escrevendo a *Vida de Jesus*, Renan pensava comsigo mesmo, considerando o quadro politico da sociedade do seu tempo: «Le peuple, seule espérance...» Dahi o verdadeiro grito de guerra em que elle reduz a nada o ideal da commodidade: «Que l'humanité marche voilà l'essentiel».

O que ha de mais admiravel em Renan é a fidelidade ao passado emotivo: «Tout ce que j'ai fait m'est qu'une brillante sépulture de ma foi perdue...» Perdida a fé, que restava ao pensador, ao philosopho torturado, ao conhecedor dos mysterios da religião do Christo? Restava uma arida tarefa — a procura incessante da verdade. Fôra, aliás, a fome, a necessidade da verdade que o levava ao catholicismo, ao estudo das suas origens, á busca das verdades essenciaes da vida reveladas pelo Christo. Mas, representando as novas correntes do pensamento europeu, que se orientavam no sentido da tolerancia e da comprehensão em face das diversas opiniões dos homens, Renan não pôde se sujeitar á tyrannia intellectual da Igreja. «Je n'aime pas beaucoup ceux qui vont au Paradis droit comme une flèche...» Estudou — e foi incluído no Index, entre outras coisas por haver limitado a acção do Christo a simplesmente seis ou oito leguas, na terra da Judéa, e por haver imaginado o Filho de Maria apenas como um homem illuminado pela divindade — um Christo humano, — cujo sacrificio seria como um eterno exemplo para a humanidade soffredora.

Uma analyse mais profunda revelará, porém, irremediavelmente, uma causa mais immediata — e até mais immediatista — para a attitudo de intolerancia da Igreja. O velho Ernest Renan defendia, com a penna que escreveu a *Prière sur l'Acropole*, a liberdade de pensamento e de critica, o direito de amar.

Como não condemnar a Igreja um homem que, por mais christão que fosse, tinha a coragem moral de, naquelles annos obscuros, negar a infallibilidade dos dogmas e se declarar alliado das verdades, não reveladas, mas demonstradas?

Não seria admissivel outra attitudo em face de um escriptor que affirmava, embora para si mesmo: «Ma maison est fermée à toutes les sectes, ouverte à toutes les vérités...»

EDISON CARNEIRO.

STENDHAL

DO AMOR

Em Edição ARIEL

Preço: 15\$000

«O Marquez de Olinda e o seu tempo»

Nota sobre o autor e o livro

Luiz da Camara Cascudo é um ser curioso e raro em nossa litteratura: um homem muito intelligente que, amando diversos territorios intellectuaes, justifica sempre o tempo de leitura que lhe damos.

Não é um palavroso vazio nem um mystificador de cultura. Para elle, as coisas possuem profundidade, e elle gosta de conhecer, de medir, de dominar, com uma honesta preocupação estudiosa, a profundidade dos assumptos dos quaes se aproxima. É um prazer acompanhá-lo através de um livro, de um ensaio e até, de uma carta. Porque Luis da Camara Cascudo, além de outros titulos, possui também este: é um dos homens que mais escrevem cartas, no Brasil, e as escreve com uma aguda oportunidade.

Muito estudioso, os seus trabalhos são sempre marcados por aquella linha de unidade facilmente reconhecível em quem tem o pleno dominio do assumpto. Veja-se, para exemplo, o seu estudo sobre a *Coucade*.

Escriptor elegante, principalmente nos ultimos trabalhos elle conduz a prosa como companheira docil. O seu *Stradelli* exemplifica.

Observador arguto, quantas informações não nos dá em breves linhas, quanta observação não recolhe, aparentemente sem importancia, mas, ás vezes, valiosas e compensadoras nas mãos de um especialista. O seu livrinho *Pelo Sertão*, onde reproduz uma observação que antes já me tinha feito verbalmente, contém nesse pequeno documento, uma das observações mais agudas e pittorescas sobre a ignorancia do nosso povo em relação a determinada carencia alimentar.

Agora publica Luiz da Camara Cascudo o seu livro sobre o Marquez de Olinda, livro meu velho conhecido, feito em 1931 e já anunciado, «para breve», num pequeno volume surgido em 1933...

Por aquella epoca tive o prazer de ler os originaes do Marquez de Olinda, cedidos a mim pelo nosso commum amigo Dioclecio Dantas Duarte, que tinha vontade de editá-lo. Dioclecio, por circunstancias quasi sempre presentes em nossa

vida editorial, não poudes realizar o seu desejo. E só agora, depois de ter passado pelo escriptorio da «Editorial Duco», com que o actual Secretario da Agricultura do Rio Grande do Norte pretendia melhorar o nosso mercado de livros, sae *O Marquez de Olinda e o seu tempo*. Lança-o a «Brasiliana», da Cia. Editora Nacional.

Este é mais um livro do historiador. E do epistolographo. Sentese o primeiro, vivo, agil, bulindo, pesquisando documentos, lendo longos discursos pronunciados no famoso Parlamento Imperial deste Brasil, coisa muito empertigada que existiu no seculo passado, especie de theatro sem novidades, em que os artistas eram dois: o partido conservador e o partido liberal, repetindo uma peça unica: um parlamento inglez entre bugres tontos. E uma das revelações mais curiosas que o historiador nos faz é a da exquesita troca de actuação entre os dois partidos, cada um pelos seus actos mais marcantes, brigando com o proprio titulo. Luiz da Camara Cascudo mostra-nos como os principaes gestos «liberaes» da nossa historia politica foram realizados por ministros ou gabinetes conservadores, emquanto que a maioria dos factos que hoje chamaríamos «reaccionarios» tiveram como autores ministros ou gabinetes liberaes... Porque o Brasil foi sempre assim...

Equilibrada vida, a do Marquez de Olinda. A sua acção foi a de um amortecedor de choques, sabendo

do sentir as injustiças e sabendo marcá-las na memoria, para o esquecimento. Era uma parede oposta aos ventos da demagogia. Um espirito ponderado, um pouco pesado, mas sincero. Devia guardar no espirito a sua formação em Coimbra, onde conquistou tres gráus de sabedoria e de onde voltou com a certeza de que deveria servir no Brasil. Foi logo recusando um emprego, que para elle representava um exilio bem pago no interior, e ficou á espera de que o chamassem. Chamaram-n'o. Foi eleito deputado pelo povo. Hoje não aconteceria isso.

O Marquez de Olinda está nitidamente exposto no livro de Luiz da Camara Cascudo. É um retrato de linhas firmes, de contornos destacados, de belleza precisa. Não um quadro cubista, nunca um retrato de tintas crúas: mas um retrato de linhas sobrias, severo, medido. Tudo isto refere-se ao conteúdo, á feição intima do livro, porque o material litterario, a prosa em que está escripto, esta é de uma graça ás vezes irreverente e leve. De certo que nos seus ultimos livros o escriptor melhorou a belleza e o nervo da sua prosa.

Agora que o tenho sobre a mesa, a esse livro que é um dos mais valiosos que a nossa litteratura historica produziu, volto a pensar no epistolographo Luiz da Camara Cascudo. Quantas cartas terá elle escripto para compôr estas 390 paginas? Logo ás primeiras elle esclarece quanto ás que mandou ao Reitor da Universidade de Coimbra, que certamente terá avaliado, ahi, como é bom possuir a graça de uma franquia official...

Mais um livro.

A «Brasiliana» possui mais um livro illustre, mais uma obra de duradoura repercussão.

O *Marquez de Olinda e o seu tempo* está destinado a circular amplamente, transportando em suas paginas dignas, a nova hora de vida de Pedro Araujo Lima. Luiz da Camara Cascudo não mentiu a si mesmo.

DANTE COSTA.

AINDA ESTE MEZ:

GASTÃO CRULS

HISTORIA PUXA HISTORIA

(Contos)

Edição ARIEL

Pedidos á

Civilização Brasileira S.A.

Rua 7 de Setembro, 162

RIO

Trois Livres de l'Année

Détaché à l'Université de Rio durant huit mois riches d'informations neuves — avril-novembre 1936 — j'ai pu « rayonner » souvent dans l'Etat de Rio, séjourner une semaine dans l'Etat de São Paulo, de la capitale jusqu'assez loin au Nord-Ouest, faire deux excursions au cœur de l'Etat de Minas Geraes, si différent. C'est peu. C'est beaucoup, si l'on tient compte des communications, lentes encore. Quelques conférences m'ont conduit pour cinq jours à Bahia, sur la côte, haut vers le Nord — trois jours de mer, ou presque —, avant le beau retour, en hydravion Clipper quadrimoteur, à Rio de Janeiro d'où le paquebot tirait droit sur Dakar, Casablanca, Gibraltar, l'Algérie, la France.

Trois aimables « Hommages d'Auteurs » m'ont permis, durant la traversée, de confronter mes propres impressions, diverses, mêlées, à celles que traduisent des livres tout récemment publiés, au vaste et lointain pays où l'éditeur garde quelque vaillance allègre et semble ne s'en point repentir.

Deux sont œuvres de jeunes: « Raízes do Brasil » (Racines du Brésil) par Sergio Buarque de Holanda, que j'avais eu pour « Assistant » à mes cours de Littératures modernes comparées; « Conceito da Civilização brasileira » (Idée de la Civilisation brésilienne) par son ami Affonso Arinos de Mello Franco, qui enseignait à l'Université l'histoire de la civilisation nationale en même temps qu'il occupait des fonctions importantes au Banco do Brasil; « Tendências e Diretrizes da Escola Secundária » (Tendances et Directives de l'Enseignement Secondaire) avec ce sous-titre, « Aspectos de Sociologia Educacional », par leur aîné A. Carneiro Leão, professeur d'histoire de l'éducation comparée et d'administration scolaire à l'Instituto Educação — la plus belle création pédagogique officielle de Rio — quelque temps directeur général de l'Instruction Publique pour l'Etat de Rio, actuellement et en outre professeur d'éducation et sociologie à l'Université du District Fédéral.

La méthode de ces trois ouvrages est assez diverse. A. de Mello Franco pense arriver aux dernières pages sans avoir relu ce *Conceito*, écrit en marge de ses cours à l'Université: méditations animées, intéressantes, « plus ou moins enchaînées », à travers lesquelles il faut en effet opérer plus d'une reprise ou suture. Il n'indique guère les dates des publications auxquelles il renvoie parfois. « Base philosophiquement assise », sa distinction théorique entre *cultura* et *civilização*, au cours de laquelle il cite Kant, Karl Marx, Oswald Spengler et l'ethnographe Leo Frobenius, Berdiaeff et Trotski, Jaurès, comme il cite, entre autres, Georges Sorel aussi bien que Rivarol, semble faire un peu long. Mais son évocation du Rio de naguère, pauvre ville coloniale, étendue, insalubre, triste, laide, chaude, malsaine, son apostrophe au Rio d'aujourd'hui, ne manquent pas d'accent. C'est, dit-il, la *cidade maravilhosa* des reporters et des chanteurs de T. S. F., la bien-aimée du Brésil, a *namorada do Brasil*. L'habitant du *sertão* qui crève la faim, le *boiadeiro* qui y suit le pas lent de ses bêtes, le « ventre vert » qui tremble de froid dans

la *serra* de Santa Catarina, pensent à elle, rêvent de venir dormir avec elle, parmi la tiédeur moelleuse de ses nuits. Ils oublient leurs peines, ils se rengorgent patriotiquement quand la nouvelle leur parvient qu'une miss anglaise, un prince asiatique, se sont ébahis devant ses brunes incurvations et le rire clair de ses ondes, qui jouent à rabattre de la chair morte sur ses plages. « Paysage à scandale, indiscret, qui s'offre... Cité féminine, dévêtue, comme une baigneuse au soleil, toute en courbures, tertres doux, ombrages et fraîcheurs excitantes. Cité spectaculaire, avec ses colliers de lumières, ses perspectives ouvertes de partout sur le mystère des forêts et des lacs... »

Il est difficile à un Européen de ne pas juger un peu injuste ce Pauliste d'origine, si naturellement avenant, et qui se fait puriste pour médire ainsi d'un des plus admirables cadres urbains du monde. Mais on aime son ardeur à noter, au nom de sa génération, ce qui la détacha d'un Rui Barbosa, illustre aujourd'hui encore, et ne lui fit plus guère voir en lui que le polygraphe, d'une extraordinaire capacité verbale, qui passe à côté des problèmes contemporains de réelle importance, sans même les percevoir. On est sensible aussi à l'inquiétude finale, parmi l'espoir que l'effort tenté ne sera pas vain: « Je ne m'en suis pas tenu à dire: nous sommes comme ceci ou comme cela. J'ai voulu rechercher, montrer pour quelles raisons nous sommes tels... J'ai montré... la cause historique de nos traits psychologiques les plus accusés. Aujourd'hui le problème est de savoir comment se développera, dorénavant, une civilisation travaillée par des forces si puissantes et si contradictoires... Inquiétant mystère... Si l'avenir des nations est à Dieu, l'Histoire nous enseigne ceci, qu'invariablement Dieu donne procuration aux hommes pour prendre la chose en mains. Et voici qu'encore je reste dans le doute, sans savoir si cet enseignement réaliste de l'histoire représentera pour nous, Brésiliens, une raison d'optimisme, ou de pessimisme... » De lui-même, ou par ceux qu'il rappelle, A. de Mello Franco aura beaucoup à nous apprendre, nous le verrons.

Les *Tendências* d'A. Carneiro Leão négligent volontiers de préciser une documentation assez abondante. Il a quelques exagérations ou erreurs, qu'il faut bien relever ici.

Par exemple, sur les insuffisances pédagogiques du professeur français. Il est peut-être, nous dit-on, le plus cultivé de la terre. Mais son peu de cas des sciences de l'éducation, de cours de démonstration et pratique pédagogique, le rend impropre à suivre la vie de ses élèves, leurs aspirations, les raisons de leurs déficiences, etc... Nous lui dirons, le plus amicalement du monde: Vous êtes orfèvre, M. Carneiro Leão. Pédagogie théorique, théories pédagogiques, fleurissent moins chez nous qu'au Brésil, surtout dans nos enseignements secondaire et supérieur; mais la théorie brésilienne paraît singulièrement en avance sur la pratique: en tout cas (ou même) à Rio, sauf à l'Instituto de Educação, création modèle. Selon notre auteur, l'histoire de l'éducation fournit peut-être le meilleur indice pour évaluer une

civilisation. Il convient, peu après, que l'éducation n'est point la grande panacée universelle. Mais il s'avoue un apôtre de la sociologie et de la psychologie éducationnelles, servies par la sociologie et la psychologie appliquées, la sociologie et la psychologie expérimentales. «La philosophie de l'éducation et l'administration scolaire (qu'il enseigne) auscultent les aspirations humaines et tâchent de découvrir des chemins, d'appliquer des procédés d'orientation, de direction. C'est dans l'harmonie entre ces deux éléments, individu, communauté, qu'arrivera certainement à se résoudre le problème du bien-être humain.»

Espérons-le. Mais il y a erreur aussi, je crois, à penser qu'en France notamment les études secondaires ont leur fin normale vers dix-neuf à vingt ans, que «Staatsexamen» ou «Studienratschaft» est aussi honoré, disputé en Allemagne que l'agrégation en France: les titres n'ont aucun rapport. On bloque à ce sujet, d'après une publication américaine de 1930, toute une série de «matières supplémentaires»: simples matières à option, elles ne sont pas plus professées dans toutes les Universités allemandes, que dans toutes les nôtres.

A. Carneiro Leão juge minime la «flexibilité de plans» dans notre enseignement secondaire, malgré la réforme Herriot-Bérard. Nous saurons quelle importance il donne à cette idée, combien il a raison de souhaiter la voir appliquée au Brésil. Mais il semble assez peu au fait de ce que nous avons acquis en ce sens. Selon lui, seul notre enseignement primaire supérieur en offrait un exemple complet, «quoique en un domaine restreint»: sait-il ce que put être le total d'élèves de ces cours, et des écoles techniques, total insuffisant encore? Malheureusement, dit-il, l'école primaire supérieure française ne conduit pas à l'Université, comme en Angleterre le type analogue de l'école centrale: nous avons pourtant chaque année dans nos Facultés nombre de candidats à la «licence primaire», fort bons sujets parfois. Juge-t-on bien l'état d'«innadaptation» aussi apparent dans l'éducation pratiquée aux colonies «françaises, hollandaises et belges», qu'aux possessions britanniques? En tout cas il est peu vrai que la réforme de 1925 ait eu cet essentiel objet: éliminer le latin des études modernes et scientifiques: l'enseignement dit moderne, ancêtre du D puis du B sans latin, eut pour père, si je ne m'abuse, Victor Duruy.

Il est exact qu'il faut pour la licence, après le baccalauréat, quatre semestres de Faculté, chaque «inscription» pouvant aboutir à l'un des quatre «certificats» obligatoires; mais presque tous nos étudiants y mettent plus de deux ans. Entre licence et concours d'agrégation, l'on mentionne le stage pédagogique dans un lycée: ignore-t-on l'année du Diplôme d'Etudes, laborieuse, en grande partie consacrée à la recherche libre? Il est à peine vrai que les vainqueurs du «tournoi d'agrégation, le plus rigoureux de France et, certainement, du monde», tous «exténués sinon définitivement épuisés», peuvent attendre comme chargés de cours dans quelque collège un poste d'agrégé: du moins il n'est plus guère question, depuis notre lointaine jeunesse, d'une insuffisance de chaires qui ramènerait à cette pratique accidentelle. Il y a plus d'inexactitude encore à établir, avec quelque

insistance, l'égalité entre agrégé français et Herr Professor allemand, qu'à réserver au *normalista* français le plus haut brevet de culture, dont les détenteurs seraient considérés comme les *leaders* de la pensée et des destins de la République. Cela *date* vraiment: d'avant la rénovation de la Sorbonne et la modernisation de nos Universités. Nous étions dix en mission à Rio, dont six anciens normaliens je crois: si le passage leur avait été soumis, eux-mêmes auraient souri, conseillé d'atténuer.

Mais l'auteur a une haute idée de notre enseignement, de sa valeur, de sa dignité, des garanties scientifiques et intellectuelles que présentent ceux qui en sont chargés, de la rigoureuse honnêteté qui préside aux nominations; en ceci l'exemple français lui paraît bon à suivre. Il écrit «à une heure de mal-être, de tâtonnements». Que de temps déjà perdu! il faut organiser l'enseignement secondaire, et de manière à diriger individus, sociétés, selon le sens des intérêts, des impératifs individuels et sociaux»...

Toute la fin de l'ouvrage s'anime d'idées généreuses: «La faiblesse de la démocratie est due essentiellement à ce qu'on veut rester bras croisés devant les forces du matérialisme destructeur... La crise terrible où nous nous débattons tient à la doctrine de l'individualisme égocentrique, maintenu ou toléré par un *laissez-faire* soi-disant démocratique». Sans être infidèle à son esprit, la démocratie doit réagir. Il faut organiser l'enseignement par rapport à la «richesse des aptitudes individuelles du Brésilien», aux nécessités, obligations auxquelles le Brésil doit faire face: «en pleine démocratie, par et pour la démocratie, dentro da democracia», sans pourtant s'inféoder aux «idéologies asservissantes», à leurs «étendards sauveurs, plantés de droite ou gauche dans le sol stérile des dictatures». Au Brésil actuel, ceci est gros de sens.

Ailleurs, une documentation intéressante, précise, sur l'état international de la question enseignement. — Aux Etats-Unis, qu'on loue pour la souplesse de leurs programmes, les progrès accomplis entre 1890 et 1930: non sans montrer quel péril comporte l'extrême liberté de choix laissée aux élèves entre disciplines d'importance fort inégale. — En Grande Bretagne, où l'on apprécie beaucoup aussi «l'unité dans la variété». — En Italie, — en France, nous le savons. — Et encore aux Philippines, à Porto Rico, dans les colonies anglaises. — Enfin au Mexique ou en Russie, qu'on félicite de n'hésiter point devant les innovations nécessaires: tout en apportant à l'éloge les correctifs attendus: nul Brésilien ne doit être tenté d'en douter, ce qui peut convenir à des pays aussi extrémistes, ne saurait actuellement réussir chez lui.

S. Buarque de Hollanda équilibre heureusement sa matière: Frontières d'Europe, Travail et Aventure, le Passé Agraire, l'Homme Cordial, Temps Nouveaux, Notre Révolution. Il épingle à trois chapitres du Salluste, du Milton, du Nietzsche en épigraphe. Ses références précises, sobres, renvoient à quelques auteurs français, dont Georges Sorel, à un ouvrage anglais sur la littérature américaine, à une dizaine d'œuvres écrites aux Etats-Unis et, en quantités à peu près égales (une vingtaine), à des publications brésiliennes ou allemandes. Celles-ci, philosophiques ou

Natal no Arranha-Céo

A árvore centralisava as atenções. Era um galho verde de pinheiro, pingado de algodão fingindo neve. Brinquedos, enfeites e velas minúsculas de todas as cores prateavam as pontas. Em cima, no topo, uma bandeira paulista e um retrato de Shirley Temple, arrancado a uma revista.

As tres velhas, mães das locatárias, tiravam effusões salivosas dos tunneis das bocas. Atropelavam de augúrios os recémchegados, como crianças que se divertem num brinquedo estúpido.

— Bon Natale! Bôas Festas! Buena Felicitá de Ano Novo! Bon Anos! Bon Natale! Altretanto! Buona Felicitá! Bon Natale!

As mulheres perfumosas e pintadas, sentaram-se em roda.

De repente, um rapaz minúsculo e elegante, de monoculo, bateu palmas e serviu de spiker. Era o tenente Magnolia. Com uma voz grossa que parecia impossivel brotar de tão pequena figura, annunciou a grande dansarina Olguita. Um fantasma de cartolinha, busto prateado e calção curto, apareceu sobre pernas de uma molle brancura doentia, com botinas fofas de boxeur e sapateou errado numa barulheira sem rythmo que a musica da victrola inutilmente corrigia. Foi-se sob grandes applausos.

As velhas sorriam encantadas:

— Dansa molto bene!

— E' du teatro! informou uma.

— Si vê!

Em seguida, o imperial Mikael fez uma apparição tragica. Recto, immovel, numa blusa russa sobre grandes botas, trouxe á mesclada assembléa, o aviso soturno e inutil dos «Barqueiros do Volga».

— Parece padre! disse uma velha respeitosa.

Mikael rolou como um boneco duro, pelo encerado. Agachava-se e, sob um delirio de palmas, executou difficulosamente a dansa popular de seu paiz, perna vaz, perna vem, levanta, desce, corripia, lembrando o antigo e sumptuoso official czarista, numa impeccavel seriedade.

Seguiu-se um numero de alta sensação. Magnolia annunciou a gigantesca cantora Lisote. E uma criança de sete annos, inexpressiva e gordinha no vestido curtissimo de seda, com uma ferida mal curada no joelho, entrou rebolando e cantando uma musica nacional.

— *Se a lua contasse*

O que vê...

A assistencia acompanhava-a em côro. Até as tres velhas queriam solfejar pelo tubo furado das bocas que sopravam.

Animada ella desprendeu-se de toda a timidez da infancia. Mexeu as ancas, movimentou os olhos e o sorriso e numa malicia crescida, levantou, na frente, com as duas mãos, o vestido.

Lá fóra, o nascimento de Christo annunciava-se nos sinos, nos postes da Light e nos apitos demorados das fabricas.

OSWALD DE ANDRADE.

(Do romance «Marco Zero», em preparo).

Edição Ariel:

GERMANA

Romance de VICTOR AXEL
NOVIDADE

PINHEIRO VIEGAS

Com o fallecimento de Pinheiro Viegas, que se deu recentemente na Bahia, perde o paiz um dos seus grandes poetas e talvez o seu maior epigrammista. Foi elle celebre nas rodas bohemias do Rio de Janeiro por volta de 1910 quando publicou, com grande successo, os seus *Poemas da Carne*. Amigo de Lima Barreto, Emilio de Menezes, Luiz Carlos e Agrippino Grieco (merecendo deste ultimo paginas de commovido elogio na *Evolução da Poesia Brasileira*) foi por vezes chamado de «rimador Millionario». Deixa esparsa uma grande obra poetica, constante ella não só de sonetos admiraveis como de varias centenas de epigrammas sobre as nossas figuras mais conhecidas. Passou o fim da sua vida na Bahia e foi em torno d'elle que se reuniram Alves Ribeiro, Jorge Amado, João Cordeiro, Dias da Costa, Clovis Amorim, Aydano do Couto Ferraz e Edison Carneiro, sendo que Jorge Amado fez de Pinheiro Viegas o heroe central do *O Paiz do Carnaval*, retratando-o no Pedro Ticiano do livro.

Não deixa apenas uma notavel obra. Escrevendo tão bem em prosa como em verso, são innumerados os seus artigos espalhados pela imprensa do paiz.

Os seus amigos pretendem reunir a sua obra poetica num volume de *Poesias Completas* e os seus artigos num livro que levará o titulo de *Arte de Desagradar*. O BOLETIM DE ARIEL perde em Pinheiro Viegas um dos seus mais illustres collaboradores.

Neynes — *O caminho de Gilgamesh* — Rio.

Ou muito nos enganamos ou está ahi alguém que amanhã será um dos nossos grandes aphoristas philosophicos. O sr. Neynes, de quem não sabemos coisa alguma, de quem não conhecemos senão este livro, tem o talento das definições concisas, cortantes, que obsedam a memoria, exprimem muita emoção ainda confusa em nós, sublinham innumerados acontecimentos da nossa vida mental e moral. Abusa elle do paradoxo, deixa-se opprimir ás vezes pela sombra atormentada e atormentadora de Nietzsche? Talvez. Mas o seu trabalho é daquelles que o Brasil não produz senão com largos interregnos.

sociologiques, presque toutes datées de 1921 à 1930, sans doute consultées sur place, durant un assez long séjour que l'auteur a fait en Europe voici quelques années, comme journaliste: entre autres Nietzsche, déjà nommé, Max Weber, Oswald Spengler et, bien entendu, les Méditations Sud-américaines de Keyserling. A propos de l'«Homme Cordial» au Brésil, de la vie familiale, de son organisation «patrimoniale» et ritualiste, tels souvenirs d'Antigone, de Johnson et Boswell son biographe, de quelques «pédagogues et psychologues, les plus vénérés d'aujourd'hui» (ils sont Américains du Nord) ou encore, de voyageurs au Japon, semblent tirés d'un peu loin, traînants parfois.

Mais c'est une impression exceptionnelle. L'ensemble se tient fort bien; telles pages denses sont d'une remarquable netteté.

A. Carneiro Leão se limite à un point de vue strictement professionnel, de haute importance actuelle! Celui d'A. de Mello Franco est de psychologie sociale. S. Buarque de Hollanda oriente le sien, délibérément, vers la politique présente et future. — De ces angles divers d'où leur regard converge, en somme, comment jugent-ils tous les trois leur grand pays, ses tendances originelles et sa vie aujourd'hui, comment voient-ils son avenir?

HENRI TRONCHON.

Technica Educativa

A segunda edição do volume *Testes A.B.C.* do professor Lourenço Filho coincide com o aparecimento da sua tradução argentina feita por José Forgione e prefaciada pelo conhecido educador Ernesto Nelson.

A só referencia a estas duas circunstancias daria o relevo necessario ao merito do trabalho do educador brasileiro que dirige o Instituto de Educação do Districto Federal, trabalho que constitue sem duvida a maior contribuição brasileira á technica moderna de educação.

A simples transcrição das opiniões dos maiores especialistas da America e da Europa, Terman e Pintner, Pieron e Ballesteros, daria a ordem de grandeza do novo livro de Lourenço Filho.

A' medida que a educação primaria augmenta em extensão e se amplia em complexidade, para se ajustar ao rythmo da evolução social de nossa epoca, o problema iniciação escolar se torna cada vez mais um problema de rendimento, sendo necessario portanto o emprego de meios e recursos praticos que logrem augmental-o.

Partindo de observações directas, cuidadosamente seriadas, depois de longa e prudente experimentação, conseguiu o professor Lourenço Filho, com um grupo de 8 testes, verificar a maturidade necessaria para a aprendizagem da leitura e da escripta.

O que isto representa realmente de util para o trabalho escolar, nunca será demais encarecer. E é resultado de uma applicação a cerca de 40.000 individuos, em diversos serviços de psychologia applicada.

O trabalho em apreço é além disso uma exposição clara, synthetica dos elementos que a psychologia moderna vem fornecendo á educação, como sejam os conceitos de idade escolar e chronologica, de idade mental e quociente intellectual, apresentados num exame critico, arguto e objectivo.

Baseado em solido fundamento theorico termina com um «Guia de exame» que permite a utilização facil e immediata dos Testes A.B.C., que poderíamos com muita jus-

tiça appellidar — *Testes Lourenço Filho*.

Felizmente que, repetindo a outra do volume — *Escola Nova*, da Edição Labor, a versão castelhana vae levar agora esta contribuição brasileira á educação a outras terras e a outras gentes, evitando que de futuro tenhamos de recebê-la, de torna viagem, como extranha, em outra lingua.

FRANCISCO VENANCIO FILHO.

A respeito de «Pureza»

José Lins do Rego, autor do «Cyclo do Assucar», do qual o primeiro volume appareceu em 1932, tornou-se de um dia para outro um dos autores brasileiros mais lidos. Com o seu novo livro *Pureza*, elle ganhará de certo novos amigos.

Ficamos mais uma vez captivados pela sua simples, forte e tão natural arte de narrar que, justamente por isso, nos parece mais verdadeira. É uma arte que evita todos os pedantismos de estylo e de motivos, dedicando-se singelamente ao seu assumpto com consciencia e delicadeza. E a nossa admiração, é tanto maior quanto a attitude artistica, justamente porque se trata em *Pureza* de um thema difficil — um pouco fóra do vulgar — e, por conseguinte, exigindo para a sua composição mão segura e habil, afim de que o leitor possa acompanhá-lo no estudo complexo de varias almas, sem prejuizo da sensação de felicidade esthetica.

E tudo isto é apresentado num tom que possui a qualidade de ser simples e natural — aliás a que já nos habituaram os trabalhos anteriores de José Lins do Rego — cheio da singeleza e côr proprias das cousas, que nos são mostradas no seu proprio ambiente. Accrescente-se que, desta vez, sente-se muito maior o dominio do escriptor sobre a sua lingua. Sem nenhum prejuizo da vivacidade da descrição, elle evita agora, com exito, aquellos realismos mais duros que, por vezes, ultranassavam os limites do dominio artistico. Também pelo facto de conseguir maior effeito artistico ao accentuar e repetir argumentos e descrições, o que não contribue pouco para um mais amplo rythmo da narrativa. Se elle já começara a experimentar essa technica em livros anteriores, aqui ella se affirma, e isso não deixa de demonstrar o continuo progresso do autor.

Em fim, *Pureza* nos convence que José Lins do Rego não esgotou os seus themas com o «Cyclo do Assucar» e, assim, temos o direito de esperar — e com muito prazer — a obra futura de um escriptor dotado de grande talento e funda visão psychologica.

Dra. Elfriede Kant.

(Transcripto e traduzido da *Ibero-Amerikanische Rundschau*, de Dezembro de 1937. Hamburgo).

Agenor Augusto de Miranda — *Estudos piauienses* — Comp. Editora Nacional — São Paulo.

Mais um volume da excellente collecção «Brasiliana», que já excedeu do numero cem e é um dos grandes commettimentos da intelligencia nacional. O autor do livro, conhecedor directo de boa parte do Norte, tornou-se intimo de quantos amam o Brasil com um magnifico estudo sobre o rio S. Francisco.

A. C. Tavares Bastos — *Cartas do Solitario* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Ao proferirem os nomes de Alberto Torres, Oliveira Vianna e Gilberto Freyre, não esqueçam nunca o de Tavares Bastos. Sem o trabalho preparatorio deste não seria possivel a admiravel actividade sociologica e ethnographica daquelles tres. Tavares Bastos foi o primeiro a tomar o rumo das pesquisas mentaes que nos explicassem o Brasil.

Affonso Schmidt — *Zanzalás* — Edição Spes — S. Paulo.

O grande poeta Affonso Schmidt dá-nos agora uma novella dos tempos futuros. Influencia de Wells, dos Rosny, de Anatole France? Creemos que influencia, antes de tudo, do proprio Schmidt. É este um escriptor que parece ter muitas mascaras e mudar de livro para livro, mas o certo é que ha nelle de immutavel, acima de todos os jogos trivols do espirito, o dom da profunda humanidade.

Azevedo Amaral — *O Estado autoritario e a realidade nacional* — Livraria José Olympio Editora — Rio.

Mesmo discordando delle agrada-nos conversar com elle, — foi mais ou menos o que affirmou a proposito do sr. Azevedo Amaral o critico Tristão de Athayde. Com effeito, é extrema a polidez desse grande trabalhador do espirito que tem revolido tantos problemas essenciaes do Brasil de hoje. Sente-se-lhe uma caixa thoraxica bastante forte para respirar no mundo das idéas. E elle da linhagem dos Romier e dos Labriola.

Carlos Madeira — *O romance de Chereza Maria* — Imprensa Official Editora — Victoria.

Bom tradutor de Saint-Hilaire, o sr. Carlos Madeira também não traqueia quando produz por conta propria. Já se mostrou um desenvolto contista nos *Caicaras e agora*, no *Romance de Chereza Maria*, vem-o perfeitamente á altura de afrontar o mais arduo dos generos litterarios de hoje. A narração, bem construida através das confidencias autobiographicas da heroína, marca o advento de mais um brilhante novellista para o Brasil.

Luiz Vianna Filho — *A Sabinada* — Livraria José Olympio Editora — Rio.

E esse um levante nortista de que toda a gente ouviu falar de modo sumario, sem o distinguir nitidamente da Cabanada, da Balaiada, de tantos outros movimentos de rebeldia popular que puzeram em perigo a unidade organica do Brasil. Bem andou, portanto, o sr. Luiz Vianna Filho, a quem as bibliothecas e archivos bahianos sempre mereceram frequencia assidua, evocando com tamanho vigor a revolução de 7 de Novembro de 1837.

TRES ROMANCES

Tenho insistido em que, na litteratura brasileira, ainda não é possível classificar os escriptores actuaes dentro de quadros definidos. Ha entre elles uma diversidade de rumos, de methodos, de «espíritos», que transforma cada individualidade de per si numa corrente litteraria autonoma. A vida brasileira ainda não achou uma expressão definitiva de si mesma. A instabilidade e o individualismo das tendencias litterarias caminham a par com a instabilidade e o individualismo das tendencias philosophicas, sociaes e politicas.

Tres romances ultimamente apparecidos confirmam essa affirmativa. Refiro-me (adoptando a ordem chronologica) ao *Amanuense Belmiro* de Cyro dos Anjos, ás *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos e á *Pedra Bonita* de José Lins do Rego.

Cyro dos Anjos restaura — não sei se intencionalmente ou se insensivelmente — uma technica de romance que nos lembra Machado de Assis e Lima Barreto. Conta-nos a vida de um amanuense, num ambiente de cidade e de repartição publica. Em torno d'elle gravitam figuras curiosas: um anarchista lyrico, uma socialista, um burguez que não toma partido, um aristocrata, um intellectual impregnado de hierarchia. Tudo nos aparece através das paginas de um diario do amanuense, escripto com a linguagem e o espirito do amanuense. E' indubitavel a capacidade que o autor revela para encarnar o espirito do seu personagem: em cada pagina e em cada linha está-se dentro da alma do amanuense Belmiro, e é através do seu espirito que contemplamos o seu mundo. Dahi, talvez, algo de incompleto, de caricaturesco, de mal comprehendido que notamos na descripção dos outros personagens: comprehendemos logo que o autor era forçado a isso, já que escrevia atravez da penna de Belmiro Borba.

De vez em quando, o romance ventila problemas de pensamento: o autor revela erudição philosophica através do personagem Silviano e de Jeronimo. Ha outros typos secundarios bem apanhados: Giovanni, Emilia, Francisquinha. Como romancista, Cyro dos Anjos demonstrou que sabe fixar typos e encarnar-se de modo feliz no espirito do personagem escolhido para centro de gravitação de todos os problemas do romance.

Não obstante isso, sente-se em Cyro dos Anjos alguma coisa que nos leva para um mundo distante do presente. Ficamos na duvida se existirá mesmo o seu Belmiro em 1938, com os seus problemas de amor, a sua roda e a sua visão do mundo. E' possível que exista, porque em todos os tempos e em todos os lugares parece haver de todos os typos. Mas uma coisa é certa: o typo Belmiro não é um typo representativo das tendencias tragicas da nossa época. Sua época já vai recuando pelos annos em fóra. Belmiro será hoje um typo perdido entre milhões de typos diversos, que o desconhecem e que são até capazes de lhe negar a existencia. Entre mil amanuenses da cidade e do interior, o amanuense Belmiro, com a sua Arabela, as suas angustias, as suas reflexões, sobresaé como a vóz distante de

um passado espiritual que os problemas cruciantes do mundo presente vão matando. A sua propria maneira de julgar seus companheiros — alguns mais actuaes do que elle, como Jandira, Redelvim e Silviano — revela um prisma que ainda repousa na tranquillidade de um mundo onde não havia sombras nem luzes intensas — nem as sombras da fome e da miseria, nem as luzes da guerra e dos punhaes desnudos ao sol...

Emquanto Cyro dos Anjos rasga essa linha de imersão em tempos já vividos, nos transporta a ambientes que, embora sendo de hoje, parecem viver, não da consciencia do presente, mas da saudade ou do prolongamento inconsciente de um dia de hontem a caminho do poente, Graciliano Ramos se desliga dessa tradição de typos e costumes do Brasil de nossos paes e de nossos avós, concentra-se inteiramente no presente: num presente sem nenhum colorido ideal e sem nenhum véu que lhe dê apparencia menos crua, menos material e menos tragica do que a sua propria. Em *Vidas Secas*, o ambiente é de miseria, de oppressões, de soffrimentos. O proprio estylo respira miseria. Cada pagina e cada linha é um pedaço da paizagem da secca nordestina e da miseria daquellas almas torturadas que seguem o seu destino cheio de aspirações impossiveis, perseguido de sombras oppressoras e de conflictos interiores onde ha fantasmas maiores que os da fome e tyrannos mais fortes que a terra esteril e o sol impiedoso. O romance de Graciliano Ramos não desperta a menor aspiração, um sorriso sequer de contentamento. Tudo ali é aniquilamento e asphyxia, falta o ar, falta espaço para nos movermos, falta luz para despertar entusiasmos. A realidade grita com tal força na sua materialidade crua, que a gente se sente de improviso dentro de um mundo onde tudo parece conspirar contra nós e onde o homem será irremediavelmente esmagado se não puder gritar tambem, se não puder fugir, se não puder vencer um dia a força dos elementos. A grande arma de Graciliano Ramos é o escalpello: disseca as almas de uma familia miseravel, faz a anatomia dos movimentos, despe os themas de toda e qualquer apparencia, reduz tudo a osso e a carne viva. Até a alma da cachorra Baleia reflecte os problemas e as angustias da familia de Fabiano e de Sinhá Victoria. Que alma de gente, a dessa cachorra! Sua morte é tragica: é a injustiça mais revoltante de todo o romance; diz mais coisas contra o mundo de Fabiano que qualquer das outras personagens.

Graciliano Ramos não se expande nunca nos grandes ambientes. Sua alma é fechada, suas descrições caminham sempre dentro de pequenos circulos: vê o mundo pelo microscopio. Mas dentro desses circulos, sua penetração é grande, sua capacidade de dar vida e significação a detalhes aparentemente insignificantes attinge um gráu tão forte de expressão, que nos revela nisso todo o segredo do romancista.

O contrario disso é José Lins do Rego. *Pedra Bonita* reafirma as suas tendencias para o romance social propriamente dito. O que o apaixona são as

grandes linhas, a movimentação dos grandes escenarios, cidades e campos se mexendo, gente se misturando, se succedendo através dos espaços e das gerações. Factos que se entrelaçam, annos que passam, transformações que se operam: a vida social se deslocando, evoluindo, mudando-se. *Pedra Bonita* revive um dos phenomenos mais tragicos dos nossos sertões: o fanatismo religioso, que faz surgir prophetas e produz mortandades pavorosas. E, ao lado disso, o problema sempre palpitante dos cangaceiros e das expedições do Governo que, ás vezes, ainda causam estragos maiores e crimes mais horrendos que os do proprio cangaço. O cangaceirismo e o fanatismo religioso são os dois grandes problemas sociais que caminham unidos no novo romance de José Lins do Rego: ambos filhos dos mesmos complexos de cultura, da mesma tendencia sadica e fetichista das massas, do mesmo ambiente excitante dos sertões. Ao lado, vão desfilando typos sociais caracteristicos, com as suas rixas, o seu prestigio popular: o juiz de direito, o coronel prefeito, o vigario, o coiteiro, e — o que mais sobressae no romance — o tocador de viola, o famoso cantador dos sertões que arranca lagrimas dos homens, movimenta as festas, as feiras e as fazendas. E todo esse complexo de influencias sociais se refletindo a cada passo na alma de um adolescente que a tudo assiste — Antonio Bento, que apparece como um espelho fiel do seu meio e de todos os problemas que se agitam em torno delle.

O drama da *Pedra Bonita* anima todo o romance, inspira as descripções. José Lins não se demora em aprofundar detalhes, como Graciliano Ramos; mas se alarga nos ambientes, nas paizagens, nas influencias reciprocas das pessoas. É prolixo — ás vezes em excesso — especialmente quando narra os pensamentos dos seus personagens. Mas é indubitavel que seu estylo ganhou muito em força sobre os romances anteriores.

Se confrontarmos agora esses tres romances, quasi nada acharemos entre elles de commum. Graciliano Ramos é concentrado, penetrante, preciso nos detalhes. José Lins do Rego é dispersivo, voltado para os grandes ambientes. Cyro dos Anjos é frio, recolhido, buscando o sentido das coisas não em grandes analyses ou em grandes movimentos, mas em pequenos fragmentos da vida diaria que affluem ao seu caderno de notas. Graciliano Ramos se expande em profundidade, sondando almas, dissecando detalhes de movimentos. José Lins do Rego se expande em extensão, perdendo-se nos grandes espaços onde se movimenta a massa humana. Em Cyro dos Anjos, as expansões se fazem aos saltos, através de associações de idéas que principiam e morrem com os pequenos motivos que surgem nos choques e sucessos da vida.

Em José Lins do Rego a realidade se desnuda como uma continuidade de mutações sem fim: seu mundo caminha com as transformações do ambiente social, novos typos vão apparecendo, novos problemas, novos horizontes despontam a cada passo. Em Graciliano Ramos, o mundo apparece focalizado obcessivamente na mesma ferida: ha alguma coisa que lhe impede a cicatrização. Suas personagens mudam

de ares, de vestes, de nomes, de ambientes: mas seus problemas são fundamentalmente os mesmos. Dir-se-ia uma alma eternamente voltada para si mesmo, vivendo as mesmas angustias, mas sabendo pintalas de varios modos, conforme as suggestões da oportunidade e do talento. Cyro dos Anjos fica ainda mais longe de ambos: o mundo do *Amanuense Belmiro* é um mundo parado em meio de indecisões tremendas. De um lado a crença de que algo perdura no homem, que tem necessidades e problemas eternos: crença instavel, que parece mais inquietante do que confortadora; de outro lado a indecisão da hora presente, cuja gravidade é attenuada pelo receio de não poder resolvel-a. O espirito de Belmiro não será o do romancista; mas a *razão de ser* da escolha do typo Belmiro para um livro de estréia está forçosamente no espirito do romancista... E por mais que se possa reduzir a participação do romancista nos problemas do seu personagem, será impossivel occultar essa direção central, que está no espirito do autor: alguma coisa o chama para dentro de si mesmo como para um refugio necessario. Como se a realidade «individuo» fosse a unica coisa certa, duradoura, remediavel, no meio dos insoluveis problemas da sociedade, da philosophia e do amor.

O mundo de Graciliano Ramos clama com todas as vozes por uma solução immediata. Elle não nos diz qual e; mas a necessidade della se sente através de suas paginas como um asphyxiado que precisa de ar. Em Cyro dos Anjos nada pede solução; os que pretendem apresentar soluções, falham sempre, reuam, acabarão se convencendo do seu erro; a unica solução possivel está na vida de cada um. O espirito do romancista parece que se encerra todo na visão do seu poeta sem nome: «Mundo, mundo, vasto mundo, mais vasto é o meu coração». Em José Lins do Rego as soluções se vão apresentando por obra da propria evolução social: a sociedade se transforma, se corrige a si mesma, se aperfeiçoa cada dia como se uma força superior a impellisse sempre para diante.

Tres romances. Tres mundos differentes...

ALMIR DE ANDRADE.

Gilberto Freyre — *Casa Grande & Senzala* — Schmidt Editor — Rio.

Muito nos alegra o apparecimento da terceira edição de um dos livros mais ricos de substancia que o Brasil já produziu. *Casa Grande & Senzala* merece, sob todos os aspectos, esse raro exito de livraria. Ahi está o que de melhor apresentou a nossa sociologia nova, e numa linguagem de extremo encanto, de quem para parecer profundo não carece de entediar o proximo. Quanto á feitura typographica do volume, continúa a ser magnifica, havendo um grande interesse de elucidação nas gravuras que acompanham o magnifico texto de Gilberto Freyre.

Matheus de Albuquerque — *Carta a um voluntario* — Ariel — Rio.

O sr. Matheus de Albuquerque incluye estas chronicas entre as que escreveu nos «annos de aprendizagem». Injustiça comsigo proprio. Evidentemente o sr. Matheus se fez depois um dos nossos romancistas em que mais se detém os leitores captivos dos problemas da intelligencia. Mas os trechos avulsos da *Carta a um voluntario* são de chronista que appareceu logo perfeito em seu genero. O que estampou no *Paiz* de Eduardo Salomonde e João Lage foi (lembramol-o bem) acontecimento na historia do nosso melhor jornalismo litterario.

Musica

A estação musical, apesar do calor se ter prolongado um pouco além da medida, estava em tempo de começar. Mas até o presente momento houve apenas ensaios isolados e muito tímidos. Este marasmo, aliás, embora parcialmente justificado, não é o unico elemento em que baseamos o nosso pessimismo em relação ao anno official que ora se inicia.

Com effeito, o mais superficial balanço que se dê na nossa musica durante os ultimos tempos só poderá demonstrar a decadencia das suas actividades.

Ha muito que não temos concertos symphonicos, e quanto aos recitales, basta lembrar que os virtuosos estrangeiros já não tentam os nossos emprezarios, visto que um homem como Casals, que sempre enche as casas de espectáculo em qualquer parte do mundo civilizado, não conseguiu exhibir-se no Rio a não ser numa sociedade particular.

Não sabemos si haverá quem ainda sustente ser o carioca um povo essencialmente musical. Si assim é, as suas attensões devem estar agora dirigidas ao radio ou a qualquer outro derivativo.

Vem a proposito recordar que o ultimo esforço, feito aqui, para dar importancia social á musica foi tentado por Burle Marx. Não se pode negar que esse illustrado maestro conseguiu que a nossa sociedade chamada fina se interessasse, durante breve temporada, pela musica de melhor qualidade. Mas a temporada durou pouco. Ao que parece as energias de taes ouvintes não eram muitas, e logo se consumiram. O maestro, desilludido e exgottado, teve que arrumar as malas e procurar outros páramos, preferindo arriscar-se a enfrentar o desemprego nos Estados Unidos, a ficar com a proverbial hospitalidade da nossa gente amavel.

Consta em certos circulos que Burle Marx vae voltar. Terá elle a coragem de fazer novas tentativas?

Não podemos terminar estas linhas ociosas sem assignalar um facto notavel: a Sra. Bezanson resolveu, ao inaugurar a sua temporada theatral, prestar uma homenagem á musica symphonica. E assim tivemos, ha poucos dias, no Municipal, deante de publico elegante, um apreciavel concerto sob a direcção do maestro Guarnieri, e com o concurso da voz admiravel de Violeta Coelho Netto. O mais importante da noite foi veritificar que a orchestra do Municipal não peiorou absolutamente depois das vagas consequentes á lei das desaccumulações. Pelo contrario, poudese ver que há agora como que mais equilibrio, resultante talvez da maior docilidade de certos musicos á batuta do dirigente. Parabens.

C. de S.

Luiz da Camara Cascudo — *O Marquez de Olinda e seu tempo* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Nossos leitores bem sabem o que exprime Luiz da Camara Cascudo no momento litterario do paiz. Seus escriptos são dos que mais interessam aos familiares do *Boletim de Ariel*. Cultura, gosto e

medida: eis as características de um proador que mantem um bello rythmo de equilibrio até mesmo á hora dos maiores entusiasmos. Antigo biographo do Conde d'Eu, apega-se elle agora a um typo de muito maior corporatura em relação ao Brasil administrativo e politico, ou seja o glorioso Pedro de Araujo Lima.

Cassiano Ricardo — *Discurso de recepção* — Bandeira Editora — S. Paulo.

Uma das melhores orações já ouvidas nos reductos da Academia Brasileira de Letras. O sr. Cassiano Ricardo expressou-se naquella ambiente como quem não abdica das suas qualidades de poeta desatogadamente innovador. Esse homem, que tanto fala do Brasil antigo, do Brasil dos bandeirantes, é o mais moderno dos dos modernos. E nelle a materia prima dos altos pensamentos adquire sempre, ao contacto de uma arte perfeita, a mais rara plasticidade de expressão.

Nina Rodrigues — *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

É a terceira edição, com prefacio do sr. Afranio Peixoto, de um dos nossos livros essenciaes em materia de ethnographia e criminologia. Mestre ainda hoje inexcédido nesses dois sectores, Nina Rodrigues está sendo, cada vez mais, um fecundador de espiritos jovens. Os srs. Arthur Ramos, Edison Carneiro e tantos outros citam-lhe com reverencia o nome, proclamando, sem invejosos circumloquios, o muito que lhe devem as sciencias sociaes do Brasil.

Simão Ferreira Paes — *As famosas armadas portuguezas* — Ministerio da Marinha — Rio.

Apressamo-nos em dar aos nossos bibliophilos a excellente noticia de que está afinal completo o trabalho de reconstituição do manuscripto inedito de Simão Ferreira Paes, graças á perseverança e á perspicacia do capitão de fragata Didio Iratym Affonso da Costa. É um bello testemunho historico da bravura dos lusos que se salva do olvido, porque um verdadeiro amigo dos livros trabalhou mezes e mezes no afan de disputal-o aos bichos e ao mofo. E o precioso autographo póde já agora ser percorrido na integra por quantos amem os escriptores portuguezes de outrora.

Um Livro sobre o Brasil

O Professor Henri Tronchon, que aqui esteve o anno atrazado, fazendo parte da Missão Universitaria Franceza e, na Universidade do Districto Federal, regeu com brilho invulgar a cadeira de Litteratura Comparada, dentro em breve lançará em Paris, na collecção «Les Lettres», um volume em que dará as suas impressões sobre o nosso paiz. E deste livro annuciado sob os melhores auspícios e de grande interesse para todos nós, brasileiros, que, em outro local desta revista os nossos leitores encontrarão um interessante excerpto, publicado em francez, para que com mais justeza se lhe aprecie o sabor.

DOM PEDRO THE MAGNANIMOUS

A distincta escriptora americana Sra. Mary Wilhelmine Williams, teve a gentileza de nos offerecer um exemplar do magnifico livro que, sob o titulo acima, consagrou á personalidade de D. Pedro II. Trata-se, sem favor algum, de uma obra merecedora dos maiores elogios, não só pelo trabalho propriamente da escriptora, como pelas valiosas fontes bibliographicas de que promana a sua copiosa erudição sobre o assumpto. Aliás, chegamos á ultima hora o esplendido volume, que se enriquece de muitas gravuras, e só mais de espaço, em outro numero desta revista, poderemos dizer o prazer com que estamos lendo *Dom Pedro the Magnanimous, Second Emperor of Brasil*.

Luiz Guimarães Filho — *Fra Angelico* — A Noite S. A. Editora — Rio.

Delicada evocação de um dos maiores pintores da Italia. Aquelle que retratava Christo, a Virgem e os Santos de joelhos, chorando de emoção, encontrou em nosso patricio um historiador erudito e feliz. Quantos, em percorrendo as paginas do sr. Luiz Guimarães Filho, não terão desejos de uma excursão á Italia só para enlevar-se deante das télas de Fra Angelico! Falar assim de um morto é, em verdade, revivel-o deante dos leitores.

Acaba de apparecer:

REVISTA DO SERVIÇO DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO NACIONAL

Em todas as livrarias ♦♦ PREÇO: 4\$000

Pedidos á Civilização Brasileira S. A.
RIO DE JANEIRO

Um pensador de idéas claras

Não passará certamente despercebido aos olhos da critica vigilante o livro que, sob o titulo *Problemas do Nosso Tempo*, acaba de publicar o sr. Danton Jobim. Por isso deixamos aos criticos officiaes, a tarefa de analysar nos seus detalhes a obra do jovem pensador que tambem se affirma como um dos mais dextros prosadores da sua geração.

Temos certeza de que a pequena brochura do sr. Jobim, que foi em todos os seus capitulos longamente meditada e está escripta num estylo que é um admiravel modelo de conforto litterario, dará lugar a largas discussões em torno das idéas que suggere e das questões que investiga.

Dominando uma cultura que não seria nunca a de um improvisador, o sr. Jobim possui o dom de tratar dos assumptos mais aridos com uma leveza e uma graça que estão a trahir nelle o fino homem de letras. No presente volume, reuniu o autor varios ensaios sobre assumptos de economia e politica internacional, revelando-se um arguto commentador dos principaes acontecimentos da politica mundial e sobretudo um perfeito conhecedor da realidade brasileira.

Avesso ao triste romantismo dos que acham que «nossos céos têm mais estrellas e nossos campos têm mais flores», prefere a linguagem irresponsivel das cifras, e embora seja dos que medem e apontam as enormes possibilidades economicas do Brasil, não deixa tambem de reconhecer que somos o paiz do mundo mais cobiçado pelas grandes potencias, que sentem — hoje mais do que nunca — a necessidade de expansão para suas populações e de terras de onde lhes possam vir as materias primas.

Se os primeiros ensaios do livro, versando difficeis questões de direito publico, talvez não interessem ao leitor anonymo, não haverá certamente um só patricio nosso que não sinta uma grande curiosidade e ao mesmo tempo um ingenuo orgulho, ao ler as cincoenta ou sessenta paginas do seu admiravel estudo *O Brasil e a luta pelas Materias Primas*.

Poema da India

(Para Oswald de Andrade)

*Os bois estão passando com os longos chifres arqueados
e os crentes lavam os corpos nos rios correnão.
Nessa India que é o Nordeste os meninos vagabundos
são heroes, são cabreiros, são guias de cegos,
são aventureiros que jogem nas rabadas dos trens
com os olhos chorando entre alegres e saudosos.*

*Os bois estão passando humanos sem nenhum mugido,
as creanças estão fugindo da religião para o cangaço,
os menaigos voltando de surrões vãos e olhos doces,
as cachoeiras e as arvores adoradas,
ó mysterios da India que povoam o Nordeste!*

*Os bois estão passando mansos como párias
ou melhor como camponeses brasileiros no eito,
e a India de massas exploradas sem rumo
está envolvendo o Nordeste por estas noites mortas
quando as estrellas e os homens procuram os rios sagrados.*

AYDANO DO COUTO FERRAZ.

Estudo traçado por alguém que averiguou de fato os dados das estatisticas, que acompanha intelligentemente o enredo da politica internacional e vê a inacreditavel vastidão territorial da sua patria namorada de longe pelos velhos paizes europeus. Talvez por sua longa convivencia entre os nossos circulos diplomaticos, ou quem sabe por crença adquirida ainda nos bancos academicos, o facto é que para o sr. Jobim, como aliás para quasi todos nós, a esperança e a salvação do Brasil parecem residir ainda na sabia doutrina de Monroe, unico obstaculo sério que podem encontrar, em terras americanas, as dictaduras do Velho Continente.

A respeito dessa attitude do Brasil para com a grande nação do Norte, que tem sido exatamente a seguida pelos nossos chancelleres, atravez de varios governos, escreve o sr. Jobim: «Em face dessa dura realidade, só ha, para o Brasil, uma politica internacional consentanea com os seus interesses vitaes — a collaboração com os Estados Unidos. Só dos Estados Unidos poderemos esperar — uma vez que seus interesses coincidem com os nossos — os recursos e a assistencia de que necessitarmos para lançarmos os fundamentos da nossa independencia economica.»

Encerram o volume dois artigos de autoria do sr. Jobim, publicados na imprensa carioca, e os discursos por elle proferidos no Circulo de

la Prensa, de Buenos Aires, em nome dos jornalistas da America presentes á Conferencia da Paz, e na Associação Brasileira de Imprensa saudando o sr. embaixador Macedo Soares.

Vê-se, assim, pela leitura de um livro do feitio desse que acaba de publicar o sr. Danton Jobim, como podem realizar obra interessante e duradoura os moços que se afastam das rodinhas dos cafés — onde a unica coisa que em geral se faz é má litteratura — e vão investigar, á luz de documentos insuspeitos, os problemas mais importantes do nosso paiz e apresentar para elles as soluções que no momento pareçam as mais adequadas e vantajosas.

HOMERO SENNA.

Acaba de Aparecer:

**A MÃO E SEUS
SEGREDOS**

de ARUS SAB

3.º Edição

ARIEL

NOVIDADES DO MEZ

Últimas Edições da Companhia Editora Nacional

Dr. CARLOS COSTA e Dr.
CARLOS PASQUALE
CLAUDE FARRERE
M. DELLY
PANDIÁ CALOGERAS
VON SPIX e VON MAR-
TIUS
ED. LIMA
PRIMITIVO MOACYR
SILVIO RABELLO
FERNANDO SABOIA DE
MEDEIROS
GABRIEL SOARES DE
SOUSA
DANTE COSTA
SUD MENNUCCI

Quirica — 5a. serie	15\$000
Os civilizados	5\$000
Magali	4\$000
Formação historica do Brasil	15\$000
Através da Bahia	10\$000
Eletricidade sem mestre	13\$000
A Instrução e o Imperio — 3.º vol.	25\$000
A representação do tempo na creança	10\$000
A liberdade de navegação do Amazonas	9\$000
Tratado descriptivo do Brasil	15\$000
Bases da alimentação racional	7\$000
O precursor do abolicionismo no Brasil	9\$000

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL Séde: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo - Filiaes: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Rua 7 de Setembro, 162 - Rio de Janeiro — Rua da Imperatriz, 43 Recife-Pernambuco
A venda em todas as Livrarias do Brasil e Portugal

Livraria José Olympio Editora

OUVIDOR, 110
23-2389

Telegrammas
JOLYMPIO

1.º MARÇO 13
23-2831

RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE ABRIL

José Lins do Rego — PEDRA BONITA, romance	10\$000
Antonio Constantino — EMBRIÃO, romance	6\$000
J. Ralpi — CONHECE-TE PELA PSICANALISE, 3.ª ed	10\$000
Dra. Lily Lages — NOVOS RUMOS DA OTO-RINO-LARINGO- LOGIA (illust)	25\$000

NOVIDADES DE MARÇO

João Aphonsus — ROLA MOÇA, romance	8\$000
Graciliano Ramos — VIDAS SECCAS, romance	6\$000
» — SÃO BERNARDO, 2.ª ed. romance	7\$000
Danton Jobim — PROBLEMAS DO NOSSO TEMPO, ensaios	6\$000

NOVIDADES DE FEVEREIRO

Azevedo Amaral — O ESTADO AUTORITARIO E A REALI- DADE NACIONAL	10\$000
Isadora Duncan — MINHA VIDA, 2.ª edição	15\$000
Gratia — ACANHAMENTO E TIMIDEZ, Trad. do Prof. Nel- son Romero	8\$000
Lutz Vianna Filho — A SABINADA, Col. Documentos Brasileiros, n. 8	12\$000
Humberto de Campos — MEMORIAS, 10.ª edição	10\$000

PUBLICADOS EM JANEIRO

José Carlos de Macedo Soares — DISCURSOS (Rumos da Diplo- macia Brasileira	10\$000
Alcantara Machado — BRASILIO MACHADO,, Col. Documentos Brasileiros n.º 9	12\$000

NOVIDADES

ULTIMAS EDIÇÕES DA CIVILIZAÇÃO
BRASILEIRA S/A

DR. EMIL NOVAK

O Que a Mulher pergunta ao
medico 6\$000

RAYMUNDO MORAES

Os Igaraúnas 10\$000

CASTILHOS GOYCOCHEA

Guerra dos Farrapos 10\$000

NICOLAS SEGUR

Flor do mal 6\$000

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 22-6773 Rio de Janeiro

Venda directa ou pelo serviço de re-
embolso. Peça instrucções. Envia-se
catalogo gratis.

Discos

GRAVAÇÕES POPULARES

Odeon — 2325 — «Swing Is Here To Sway», foxe de Mack Gordon e Harry Revel, e «Taot old Feeling», foxe de Lew Brown e Sammy Fain, o primeiro do filme «Ali-Bá-Bá é boa bola» e o segundo do filme «Vogas de Nova-York». Especialmente o primeiro é muito interessante, tendo uma interpretação muito rica por parte da Orchestra de Harry Roy.

Odeon — 283.138 — «oo Wacka Do», foxe de Charles Gaskill e W. Donaldson e G. Horther, e «Toot, toot, tootsie», foxe de G. Kahn, E. Erdman e D. Russo. São verdadeiramente magníficos. Vivazes, saltitantes, pittorescos. Refrão vocal optimo. Interpretação de Clyde Mac Coy e sua orchestra.

Odeon — 283.142 — «Somebody love me», foxe de De Sylva, B. McDonald, G. Gershkin, e «If I had you», foxe de Ted Shaphiro, J. Campbell e R. Connely. O velho Cliff Edwards, o engraçado «Ukelele Ike» que foi uma das primeiras sensações do cinema falado e musicado, aparece-nos neste disco como sempre interessantissimo, em duas canções muitissimo bem interpretadas com o acompanhamento de Andy Ion & His Islanders.

Odeon — 2315 — «Your Broadway and my Broadway», foxe do filme «Broadway Melody de 1938», de Nacio Herb Brown e Arthur Freed; e «Old man moon», foxe do filme «A dupla do outro mundo», de Hoagy Carmichael, interpretação de Harry Roy e sua orchestra. Eis duas gravações em todas as qualidades para serem apreciadas, trazendo pequenos refrões vocaes, muitissimo agradaveis.

Odeon — 283.128 — «Everybody Sing», foxe de Nacio Herb Brown e Arthur Freed; e «Dear mr. Gable: You made me love you». — Foxe de J. V. Monaco, Joe Mac Carthy e R. Edens. Ambos do filme «Melodias da Broadway de 1938». Ambos interessantissimos, destacando-se, porem, o segundo por apresentar uma homenagem ao querido Mr. Gable, o que torna de algum modo sympathico a todos quantos admiram o grande artista do cinema. São cantados por Judy Garland, voz como ha cincoenta e tantas mil na America e nenhuma no Brasil. Acompanhamentos de George Stoll e sua Orchestra, no primeiro, e de Harry Sosnik, no segundo.

Odeon — 283.135 — «In little wooden shoes», foxe de Lew Pollack e Sidney D. Mitchell, do filme «Heidi», e «I want you for Christmas» de Stept, Tobias e Washington. Mae Questel, é a voz esgançada da Betty Boop Girl, que o mundo todo adora. E assim era impossivel deixar de se gostar desse disco, ainda que elle não trouxesse melodias tão ingenuas, tão caras aos corações que se commovem com as coisas infantis. Acompanhamentos muito bons.

M. R.

Carlos Sussekind de Mendonça — *Sylvio Romero* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Obra destinada a aclarar a formação litteraria daquelle que o autor reputa o primeiro dos nossos criticos. O livro alonga-se de 1850 a 1880. Tres agitados decennios em que se plasmou um dos espiritos de maior significação na historia da nossa cultura. Evocador de uma vida realmente grande, o sr. Carlos Sussekind de Mendonça, com documentação bem amalgamada e um nitido talento de escriptor, realiza aqui biographia critica das melhores.

B. Sampaio — *Questões da lingua* — Comp. Melhoramentos de São Paulo — S. Paulo.

Trata-se de um professor de Campinas em quem a grammatica não é apenas caturrice amarga de pedagogo affeito a torturar as creanças. O sr. B. Sampaio vem ha muito excursionando espiritalmente por terras classicas de Grecia e Roma e as suas notas de philologo são sempre de um bom humanismo creador. Delicioso retornar com elle aos velhos textos.

L. L. Zamenhof — *Essencia e futuro da idéa de lingua internacional* — Rio.

Em traducção e notas do sr. Ismael Gomes Braga, temos aqui a possibilidade de julgar ás direitas a tentativa de um idioma universal, partida do russo Zamenhof. Nascido numa cidade em que falavam ao mesmo tempo moscovitas, polonezes, allemães e judeus, o inventor do «esperanto» quiz liquidar essa Babel moderna, com grave damno dos profissionaes da linguistica comparada...

Alcantara Machado — *Brasilio Machado* — Livraria José Olympio Editora — Rio.

Restituição ao Brasil de uma forte personalidade de orador tanto tempo famosa, mas que ia sendo iniquamente esquecida nos ultimos annos. Brasilio Machado foi dos que nobilitam a eloquencia, dos que mostram haver na rhetorica, quando bem manejada, uma permanente utilidade humana. Seus discursos valem os de José Estevão e Antonio Candido.

Talvez um dos mais interessantes periodicos francezes seja a *Revue des Tabacs* que ha 13 annos mantem seus leitores a par de tudo quanto diz respeito ao fumo. Por occasião da Exposição de Paris de 1937, a *Revue des Tabacs* publicou um numero especial illustrado, com o titulo *Arts Techniques et Plaisirs du Tabac*. De interesse litterario ha a assignalar alguns artigos publicados n'este numero especial, como, uma bibliographia dos primeiros livros que falaram no tabaco. Ha tambem um optimo estudo sobre o tabaco e a arte, da autoria de Robert Beauplan. Seria interessante que alguém se lembrasse de investigar a influencia que teve o fumo na de escriptores e poetas. E seria um trabalho extenso porque os grandes homens de letras não desprezaram os prazeres do bom tabaco fosse sob a forma de cigarros, cachimbos ou charutos. Lembre-se a proposito que o nosso Alvares de Azevedo dedicou um dos seus magnificos sonetos ás delicias de um bom charuto, «o que mais doce ha nesta vida» e «que nas maguas desvanee o luto».

Ultimas Novidades

ARIEL

Cyro Martins

SEM RUMO

Gastão Cruls

VERTIGEM

(2.^a edição)

A. da Silva Mello

PROBLEMAS
DO ENSINO MEDICO
E DE EDUCAÇÃO

José Simplicio

RETRATO
POPULAR DE
UM HOMEM

René-Albert Guzman

CIUME

5.^a edição

12.000 exemplares

Stendhal

DO AMOR

Traducção de
Marques Rebello
e Correia de Sá

Cinema

OS DEZ MELHORES FILMS DE 1937

Como o fizemos em 1937 para a produção de 1936, resolvemos apurar em 1938 quais os dez melhores films do anno findo de 1937.

Offerecemos aos leitores o resultado do concurso effectuado entre elementos representativos do nosso meio intellectual, que se preocupam e interessam com a causa cinematographica.

1.º lugar	— <i>Adolescencia</i>	57
2.º	» — <i>Vive-se uma só vez</i>	52 1/2
3.º	» — <i>Kermesse Heroica</i>	45 1/2
4.º	» — <i>Romeu e Julieta</i>	42
5.º	» — <i>Terra dos Deuses</i>	36
6.º	» — <i>Assassino sem culpa</i>	31
7.º	» — <i>Rua da Vaidade</i>	26 1/2
8.º	» — <i>O Marido era o culpado</i>	25
9.º	» — <i>Floresta Petrificada e Segundo Amor</i>	23
10.º	» — <i>Mulher Marcada</i>	19

Votaram os Snrs: Marques Rebello, Santa Rosa, Dante Costa, Vinicius de Moraes, Roberto Assumpção e Aurelio Gomes de Oliveira.

Votação individual:

Marques Rebello votou em:

Adolescencia — 10 pontos; Kermesse Heroica 9 1/2; Vive-se uma só vez 9 1/2; Segundo Amor 8; Meu filho é meu rival 8; Mais proximo do céu 7; Esquecer nunca 7; Mulheres enamoradas 7; Rua da vaidade 7.

Santa Rosa deu dez pontos a cada um dos seguintes films. Terra dos Deuses; O Marido era o culpado (Sabotagem), Vive-se uma só vez; Assassino sem culpa; Kermesse Heroica; Romeu e Julieta, Rua da Vaidade, Mulher Marcada e Dama das Camélias.

Para Santa Rosa a classificação dos films é função do ponto de vista em que se collocar o espectador e assim sendo todas aquellas obras são excellentes sob determinados aspectos, não admittem hierarchia.

Vinicius de Moraes — Adolescencia 10; Segundo Amor 8; Floresta Petrificada 7; Assassino sem culpa 7; O Marido era o culpado (Sabotage) 7; Vive-se uma só vez 6; O homem que não podia amar 6; Kermesse Heroica 6; Romeu e Julieta 6; Esquecer nunca 6.

Dante Costa — Vive-se uma só vez 9 1/2; Terra dos Deuses e Mulher Marcada 9; Floresta Petrificada 7; Vespera de Combate e Romeu e Julieta 8; Adolescencia, Cidade do Peccado e Assassino sem culpa 7; Lloyds de Londres 6.

Roberto Assumpção — Adolescencia, Romeu e Julieta e Kermesse Heroica 10 pontos; Floresta Petrificada, Amor de um extranho e Vive-se uma só vez 9; Terra dos Deuses 8; Segundo Amor, Assassino sem culpa e Atiradores do Texas 7 pontos.

Aurelio Gomes de Oliveira — Adolescencia 10 pontos; Kermesse Heroica 8 3/4; Rua da Vaidade 9 1/2; Terra dos Deuses 9; Vive-se uma só vez 8 1/2; Atiradores do Texas 7; Romeu e Julieta 8; Alegre e Feliz 5; Cidade do Peccado 4 e Descobrimento do Brasil 3.

Adolescencia — Direcção — Josef Rovensky — A grande importancia desse film sobressae ainda mais diante da miseria da produção contemporanea. Raras são as obras a que se podem attribuir o titulo de notaveis.

Aliás não se poderia querer nem esperar outra cousa da necessidade de attender a mercados cada vez mais vorazes em materia de quantidade e cada vez mais tolerantes quanto á qualidade.

Adolescencia é uma das obras mais cinematographicas destes ultimos tempos. Os letreiros e a palavra estão reduzidos ao minimo possivel para fazer uma obra intelligivel. No mais as imagens falam por si mesmas, com uma força, com uma potencia miraculosa.

O enredo é simples, e da mais completa innocencia. A vida de uma aldeia Tcheca vista atravez de uma familia de camponeses desenrola-se dianta de nós com a facilidade, com a evidencia de uma cousa natural.

Gente de psychologia simples, impellidos por sentimentos e instinctos da mais sincera naturalidade, proprios de quem vive em perfeita communhão com o mundo, sem recalques, sem artificios.

As sequencias descriptivas são da mais rara belleza. O idyllio dos dois adolescentes é uma pura delicia.

O roubo das maçãs, a escola, a lucta do menino com o peixe, o desespero e a tristeza de Pepita, a angustia sem esperanza da procura do cadaver e a extranha belleza do final, deixam no nosso espirito uma impressão tão poderosa que nenhuma outra emoção conseguirá apagar.

Moça de expediente — Direcção Leigh Jason — R. K. O. Radio — O que ha de mais mediocre, mais tolo, mais inferior em materia de films.

Sem favor uma das peiores miserias já commettidas no cinema.

Para não alongar por demais esta sessão, deixamos para o proximo numero — *No theatro da Vida e Madame Wa-tewska* — duas obras merecedoras de critica, que não dispomos de espaço para fazer condignamente.

AURELIO GOMES DE OLIVEIRA.

Primitivo Moacyr — *A Instrucção e o Imperio* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Ahi temos o terceiro volume de uma obra destinada a illuminar em cheio tudo o que o Brasil monarchico realizou nos dominios da pedagogia. Quantas pesquisas, quanto amor desinteressado á cultura, quanta força de coordenação no tumulto chaotico dos papeis velhos presume um trabalho destes! E que intelligencia no sentido de seleccionar aquillo que seja de permanente actualidade para nós outros! A obra do snr. Primitivo Moacyr é testemunho de que os estadistas do Imperio nunca desdenharam da escola e dos livros e, de certo modo, um apello aos estadistas da Republica para que o nosso destino intellectual não seja mutilado.

Danton Jobim — *Problemas do nosso tempo* — Rio.

E' o sr. Danton Jobim um dos nossos jornalistas mais cultos. Sempre o empolgaram as questões de sociologia e politica, e não trata nunca da lucta de classes, do problema da liberdade, da idéa do progresso, sem primeiro se documentar probamente e sem muito reflectir antes de tomar da penna. Sobre os «capitães de industria» tem paginas de quem não é intruso em assumptos de economia. Egualmente admiravel, como justesa e belleza de critica litteraria, o trecho em que allude ao genio universal de Gil Vicente.

O mais moderno Livro de Cozinha

MARIA DE LOURDES

ARTE DE COZINHAR

(Petiscos e Petisqueiras)

1350 Receltas Diversas

A' venda em todas as livrarias do Brasil

Volume Cartonado: 14\$000

PEDIDOS Á

Civilização Brasileira S/A

Rua 7 de Setembro, 162

RIO DE JANEIRO

MEU FILHO

Muito antes de nascer elle já existia dentro de mim.

Antes de ver a luz, antes de respirar, artes de dar os primeiros passos, antes de ser o homem que já é hoje, elle viveu intensamente dentro de mim uma vida ansiosa de chrysálida.

Havia sido tão grande a minha illusão e tão cruel a realidade, tão nobre o meu idealismo e tão incomprehensível a maré da existencia quotidiana, que eu já tinha renunciado, para mim, a qualquer esperança de esperança. Mas, renunciando, para poder viver eu precisava alimentar a esperança nova e a nova illusão de que tudo que a vida me negara poderia ser offertado generosamente a alguém que, melhor do que eu, soubesse conquistá-la. A alguém que viesse de mim e me vingasse. A alguém que me pudesse trazer a maior desforra possível: ser exactamente o contrario do que fui.

Não que eu tivesse sido muito desgraçado ou muito criminoso, o que é outra forma de se ser infeliz. Não. Nunca me vi em qualquer situação trágica, nunca fui victima das consideradas grandes catastrophes humanas: desastres, tuberculose, pobreza, lepra. Exteriormente, minha vida não tinha nada nem de muito bom nem de muito máo. Mediocre, apenas. E desse mediocre é que se alimentara todo o meu soffrer.

Meus paes me haviam dado uma educação esmeradissima, como se diz em linguagem de moça casadoura. Ensinaram-me tudo o que é inutil na existencia quotidiana e esqueceram-se de me ensinar a propria vida. Desenvolveram a minha cultura, augmentando as janellas do meu espirito, esquecendo-se de que essas janellas dão para um pátio onde muito pouca gente penetra: não me ensinaram que a unica janella que dá para o bem-estar é a da intelligencia prática. Ampliaram de modo magnifico a minha sensibilidade e o meu saber: proporcionaram-me, assim, todos os meios para soffrer bastante e requintadamente. Despertaram em mim sonhos, ambições, desejos, e não me deram as possibilidades de realizá-los. Prepararam-me para borboletear em alguma região encantada de terras sublimes e me deixaram, depois, evoluindo lerdamente neste mundo, neste paiz, com estes homens. Os romanos, que jogavam os cristãos ás feras, eram menos cruéis: ao menos avisaram antes as victimas de que iam ser devoradas.

As alegrias, quando chegam tarde, chegam tristes. Custei a comprehender a vida. Quando comprehendí, comprehendí também que não poderia mais utilizar em proveito proprio os ensinamentos simples que della eu havia extorquido tão penosamente. Ninguém pode vir a ser feliz tendo tido uma infancia e uma mocidade desambientadas como a minha: quanto mais claras forem as luzes que annunciem felicidades futuras, mais nitida ficará a sombra dos soffrimentos passados. Depois é preciso reconhecer: quando a gente se habitua ás maguas, ellas deixam de ferir. Tratamol-as, então, com certo carinho, afagamol-as, construímos para ellas dentro de nós um abrigo confort-

tavel onde podem tagarelar á vontade, e as ficamos escutando como a velhas contadeiras de historias ao pé do fogo, em noites frias: si batem timidamente lá fóra, mesmo si é alguma alegria retardaria e esquiva que hoje se offerece, não temos coragem de abrir: ha tanta intimidade aqui dentro! E, lá de fóra, pode vir apenas algum importuno...

Por isso, ao renunciar á minha vida que se ia desfiando á tóa, formei dentro de mim, como uma imagem de desespero e de esperança, a imagem do meu filho. Essa imagem se foi formando lentamente, por camadas, com os detritos dos meus sonhos esmigalhados, com os sedimentos da minha alma desteita e truncada. Eu o via, eu o sentia existir dentro de mim! Mas, para que os outros também o vissem, era preciso que elle tivesse vida physica. Para isso, resolvi casar.

Casei-me. Ao escolher mulher, não pensei nem em amor, nem em dinheiro, nem em qualidades moraes: pensei no meu filho. Busquei para elle a melhor mãe. Escolhi-a forte, de saude impecavel, raça sem taras, bonita e ignorante. Eu não precisava amar a mãe do meu filho porque já o amava demais; eu não precisava que ella fosse rica porque elle saberia ganhar a vida com facilidade; eu não precisava que ella fosse bem educada porque eu mesmo iria educá-lo; eu queria a mãe do meu filho bella, para que elle fosse bello, eu a queria forte, para que elle fosse forte, eu a queria ignorante para que não tentasse perturbá-lo com methodos educativos.

Casei-me, e alguns meses depois ella ficou grávida e deu á luz. Nasceu uma menina.

Olhei-a com desgosto, quasi com desprezo: uma menina!... Simulei o mais que pude, esperei que a minha mulher se restabelecesse e, não muito tempo depois, ella ficou grávida. Davamos, então, longos passeios a pé. Ao seu lado, caminhando, eu olhava de soslaio, ancioso, o ponto de interrogação cada vez mais nítido que formava o seu ventre balouçante.

Rancor. Indescriptivel cólera quando a parteira me disse, para fazer espirito: «E' outra menina!» Mas, surprehendendo na minha physionomia descomposta o effeito produzido por essa intamia, accrescentou gaguejando: «Men-mentira, é um um...» Nem podesse terminar, saiu correndo. Fez bem. Nem sei como não a esbofetei naquelle momento.

Entreí no quarto, e esqueci de olhar para minha mulher. Peguei com mãos firmes o meu filho, que já estava lavadinho. Não tive a grande alegria que esperava. Senti apenas a softreguidão sorrateira do avaro ao lhe ser paga uma quantia ha longo tempo devida.

Alli estava o meu filho. Que pedacinho de gente, tão sem defesa, e já trazendo em si o immenso fardo da vida! Colloquei-o cuidadosamente no berço, promettendo-lhe baixinho que esse fardo, para elle, seria mais leve que a morte.

Meus soffrimentos iriam educá-lo. Elle havia de ser muito feliz!

A morte... nunca me parecera assustadora, ao contrario; sempre a desejei inti-

mamente, como um rápido ponto final na historia de mau gosto que a vida escrevia á minha custa. Mas, então, a morte me preocupava terrivelmente. Que taria eu, si elle morresse? Tão trágil, aquelle esboço de homem que chupava os dedinhos e quasi se afogava em saliva! Oh! as noites que eu passei escutando na escuridão, temendo sempre que aquella respiração tenue de ha pouco tivesse sido a ultima. Voltará? Respira ainda? Ah! sim, continúa... Mas e agora? Não parou de respirar?

Debaixo dessa ansiedade, o tempo foi passando. Elle cresceu normalmente, á sombra dos seios fartos da mãe. Ah! faltará sempre alguma coisa áquelles que não puderam sugar a vida na sua propria fonte vital, pois são espoliados desde pequenos. Meu filho encontrou desde logo, para a sua avidez, dois oasis pensos que o alimentaram a horas certas durante seis meses. Depois, além do adocicado leite maternal, começou elle a experimentar as deliciosas revelações dos liquidos mais consistentes. Saboreou, encantado, os primeiros mingaus. Foi ingressando, aos poucos, pela senda maravilhosa e surpreendente dos farinaceos, das féculas, das geléas, das gelatinas, das primeiras sopas com sal. Seus primeiros dentinhos fizeram húmidas confidencias ás fructas, uma abóbada mais complacente que a celeste, pois só presidia a gostosas reacções químicas.

Não quiz que elle começasse a andar muito cedo, temendo que suas pernas ficassem tortas. Mas, como era forte, não tardou a poder sustentar-se nas pernócas roliças. Começou, então, a descobrir a casa e a sentir orgulho nas proprias forças. Devagarzinho, elle caminhava pelo corredor, apoiando-se a uma parede. De repente, resolvia tentar a grande proeza: largava a mão da parede e atravessava o corredor em passo oscilante, indo encostar-se na parede do outro lado exactamente no momento em que já estava quasi perdendo o equilibrio. De lá, já confiante nas suas forças e nas da parede protectora, me lançava um olhar meio dissimulado para verificar si eu havia presenciado a sua victoria, e depois se vangloriava, radiante: (Daaaa da daaaa!)

Estas primeiras syllabas mal articuladas me torturavam. Eu gostaria que elle falasse, que elle me pudesse explicar o que desejava e o que sentia. Mas elle não tinha pressa nem afflicção. Ia lentamente, de conquista a conquista, degustando-as voluptuosamente. Hoje era o dia do gue. Aprendera esse som e nelle se atardava, horas e horas, «gu gu gu gu gu». Amanhã era um r que surgia e que era festejado durante algum tempo: «ra ra ré ré ré ré» até que outras acquisições, trazendo o prestigio da novidade, relegassem as primeiras ao plano secundario de objectos já usados.

Quando o meu filho ainda não tinha tres annos, nasceu outro menino. Baptizei-o com o nome de Antonio e dei-lhe o meu sobrenome, como é de lei. Mas nunca o pude chamar de filho. Ficou sendo sempre o «Antonio». Minha carne poderia ter quantos filhos quizesse: meu coração

não os reconhecia. Para mim, só aquelle, o filho dos meus sonhos e das minhas máguas, era o meu, o meu filho.

Meu filho ia crescendo. A mãe, como adivinhando que o perderia logo, tinha para com elle desvelos excepcionaes. Eu permittia essa dedicação porque a sabia necessaria em idade tão indetesa. Mas um dia, como o visse brincar muito interessado com as bonecas da irmã mais velha, chamei a mãe e disse:

— Daqui a seis dias elle completa cinco annos. Vou comprar-lhe uma caminha nova, e desse dia em diante elle ficará dormindo no meu quarto, commigo. Você o está acariciando demais.

A mãe me olhou sem surpresa, seus labios tremeram mas nada disseram: percebi que ha longo tempo ella já se acostumara á idéia de que, tarde ou cedo, o meu filho seria arrancado á sua influencia. Nunca a vi chorando por isso, mas hoje avalio quanto deve ter soffrido, quanto de energia foi preciso para que pudesse resignar todas as demonstrações do amor maternal. Na occasião esse sofrimento não me interessava. O pensamento de que ia entrar na phase inicial da educação do meu filho me absorvia completamente a attenção.

A caminha foi posta no meu quarto, e no dia do seu quinto anniversario elle a estreou. De noite, não podia dormir. Chamava a mãe, queria que ella lhe tocasse a roupa, tinha medo da janella aberta, exigia que a luz ficasse accesa. Tive que improvisar uma historia longa, a historia do cavalleiro feio e do cavalleiro bonito: «O primeiro vivia com medo do escuro, chamava a mãe á tóa e o feiticeiro então lhe dera uma cara feia, uma voz horrivel e tudo o que era ruim. O outro, que gostava de ar puro, não tinha medo...» e foi assim que elle dormiu pela primeira vez junto de mim.

No dia seguinte começamos vida nova. Procurei afastar-me o mais possivel dos negocios para me poder dedicar ao meu filho. Construi para elle um ambiente de calma e estabilidade. Refreei toda a minha ternura para que elle não ficasse sentimentalista, mas fui carinhoso praticamente, sem melurias nem exaggeros. Não deixei sem resposta nem uma de suas perguntas mas usei sempre de linguagem apropriada á sua idade. Procurei despertar-lhe a iniciativa e a coragem contando-lhe historias de aventuras passadas sempre em logares reaes, próximos. O heróe era frequentemente algum menino valente que convidava o tio o avô para essas excursões. Assim, quando elle me convidava para algum passeio, tinha sempre a impressão de conduzir e não de estar sendo conduzido. Lá, então, não encontrando os animaes phantasticos de que eu lhe havia falado, elle se sentia um pouco desilludido e um pouco alliviado. Como não visse os perigos enormes descriptos por mim, não temia os perigos reaes, simplesmente ridiculos junto aos outros. E como ia disposto a lutar contra os maiores, não encontrava difficuldade em vencer os menores. Aprendeu a nadar com facilidade, não temia a chuva nem a trovoadas, os bichos não o intimidavam. Esmagou uma cascavel com o pé, certa vez, e depois me disse:

— Qui pena qui nun era o dagão, não?

Acostumou-se á escuridão como a uma coisa banal, e dentro em pouco tive a certeza de que elle já se sentia perfeitamente um elemento harmonioso dentro da brutal desharmonia da natureza. Isso já era um começo de destorra. Lembrava-me sempre do estorço que me foi preciso empregar para perder o medo, e assim mesmo não completamente, de certas coisas como o mar, a floresta, as cobras e até as pobres lagartixas!

Quando o julguei sufficientemente forte em proporção aos meninos da sua idade, permitti que elle fizesse algumas relações. Mas antes de as iniciar, seu espirito já estava bem prevenido contra as amizades: «Ninguém é amigo da gente, meu filho, os outros são apenas camaradas, companheiros de brincadeiras, nada mais. Elles não nos amam, e nós não os queremos bem. Uma indiferença cortez é a regra primeira de toda amizade humana. Nunca dividas com os outros o que é teu, porque ninguém dividirá contigo o que tiver».

Não era á tóa que eu lhe ensinava isso, pois minha vida fôra um eterno e ingenuo repartir do meu dinheiro, do meu affecto, da minha intimidade. O dinheiro nunca foi devolvido, o affecto jamais encontrou eco á altura, a intimidade offerecida só serviu para motivo de escarneo. Eu, que conhecera a ingratidão do rosto de quem tudo me devia, a trieza nos gestos de quem mais merecera os meus carinhos, a traição, a hypocrisia e a calumnia nos labios de quem escutara com simulada emoção as minhas mais intimas confidencias, eu via com entusiasmo os passos habeis com que meu filho se conduzia junto aos companheiros. Como não formara *panelinha* dentro da meninada do bairro, não tinha inimizades. Como era o de physico mais forte, não tardou a ser tacitamente considerado uma especie de chefe das brincadeiras e das proezas da molecada. Era com vontade de rir e radiante de orgulho, que eu surprehendia perguntas como esta, feita ao meu filho por um garoto da vizinhança:

— Eu vi no quintal do italiano dois mamão. Apanhemo hoje?

E a resposta decidida do meu filho que ainda não tinha nove anos:

— Não estão maduros, ainda. Amanhã.

Um dia, foi preciso que o puzesse na escola. Retardei o mais possivel esse momento, porque temia a influencia mofada de certos professores; por isso, não deixei de seguir diariamente tudo o que elle aprendia na escola. Commentavamos juntos as lições recebidas. Com o scepticismo da ironia, sem o menor tom conselheiro ou doutoral, impedi que se arraigassem em seu espirito funestos preconceitos de patria, de militarismo, de sacrificios heroicos, de raças. Não permitti que se impressionasse com o erroneo conceito do peccado, nem que se detivesse em perigosas abstrações como *gloria, fé, bondade, perfeição, bem e mal, moral e immoral*. Cedo ficou sabendo que só existe no mundo uma força legitima e verdadeira: a do egoismo. Cedo comprehendeu a differença entre egoismo e egocentrismo: o primeiro fonte de toda justiça, de todo progresso; o segundo guarida

de todas as infamias, como o accumulo excessivo de riquezas, a ambição da preponderancia physica e espiritual sobre os outros, a intolerancia e a vaidade.

Eu, que na sua idade fôra o alumno mais docil deste mundo, o mais suggestivel, admirava-me ao vel-o, de volta da escola, repetir em tomzinho satyrico as «tiradas» dos mestres. Eu, que formara sempre em torno das palavras mythos cheios de significados absolutos, via-o, surpreso, entender que não existem sentimentos nem actos perfeitamente unos, que tudo é complexo, que o que é bello para uns é feio para outros, que o bem a uma pessoa feito pode gerar a desgraça de muitas outras...

Eu, que desvendara todo o panorama sexual através dos cochichos de escola e das palavras assustadoras com que meus paes inculcaram o tabú do sexo, eu via com a alma desatogada meu filho explicar aos collegas, numa linguagem séria e sem sussurros, o que, para elle, era uma coisa verdadeiramente natural. Por isso em vez de ser contaminado pelos vicios da idade, que são em geral productos de curiosidade insatisfeita e de prohibições cheias de encantador mysterio, elle os dominou com facilidade. Quando sentiu, mais nitidos, os primeiros impulsos sexuaes, satisfel-os sem m'os occultar. Não o censurei, apenas o vigiei um pouco e lhe recommendei moderação, explicando-lhe que aquillo era uma phase apenas preparatoria, sem interesse, que devia terminar quando elle completasse quinze annos, occasião em que passaria a exercer a função sexual de maneira completa com outra pessoa do sexo opposto. Que differença, meu Deus, entre essas palavras que elle escutou com tanta naturalidade, e aquellas que eu ouvi, cheias de ameaças, quando atravessei a mesma phase!

Não lhe permitti leituras excessivas, principalmente literarias. Não permitti que no seu espirito, como no meu, se formassem devaneios, analyses minuciosas de sentimentos mórbidos, tão bem suggeridas pela maioria dos escriptores. Não consenti que elle, como eu, soffresse as dôres de uma immensidade de creaturas que nos são apresentadas pelo angulo, quasi sempre doentio, pelo qual as enxergara o escriptor. Sim, porque o simples facto de escrever obras literarias já prova uma certa incapacidade para a vida, já é indicio da procura de uma evasão, de uma fuga ao estado de insatisfação intima. A arte foi feita não para narrar minuciosamente os soffrimentos, prolongando-os sádicamente em pessoas a elles extranhas, mas para transformal-os em belleza, em emoção, em novos sentimentos fecundos e fornecedores de energia combativa. A arte nasceu para elevar, não para deprimir. Não permitti que elle conhecesse a vida através da longa fila infeliz dos escriptores humanos, envelhecendo, como, eu, antes do tempo. Por isso, a vida pode ser, para elle, uma série de sensações agradaveis, não perturbadas nem por conflictos interiores recalçados nem pela intromissão de experiencias extranhas, deformadoras das experiencias reaes.

Mas o que mais me satisfez foi vel-o voltar para casa, certo dia, com a roupa toda rasgada e com os labios roxos e inchados. Elle não vinha muito seguro

de ter procedido direito, mas não me deixou de contar o sucedido: dois moleques o haviam provocado, e um delles lhe havia atirado uma pedra. Meu filho tinha avançado para elles, tinha apanhado bastante mas também tinha dado muito. Eu, que até hoje temo as brigas e não tenho coragem de esticar o braço para maltratar um semelhante, mais por covardia do que por bondade, ou melhor, eu que até hoje uso de um perdão muito covarde para retribuir as offensas que me dirigem, o vi com alegria voltar assim, esbodegado e triumphante. E firmei para elle este principio, que eu nunca soubera applicar: «Desafôro e pancada não se levam para casa». E este outro também, regra elementar de toda justiça: «Quando te fizerem mal, não perdôa nunca, esquece apenas, si isso te convier. Mas si apparecer a oportunidade de vingança, pega-a! Olho por olho»...

Fiz questão de ensinar-lhe também o scepticismo religioso. Mostrei-lhe a multiplicidade das religiões, o horror dos fanatismos, e em conclusão a essa multiplicidade, a noção de que nem uma dellas é certa ou errada. Todas são apenas producto da necessidade pretenciosa que tem cada homem de explicar, de maneira exclusivista, os mysterios da natureza, que nem um homem entende ainda. Esses mysterios devem ser accetidos, apenas, não explicados. O tempo se encarregará de desvendal-os. A religião, pois, era uma coisa inutil, sobre a qual não valia a pena raciocinar, para não perder tempo na dissecção de conjecturas. Isso fez com que elle não soffresse na adolescencia, como eu, a crise de fé, seguida pela crise de descrença que a mocidade traz a quasi todos os homens. Meu filho cresceu deliciosamente afastado do mysticismo religioso, que tanto faz a juventude soffrer, pois quando é extinto pela experiencia se transforma num amargo sentimento de descontentamento interno ou em mysticismo de outra natureza.

Aos quinze annos, quando ainda frequentava o gymnasio, contou-me elle que tinha conhecido pela primeira vez o amor. Não pude reprimir uma pergunta, expressa em tom que eu desejaria menos interessado: «E então?» Elle se admirou da minha admiração e respondeu com naturalidade «Pois não era o combinado? Fiz quinze annos na semana passada».

Confesso que essa naturalidade me decepcionou um pouco. Parecia-me quasi impossivel que alguém pudesse passar por tal situação com uma naturalidade que chegava quasi a ser indiferença. Eu, que para tomar semelhante deliberação levava meses, eu que enchera de mil receios, desejos e nervosismo esse momento unico, eu me espantava deante da simplicidade com que meu filho o vivera. Qual, elle seria mesmo um vencedor!

De então por deante, dei-lhe um quarto fóra de casa. Elle alli dormia, mas vinha fazer as refeições connosco. Tomei essa resolução para que elle tivesse mais liberdade e conforto em seus encontros amorosos, e para que ficasse com o senso da independencia bem desenvolvido. Sua mãe, quando elle se mudou, não poude reprimir uma censura, que me fez quando

ficamos a sós: «Você vae pôr o menino a perder! Olhe que elle vae ficar um viciado!»

Eu tinha certeza absoluta de que elle nunca seria um viciado, porque nunca eu tinha dado, aos chamados *vícios*, o prestigio da prohibidade. Nada, em si, é vicio. O excesso e o exagero podem transformar o mais innocente gesto em perigoso vicio. Quando os garotos da vizinhança fumavam escondidos dos paes, elle já recebera, de minhas proprias mãos, os primeiros cigarros. Não apreciara o fumo, como toda a gente quando fuma pela primeira vez. Mas fumava de vez em quando, sem o perigo do hábito, porque comprehendia que o cigarro tem a função pessoal de, em certos momentos, occupar as mãos que se sentem muito olhadas ou muito nervosas, e a função social de aproximar os homens: «Fogo, faz favor.» «Pois não.» «Acceita um cigarro?» «Obrigado». O homem que não fuma sente-se vexado nessas situações.

Quanto a beber, desde cedo eu o habituei a conhecer os vinhos bons, que eram servidos á mesa, em casa. Procurei afinar o seu paladar pela escolha de bebidas seleccionadas, inoffensivas porque puras e em pequena quantidade. Como poderá viciar-se em cachaça ou em chopp

a pessoa acostumada a saborear os vinhos claros do Rheno e os nectares sombrios da Borgonha? Meu filho não commeteu nunca a indelicadeza, cheirando a puritanismo critico, de recusar uma bebida quando estava em companhia de amigo. Mas, também, nunca poude ir além da delicadeza. As bebidas communs não o enthusiamavam, e as outras são raras e caras...

Eu sabia também que elle não se poderia viciar no jogo porque desde cedo havíamos satyrisado juntos as pessoas que pasam a vida como Penelope, a fazer e a desmanchar idiotamente a mesma tarefa. Meu filho não se viciaria no jogo também porque era homem de acção, fatigava-o essa inutil ansiedade psychica em torno de mesa com numeros e fichas. Que coisa morna! Elle, tão calmo, sentise-se mal no meio de tanto neuropathas. Mas nem por isso deixaria de frequentar os casinos, como logares elegantes em que se encontram os conhecidos e em que se conhecem bellas mulheres.

As prophcias da mãe não se realizaram. Meu filho sempre se portou com discrição, normalissimamente. E claro que recebia mulheres no seu quarto, e que levava uma vida independente de rapaz. Mas nunca se excedeu, nunca deu escandalos nem preoccupações.

O que mais fazia com que eu o admirasse era o seu geito para tratar as mulheres. Eu, que sempre fui tímido em excesso ou excessivamente apaixonado, nunca tive uma aventura que não terminasse mal. Ora era uma que se aborrecia da minha fidelidade, ora era outra que eu maguava com uma inconstancia e um pouco caso mais fingidos que reaes. As vezes eu era frio demais e nada obtinha, outras promettia exaggeradamente e formava laços tão estreitos que me acabavam asphyxiando. Nunca tive a dose necessaria de calma e de indiferença para bem lidar com as mulheres. Via-me constantemente em complicações por causa do meu sentimentalismo e da minha imaginação. Meu filho se conduzia por entre bandos de creaturas encantadoras com a maior simplicidade, como macho um tanto desdenhoso, que não promette e não se compromette, mas que obtem tudo sem arroubos nem insistencias, apenas porque é lei universal que as mulheres se entreguem aos homens. Ninguém tinha o direito de exigir-lhe nada, e elle também nada exigia das mulheres. Quando as queria, convidava-as. Si acceitavam, muito bem; si não, convidava outras, e prompto. Que differença de mim! Nunca pude supportar um *não*, porque o meu complexo de inferioridade com relação ás mulheres me fazia soffrer horivelmente. Será por isso, certamente, que eu ouvi muitas negativas, e meu filho, creio eu, muito poucas...

Não tardou que meu filho fizesse os seus dezoito annos. Foi nesse dia, reunidos todos em torno da mesa familiar, que eu quiz saborear a minha victoria. Alli estava elle, o meu filho, e como concretizava perfeitamente o meu sonho! Examinei detidamente aquelle rosto que o contacto quotidiano não me deixava enxergar perfeitamente: como era bello! A irmã mais velha, o Antonio, a mãe, eu, todos nós o contemplavamos enlevados. Havia uma felicidade, uma paz interna

Acaba de apparecer COSTUMES AFRICANOS NO BRASIL

estudando, do ponto de vista científico,

- A raça africana e seus costumes na Bahia
- O colono preto como factor da civilização brasileira
- A arte culinária na Bahia
- Notas de folcklore negro.

E' um livro de pesquisa e
observação directa

por

MANUEL QUERINO

o famoso vanguardista de tantos estudos de
africanologia no Brasil.

Volume XV da "Biblioteca de
Divulgação Científica"

Preço: volume broch. 12\$000

Em todas as Livrarias e na
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Pedidos á

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Rua 7 de Setembro, 162—Rio de Janeiro

tão grande a projectar-se na sua physionomia, que eu creio não ter mentido dizendo que elle era realmente bello, maravilhosamente bello. Seu rosto era translúcido, através dos seus lindos olhos azues podia-se-lhe contemplar a alma, tão crystallina quanto as nascentes de agua pura. Nós todos o olhávamos, encantados, mas eu olhei tambem a minha mulher, que percebendo o meu gesto, fitou-me por sua vez. O espelho da sua physionomia, que ainda voltava radiante da belleza luminosa do filho, se transformou de repente quando ella me encarou: a belleza que reflectira até alli extinguiu-se, e um véo de feiura apagada se estendeu subitamente: percebi que o seu rosto estava, então, refletindo o meu rosto.

Depois do jantar chamei o meu filho á parth e lhe dei um bom cheque como presente de anniversario. E lhe disse tambem que, dalli em deante, como elle já havia terminado o curso secundario e não pretendia estudar mais, passaria a sustentar-se por si proprio. Elle respondeu que já tinha pensado nisso. Dalli a alguns dias, exactamente como eu sempre esperara, meu filho me veio contar que já estava empregado, e muito bem. Com as suas relações, que eram innumeras, elle mesmo começava a abrir caminho na vida. Meu filho já era um homem, e um homem vencedor. Eu nunca tivera ambições de riqueza nem de mando, por isso não as tinha para o meu filho. O que eu sempre desejara era isso que elle realizava integralmente, admiravelmente: ser um homem normal, alegre, tão feliz quanto se possa ser nesta terra. Meu sonho se concretizara...

Agora, que elle trabalhava, nós nos víamos bem menos. A infancia fôra toda minha. A adolescencia muito minha. A mocidade... a culpa não era delle, era do serviço. Por causa do serviço tivera até de abandonar as horas matinaes em que fazíamos esporte no clube. Como elle não dormia em casa, passamos a nos ver apenas na hora das refeições, hora em que havia sempre gente, gente demais. A conversa, então, era geral, não havia lugar para a mais breve confidencia. As confidencias, as longas conversas miúdas e subteis sempre foram o meu forte traco. Embora elle nunca fizesse propriamente confidencias, pois apenas falava tudo com naturalidade, ou então respondia minhas perguntas, senti falta naquelles seus depoimentos diarios, de onde eu recebia a repetida confirmação do quanto elle era profundamente diferente de mim.

Diferente... bem diferente, sim. Talvez diferente demais. No tempo em que eu penetrava na sua intimidade, tinha a impressão de que elle era diferente de mim, é verdade, mas que era diferente como um desdobramento de mim mesmo, como um outro angulo de uma mesma coisa. Eu acompanhava tão intensamente a sua vida que muitas vezes confundia em mim a sua pessoa, eu era elle e elle era eu. Pelo menos, em retribuição, elle devia ser eu. Mas não. Agora, que eu o via evoluir livremente pela vida, como uma machina cujo segredo se ignora, é que percebi que elle não era eu nem me pertencia em coisa alguma. Oh! que vontade eu tinha de saber o que se passava em seu espirito! Mas elle falava raramente em si, não por modestia, mas porque desconhecia quasi que por com-

pleto a vida interior, e não se preocupava nem com o que fizera nem com o que ia fazer. Elle não tinha passado nem futuro, tinha só o presente. E o seu presente, commigo, só poderia ser isto: «Está chovendo, hoje, não?» «Que bife gostoso!» «O Antonio está engordando». «Me passa o arroz». Quanto não daria eu para penetrar naquella alma que me parecera tão translúcida! Translúcida ella era, mas como o gelo... que é duro, liso e frio. Ninguém consegue penetrar no gelo sem o quebrar, ninguém nelle encontra ponto de apoio, ninguém delle se approxima sem lhe sentir a falta de temperatura. Meu Deus, como eu sentia falta em meu filho!

Uma ideia, logo recalçada, me passou pelo célebro: «Aquelle não podia ser meu filho». Reprimi a ideia absurda, é verdade, mas nem por isso ella me abandonou. Meu espirito sempre foi o campo aberto onde as ideias-bruxas dansaram á vontade o seu sabbat. Surpreendi-me, inconscientemente, analysando e comparando retratos meus com os delle, espreitando seus gestos, seu modo de falar, seus gracejos, o ar de permanente satisfação com que recebia a vida...

Não. Aquelle não podia ser meu filho.

A ideia não era tão absurda assim. Passei a rememorar factos, a reunir reminiscencias. Minha mulher... tudo é possível; quem neste mundo poderá afirmar categoricamente que nunca foi traído pela esposa? Lembrei-me do olhar incompreensível com que ella me censurara, quando puz a caminha no meu quarto para que elle passasse a dormir commigo. Não, não fôra de censura o olhar. Fôra de ironia, de commiserção. Ella pensara: «Tanto carinho por um filho que não é teu!» E depois, aquelle outro olhar, quando elle fizera dezoito annos. Contemplando o filho, naturalmente ella procurara rever nelle os traços do amante. Quando se virara para mim, contrahira toda a physionomia, julgando talvez que eu lhe havia surpreendido os pensamentos.

Não, não era possível que de mim tivesse saído a semente daquelle homem. Si elle fosse meu filho não teria aprendido toda a philosophia pratica da vida que eu lhe havia ensinado. Si aprendera, é porque ella tinha vindo ao encontro do seu temperamento. E o seu temperamento era o de um gozador. Era o temperamento do pae, algum vulgar conquistador de mulheres casadas. Todos nós já nascemos o que somos. A educação nada ou quasi nada faz contra a hereditariedade. E onde estava eu, dentro daquelle homem?

Em nem um lugar. Elle era indifferente, frio, não passava de egoismo na-

tural o que eu considerava tanto tempo como fructo da educação que lhe dera: eu sempre fui sensível, preocupado com os outros, perturbado pela approximação das personalidades alheias, tentando entendel-as, explical-as, amal-as; elle não tinha memoria nem imaginação, sua vida se limitava ao aproveitamento intenso do presente: eu sempre fôra um doente de saudade e de esperança, uma creatura que vivera a cubiçar miragens do futuro e a mastigar ásperos detricitos do passado; elle não amava ninguém, nem eu, nem a mãe, nem os irmãos: eu passara a vida amando um filho que não era meu; elle não distinguia o bem do mal, agia sempre em busca de qualquer satisfação propria: eu conhecia o mal e o remorso do mal, o bem e a nostalgia do bem, e quando errava era sempre por pensar demais na ventura alheia; elle era bello: eu era feio; elle, forte: eu, fraco; elle, feliz: eu...

Mas, numa tarde em que, por acaso, nos encontramos á beira da praia, puzemo-nos a conversar. Ha tanto tempo que isso não acontecia! Elle falou de mil coisas sem importancia, e eu respondi por monosyllabos. Elle olhava o mar, as nuvens, a tarde que caia, as tonalidades morrentes dos ultimos raios do sol, e eu espreitava em seu rosto toda a minha ausencia. De repente, sem que nem um de nós dissesse qualquer palavra amarga ou triste, elle começou a chorar. Nunca, nem mesmo quando creança, eu o tinha visto chorar assim. Seria por causa de alguma mulher? Teria elle praticado algum crime? Precitaria de dinheiro? Alguem o tinha offendido? Estaria doente?

A todas essas perguntas elle respondeu negativamente. Não era mesmo possível que o motivo fosse algum desses, porque contra tudo isso elle estava preparado e prevenido. Que seria, então?

Perplexo, continuei a examinar o seu rosto. Tive vontade de lhe dizer alguma coisa, de o acariciar até. Mas a ideia de que elle me acharia ridiculo conteve-me a tempo. O seu rosto... como elle se parecia commigo, chorando! O mesmo modo de enxugar as lagrimas com a ponta do mindinho, o mesmo geito deselegante de assoar o nariz, o mesmo franzir grotesco do cenho! Si elle não se parecia commigo, quando feliz, é porque eu nunca fôra feliz. Agora, que chorava...

Uma elegria enorme nasceu e foi crescendo dentro de mim, uma alegria que de tão sonora já não era mais alegria, era felicidade... Como eu o reconhecia! Aquelle não se parecia em nada com o filho que eu sonhara durante tantos annos, com o filho que me saberia vingar. Mas, em compensação, como se parecia commigo! Compreendi, adivinhei quasi, que elle não chorava nem por amor, nem de remorso, nem porque estivesse soffrendo: chorava porque existia, porque sentia desejos imprecisos dentro de si, talvez porque não tivesse motivo algum de infelicidade ou porque fossem bellos demais os ephemeros e inattingiveis jogos-de-luz crepusculares...

Como era meu, bem meu, aquelle meu filho!

MIROEL SILVEIRA.

FRANK H. TYLER

PROFESSOR DE INGLEZ

Av. Paulo de Frontin, 358

— Trata-se depois das 20 hs. —

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, a fim de que esta secção seja a mais injor-mativa possível.

- José Lins do Rego — PEDRA BONITA — Romance — Livraria José Olympio Editora — Rio.
- Gilberto Freyre — CASA GRANDE & SENZALA — 3.^a edição — Schmidt Editor — Rio.
- Sylvio Rodrigues — ...E A PEÇA CONTINUA — Schmidt Editor — Rio.
- Othon Costa — MACHADO DE ASSIS, EPILEPTICO — Rio de Janeiro.
- Sampaio Junior — RELAMPAGOS — Versos — S. Paulo.
- Graciliano Ramos — VIDAS SECCAS — Romance — Liv. José Olympio Editora — Rio.
- Graciliano Ramos — SÃO BERNARDO — Romance — 2.^a edição — Livraria José Olympio Editora — Rio.
- Viriato Correia — A MARQUEZA DE SANTOS — comedia — Editora A. B. C. — Rio.
- Castilhos Goycochêa — GUERRA DOS FARRAPOS — Rio de Janeiro.
- Gratia — ENCABULAMENTO E TIMIDEZ — Trad. de Nelson Romero — Livraria José Olympio Editora — Rio.
- Carlos Chiacchio — INFANCIA — Poesia — Edições da Ala das Letras e das Artes — Bahia.
- Carlos Alberto Nunes — OS BRBSILEIDAS — Poema — São Paulo.
- Barros Ferreira — MARIA DOS TOJOS — Editora Educação Nacional — Lisboa.
- Fidelino de Figueiredo — DEPOIS DE EÇA DE QUEIROZ... — Perspectiva da Litteratura Portuguesa Novecentista — Saraiva & Cia. — São Paulo.
- Nuno Simões — NOTAS SOBRE A EVOLUÇÃO DAS RELAÇÕES COMMERCIAES ENTRE PORTUGAL E A FRANÇA DESDE OS FINS DO SEculo XVIII — Lisboa — 1937.
- Dra. Lily Lages — NOVOS RUMOS DA OTO-RINO LARYNGOLOGIA — Livraria José Olympio Editora — Rio.
- BOLETIM DA UNIAO PANAMERICANA — Washington — Números de Janeiro, Fevereiro, Março e Abril de 1938.
- REVISTA DA FACULDADE DE DIREITO DE SÃO PAULO — Setembro-Dezembro de 1937 — São Paulo.

Graciliano Ramos — *Vidas seccas* — Livraria José Olympio Editora — Rio.

O sr. Graciliano Ramos é dos que melhor enxergam o que vae pelas pequenas almas do Brasil. Approxima-se das suas personagens com um tacto, uma subtilidade meio ironica de inquisidor, e arranca-lhes todas as confissões. *Cahetés*, *S. Bernardo* (de que acaba de sahir a segunda edição), *Angustia* e *Vidas seccas* estão já agora incorporados ao que de mais bello produziu o romance nacional. O sr. Graciliano pensa os seus livros, sente-os e — o que não vale menos — escreve-os, no sentido de escrevel-os com uma arte litteraria que não tivemos superior depois de Machado de Assis.

Ulysses Petit de Murat — *Marea de lagrimas* — Editorial Destiempo — Buenos Aires.

O autor deste formoso livro de poematos é um mystico perdido numa grande cidade. Quer divertir-se, quer beber, quer acotovelar as lindas mulheres, e — não sabe como — entram a resoar-lhe na memoria os versos de San Juan de la Cruz. O que escreve é uma especie de «cântico espiritual» para os amigos mortos, as amigas mortas, para a vida que lhe vae morrendo aos poucos. Esse homem que pensa tanto nos anjos e nos demonios de William Blake e nos sonhos de opiophago de Thomas de Quincey, mesmo ao ouvir um vulgarissimo «banjista negro», — esse homem manda-nos das margens do Prata um volume em cujos subentendidos se reconhecerão os ultimos romanticos do Brasil. Para empregar uma sua propria expressão, é elle dos que ouviram «el oscuro ritmo maravilloso de Dios».

Algumas opiniões criticas sobre

A AMAZONIA QUE EU VI

diario de viagem de Gastão Cruls
que acaba de apparecer em 2.^a edição, na «Collecção Brasileira», da Companhia Editora Nacional de S. Paulo.

Isto é mais do que a Amazonia que Gastão Cruls viu; é a Amazonia que elle nos faz vêr, de uma maneira deliciosa, pelo milagre de um bom gosto apurado, sem tropos nem lentejoulas.

ROQUETTE PINTO

(Do Prefacio)

O que dá um grande valôr á obra de Gastão Cruls é a universal curiosidade do autor. Ha viajantes que vêm scenas novas só pelo prazer de as reproduzir, de tentar descrevel-as. O que os interessa são os panoramas. Mas Gastão Cruls, medico e homem de letras, preocupado tambem com questões scientificas, tem uma curiosidade illimitada e insaciavel.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

(Jornal do Commercio, 27-4-30)

...o Sr. Cruls, evitando as fantasmagorias romanticas, a atmospheria de espantos e os esbanjamentos de luz peculiares aos amazonistas de contrafacção, enriquece-nos com dezenas de detalhes interessantes, que nos transmite com finura, num livre sempre legivel, que li com prazer e estou certo de que os meus leitores lerão com prazer não menor.

AGRIPPINO GRIECO.

(O Jornal, 27-4-30)

Escriptor elegante e singelo, o Sr. Gastão Cruls é um desses espiritos que sabem dirigir a sua penna e regular a sua emoção.

Viajando embora por fantasia, sentiu, no momento, a sua responsabilidade de historiador. Dahi a superioridade deste ultimo livro como subsidio historico, e a sua inferioridade, relativamente ao outro, como litteratura.

HUMBERTO DE CAMPOS.

(Correio da Manhã, 17-5-30)

Livros desta natureza convencem de que, ou teremos de abandonar o nosso systema de vida, tempo consagrado exclusivamente ás obras estereis da politicagem, ou teremos que renunciar, mais cedo ou mais tarde, á aspiração de sermos um grande povo e de fazermos do Brasil uma grande republica.

PLINIO BARRETO.

(O Estado de S. Paulo, 16-8-30)

O «diario» do Sr. Gastão Cruls já agora constitue um dos bons retratos que possuímos de uma região do nosso Brasil real.

...foi optimo pretextto para que nos desse um livro muito interessante, documento fiel da nossa realidade interior, de nossa brasilidade sem véos ou arranjos, que é um serviço grande para as nossas letras e um exito seguro para o seu autor.

TRISTAO DE ATHAYDE.

(O Jornal, 29-3-31)

JOAQUIM NABUCO

13 DE MAIO

Não deixe de adquirir este mez, quando se commemora o Centenario da Abolição da Escravatura no Brasil, um ou todos os volumes das «Obras Completas de Joaquim Nabuco», que a Civilização Brasileira S. A. vem editando e acaba de lançar no mercado brasileiro.

O grande escriptor brasileiro, uma das grandes vozes — e talvez a mais pura — que se levantaram pela defeza da abolição, merece ser recordado nesta hora de rememoração civica.

Leia as obras do grande pensador e estylista brasileiro:

UM ESTADISTA DO IMPERIO

O grande livro em que Nabuco estuda toda a vida social e politica do Imperio, traçando a biographia do seu pae, o conselheiro Nabuco de Araujo. E' todo o panorama do Brasil Imperial, agitando-se as figuras de relevo na politica, na litteratura, como todos os sectores da vida nacional daquella época. A vida de um brasileiro illustre contada por seu filho — um dos maiores brasileiros.

Broch. (2 grandes vols.) 50\$000.

Encad. (2 grandes vols.) 80\$000.

MINHA FORMAÇÃO

A obra prima, o grande livro de emoção e de pensamento, que nos legou a pena de Nabuco. Encontra-se em suas paginas o famoso trecho em que elle recorda a sua infancia passada no Engenho de Massangana.

Brochura 8\$000.

Encad. simples 15\$000.

Encad. de luxo 18\$000.

PENSAMENTOS SOLTOS

A primeira traducção da famosa obra de Nabuco, publicada inicialmente em francez sob o titulo «Pensées Détachées». Traducção, feita especialmente para a Civilização Brasileira S. A., pela propria filha de Nabuco, a escriptora Carolina Nabuco.

Brochura 10\$000.

BALMACEDA

Um dos livros mais procurados do grande pensador brasileiro. Exgottado ha muitos annos, a iniciativa da Civilização Brasileira S. A. foi a realização de um velho desejo de todo o publico da nossa terra.

Brochura 7\$000.

Em todas as livrarias e na LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

RUA SETE DE SETEMBRO, 162 — RIO DE JANEIRO

Livros sobre o negro brasileiro publicados pela COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Os Africanos no Brasil *de Nina Rodrigues*

Foi a publicação da grande obra de Nina Rodrigues um dos pontos de partida desse verdadeiro centro de interesse em que se transformou o estado do negro brasileiro.

Editando, na «Brasiliense», ha alguns annos, o precioso trabalho do eminente sabio bahiano, a Editora Nacional abriu, á cultura brasileira, as largas perspectivas de um campo que vinha sendo deixado ao abandono.

Neste momento em que todo o paiz commemora o Centenario da Abolição da Escravatura, mais avulta a importancia deste livro, reunião de estudos minuciosos sobre a grande raça oprimida.

Professor de Medicina Legal na Faculdade de Medicina da Bahia, Nina Rodrigues desde cedo começou a se preocupar com o documentario negro que constantemente lhe chegava ás mãos. Foram se succedendo os seus estudos, grande parte deles publicados na Europa.

Reunindo esses estudos, que permaneciam ineditos em nosso paiz, e muitos outros que Nina Rodrigues não chegou a publicar «OS AFRICANOS NO BRASIL» se tornou um momento definitivo.

Esses estudos foram postos a lume graças aos esforços de Homero Pires, que lhes apoz um prefacio explicativo e cuidade revisão.

Capitulos:

Procedencia africana dos negros brasileiros— Os negros Mahometanos no Brasil — As sublevações dos negros no Brasil — Os ultimos africanos — Sobrevivencia africana — Sobrevivencias totemicas — Sobrevivencias religiosas — Valor social das raças e povos negros que glorificam o Paiz — A sobrevivencia psichica na criminalidade dos negros.

Vol. broch: 10\$000

A escravidão africana no Brasil *de Evaristo de Moraes*

E a historia completa da escravidão em nosso paiz. Aquillo cujo centenario agora se commemora tem, neste livro, a explicação de suas origens, o retrato de sua fisionomia.

Aqui estão as lutas travadas nos diversos paizes estrangeiros onde a abolição apaixonava os homens. E o retrato dos abolicionistas, a acção do throno na ex-

tição da escravatura, e quaes as causas que impediriam a revogação posterior do decreto.

Evaristo de Moraes apresenta, neste livro basico, um estudo completo e documentado sobre a escravatura no Brasil.

Vol. Brochado: 6\$000

A influencia africana no portuguez do Brasil *de Renato Mendonça*

Depois de tantos trabalhos já publicados sobre a influencia africana no Brasil o Snr. Renato Mendonça conseguiu dar-nos um livro que representa alguma coisa de novo na literatura brasileira sobre a materia. A novidade deste livro, solido e documentado, não está apenas no espirito de systematização, que permittiu ao autor reunir e coordenar um grande numero de dados, detalhes e observações dispersas sobre assumptos de tanta importancia, para o conhecimento da evolução e das transformações da lingua portugueza no Brasil. Alem de ser uma vista synthetica e geral da questão, tantas vezes tratada por outros autores, esta obra traz ainda, — e isto é o seu maior valor, — uma contribuição original, resultante de investigação paciente e escrupulosa, com que ampliou e enriqueceu o campo desses estudos.

Vol. broch: 10\$000

As doenças africanas no Brasil

Nesse livro o autor estuda, com abundancia de dados colhidos em pacientes investigações clinicas e hospitalares, as diversas doenças de importação africana, e as que, de origem europeia, se alastram entre os negros, as suas causas, as suas condições favoraveis á sua eclosão, seu tratamento empirico, em que se infiltravam superstições de toda ordem, bem como a sua terminologia popular e pittoresca. Contribuição preciosa para o estudo do maior dos elementos que entraram na composição ethnica do povo brasileiro.

Vol. broch: 8\$000

Mythos africanos no Brasil *de Souza Carneiro*

A variedade e a abundancia de material documentario, sobre os mythos africanos no Brasil, fazem deste livro de Souza Carneiro uma exposição agradável, ás vezes colorida, mas de grande utilidade para as pesquisas nessa ordem de estudos.

Vol. broch: 13\$000

EDIÇÕES DA
COMPANHIA EDITORA NACIONAL

— SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE — BAHIA — PORTO ALEGRE —

O Centenario da Abolição e o problema do negro no Brasil

Commemora-se, este mez, o 1º centenario da Abolição da Escravatura em nosso paiz, e o grande acontecimento mobiliza o interesse nacional, pela evocação dos nomes maiores e das mais significativas fazes desse grande momento historico, em que alguns milhões de creaturas vivas eram restituídas á condição humana.

Fazia-se necessario tambem, ao lado do entusiasmo e da admiração pelos que se bateram pela grande causa social dos negros — e entre elles avultam Nabuco, Castro Alves e Patrocínio — o estudo, a pesquisa, o conhecimento do negro, em sua significação humana, total.

Foi este o motivo desse rico interesse pelos estudos de africanologia, em sua total excepção, hoje intenso em todos os centros de estudo do paiz.

A *Civilização Brasileira S. A.*, precursora dessas iniciativas editoriaes no paiz, colabórá nas comemorações que se realizam em todo o paiz apresentando os livros que editou relativos ao negro brasileiro:

BIBLIOTECA DE DIVULGAÇÃO CIENTIFICA

(Livros relativos a africanologia)

Vol. I — O NEGRO BRASILEIRO — *Arthur Ramos.*

Livro basico em que vêm ertudadas as multiplas questões que interessam ao negro no Brasil.

Vol. broch. 10\$000

Vol. II — O ANIMISMO FETICHISTA DOS NEGROS BAHIANOS — *Nina Rodrigues.*

O iniciador dos estudos negros em nossa terra, grande figura da cultura brasileira do seculo passado, tem, neste livro, uma das mais preciosas contribuições.

Vol. broch. 8\$

Vol. IV — O FOLK-LORE NEGRO DO BRASIL — *Arthur Ramos.*

O illustre africanologista brasileiro estuda, neste livro, mais um angulo do palpitante assunto: o negro como elemento de folclore.

Vol. broch. 10\$000

Vol. VII — RELIGIÕES NEGRAS — *Edison Carneira.*

Um estudo do mais vivo interesse, escripto por um dos novos e acreditados valores da cultura nacional.

Vol. broch. 7\$

Vol. IX — NOVOS ESTUDOS AFRO-BRASILEIRO — *Gilberto Freyre e outros.*

Reunião de novos documentos e importantes contribuições, de caracter literario e científico, levado ao 1º Congresso Brasileiro do Negro, reunido em Recife.

Vol. broch: 12\$

Vol. XII — AS CULTURAS NEGROS DO NOVO MUNDO — *Arthur Ramos.*

Um livro de grande erudição, onde Arthur Ramos fixa a sua maior contribuição ao estudo do problema do negro em toda a America. Uma obra de grande interesse cultural.

Vol. broch: 13\$000

Vol. XIII — XANGÓS DO NORDESTE — *Gonçalves Fernandes.*

Mais um livro sobre africanologia, e estudando um dos seus aspectos fundamentaes, e mais interessantes.

Vol. XIV — NEGROS BANTUS — *Edison Carneiro.*

É um ameno documentario, onde o autor reúne valiosas notas sobre ethnografia religiosa e folclore.

Vol. broch: 7\$

Vol. XV — COSTUMES AFRICANOS NO BRASIL — *Manuel Querino.*

Ensaio e estudos sobre ethnografia religiosa, folclore, e tradições sociaes do negro do Brasil.

Vol. broch: 12\$000

ARTHUR RAMOS

Tendo entregue a direção da Biblioteca de Divulgação Cientifica ao Prof. Arthur Ramos, que está realizando essa grande obra de reunir novamente o interesse cultural do paiz em torno ás questões e aos problemas do negro no Brasil, poude a *Civilização Brasileira* reunir tão farto material de estudo e tão ricas fontes que agora oferece ao publico do paiz. As contribuições pessoaes do illustre africanologista, que tão vivo interesse têm despertado em nosso paiz e no estrangeiro, são completadas pelos estudos de outros autores. O conjunto de livros até agora editados forma uma pequena biblioteca do maior valôr e rara significação cultural.

EDIÇÕES DA **CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.**

RUA 7 DE SETEMBRO, 162 — RIO DE JANEIRO

Collecção "BRASILIANA"

Ultimas publicações na grande bibliotheca de cultura
editada pela COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Tratado descriptivo do Brasil em 1587 - Vol. 117

Gabriel Soares de Souza

O «Tratado descriptivo», de Gabriel Soares de Souza é de certo, uma das obras basicas da nossa cultura. Pode-se dizer dele que é o roteiro de um viajante de olhos abertos sobre o Brasil. Tudo ele viu e anotou e contou com um estilo de uma graça pitoresca que faz da leitura deste livro uma diversão amena. Gabriel Soares de Souza, colono do reino de Portugal em terra do Brasil, pretendeu escrever um panorama completo do que se poderia chamar a «realidade brasileira» daquele tempo. A tudo ele prestou atenção: o seu tratado é, desta forma, absolutamente indispensavel a quem quer que deseje uma impressão, uma nota, um detalhe da nossa vida nos primeiros annos do seculo XVI. Lingua, mineralogia, geografia, etnografia, botanica e historia natural, alimentação, medicina, arqueologia, usos e costumes, organização social e administrativa, tudo foi anotado.

O «Tratado descriptivo do Brasil em 1587» é preferido e anotado por Varnhagem. E todos sabem quanta dedicação animou o trabalho minucioso de Varnhagem, que viajou quasi toda a Europa num esforço minucioso de pesquisa e erudição. Livro essencial, talvez o livro mais significativo do Brasil, em todos os tempos, este que a «Brasiliana» agora oferece ao publico brasileiro.

Broch: 15\$000

Atravez da Bahia — Vol. 118

Von Spix e Von Martius

Ficamos devendo a Martius, o botanico eminente, um dos mais serios livros referentes ao Brasil do seculo passado. As impressões que o famoso sabio recolheu em sua obra «Reise in Brasilien» atestam o seu amor pela nossa terra e a agudeza da sua observação.

Viajando longamente, de 1817 a 1820, cruzou quasi todo o paiz, procurando comprehender-nos e estudando os materiaes que o seu olhar ia descobrindo. Agora, neste livro, «Viagem á Bahia», lança a «Brasiliana» a parte referente ás viagens que emprehendeu pela terra bahiana. E apenas uma parte das suas viagens pelo Brasil, mas talvez a mais interessante e uma das menos conhecidas do nosso publico por isso que não traduzidas ainda para nenhuma lingua latina. Tradução do Dr. Pirajá da Silva

broch: 10\$000

A instrução e o Imperio — Vol. 121

Primitivo Moacyr

A obra do Dr. Primitivo Moacyr é das mais vastas e completas que já se tem feito, em nosso paiz, no sentido de reunir dados para uma futura historia da educação no Brasil.

O plano é vasto e vem sendo cumprido com uma bravura digna de nota. Agora é o 3º volume que surge, e nele estão relacionados todos os atos, decretos, medidas governamentais, avisos, concursos, debates e discussões efetuadas no Brasil, em materia

educacional, de 1854 a 1889. Os atos relativos aos primeiros periodos do imperio já foram relacionados nos volumes anteriores. Este completa a obra, fecha o cyclo.

Ficam agora, os historiadores da educação brasileira, armados do material necessario para um trabalho de critica e discussão theorica. A colheita do material está feita, e terminada, e com que riqueza, com que zelo, com que paciencia meticulosa!

broch: 25\$000

A liberdade de navegação do Amazonas

Vol. 122

Fernando Saboia de Medeiros

Eis um trabalho de interpretação historica, de profundo interesse para todos os estudiosos brasileiros, inclusive e especialmente para os estudiosos de direito internacional.

O autor estuda desde a evolução do regime juridico dos rios internacionaes até, o panorama das nossas relações entre o Imperio e os Estados Unidos da America do Norte.

Estamos em uma hora de fertil pan-americanismo. Todos os problemas passíveis de solução, em nossa America, estão reclamando a atenta meditação dos homens de responsabilidade publica e o interesse de todos os conscientes.

O Dr. Fernando Saboia de Medeiros projecta uma luz vivissima sobre uma das faces mais importantes da nossa vida economica, qual seja a relativa á navegação do Amazonas, e sobre um problema de importancia historica e internacional inconfundivel.

broch: 9\$000

O Marquez de Olinda e o seu tempo

Luiz da Camara Cascudo

Na agitada fisionomia politica do Imperio, a figura de Araujo Lima, o Marquez de Olinda, avulta como a de um ser profundamente ligado ao Brasil. Não é um imitador de modas europeas, não é um figurinista de faceis vãos. Tem a força e a dignidade de uma arvore de raizes fundamente mergulhadas na terra, é «duro, serio, pesado e sincero» como diz Luiz da Camara Cascudo.

O eminente historiador brasileiro, autor illustre de tantas paginas definitivas em nossa literatura historica, tem nesta obra, o seu livro mais largo. Luiz da Camara Cascudo fez não apenas o retrato do Marquez de Olinda, mas tambem focalizou com aguda visão o ambiente, o meio, as intrigas politicas, a atividade dos estadistas entre os quais se moveu Olinda.

É um livro panoramico. O historiador acompanha o seu biografado a todos os sentimentos, e, aqui ou na Europa, nunca abandona-o á sua propria vida. Este é um livro de um grande valor historico e de inapreciaveis dons literarios, retrato de uma grande vida, panorama de uma epoca batida pelo calor de um povo que se iniciava na liberdade e na independencia.

Broch: 12\$000

EDIÇÕES DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo

— Rio de Janeiro

— Recife

— Bahia

— Porto Alegre

O mais completo Livro de Cosinha



EXMAS. SNRAS.

Ampliae os vossos conhecimentos adquirindo este precioso livro.

Diferente de todos os outros, pela sua forma pratica em descrever os conteúdos das receitas, e a sua manipulação.

Mil trezentas e cincoenta

:: :: receitas diversas :: ::

CLARAS

SIMPLES

EFFICIENTES

Cem diversas receitas para Dieteticos e especiaes pratos nortistas

A arte de cosinhar complexa nas suas variadas formas, foi estudada por D. Maria de Lourdes Costa, professora, diplomada em arte culinaria, que desejando contribuir para engrandecer os conhecimentos das Snras. donas de casa neste «metier», apresenta o livro de cosinha de sua autoria contendo 1354 receitas diversas, experimentadas, para a manipulação do seguinte:

Hors d'oeuvres	Ovos	Bolos
Canapés	Legumes	Tortas
Sandwiches	Massas	Pudings
Mólhos	Licores	Molhos para pudings
Sopas		Cremes
	Refrescos	Molhos para cremes
	Sundays	
Peixes	Sorvetes	Docinhos diversos
Mariscos	Aperitivos	Brôas
Crustaceos	Cooktails	Pães
	Punches	Pãezinhos
	Toddys	Bolachas
	Egg-Noggs	Rosquinhas
	Fizzes	Etc. Etc. Etc.

ARTE DE CONFEITAR

Sobre este importante trabalho encontra-se no livro A ARTE DE COSINHAR, além das necessarias explicações, diversos desenhos das machinas e ferros para este fim, e suas applicações.

Sobre este util ensinamento que quasi todas as professoras de arte culinaria fazem «grande segredo profissional», D. Maria de Lourdes Costa, descreve em seu livro A ARTE DE COSINHAR, o mais perfeito METHODO DE CONFEITAR, podendo qualquer pessoa em sua casa, fazer doces, biscoitos, etc., saborosos e lindos, iguaes aos das confeitarias de primeira ordem.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

Volume cartonado 14\$000

PEDIDOS A'

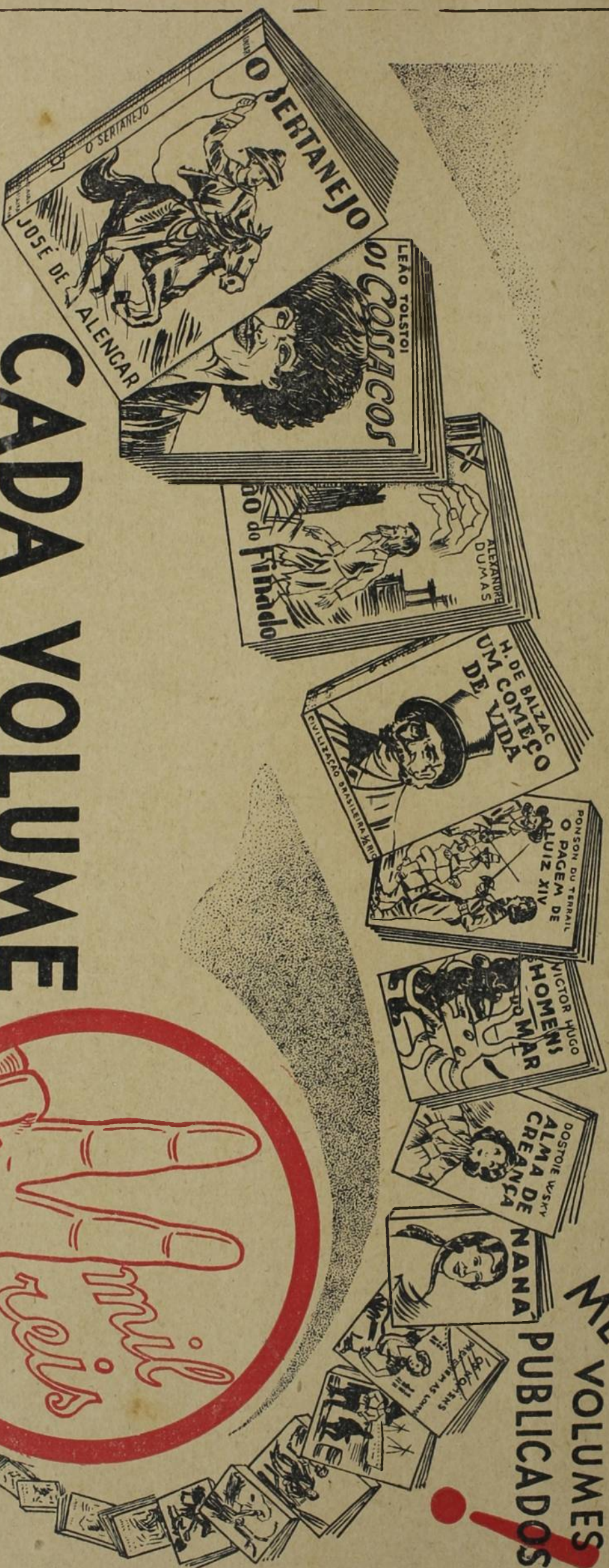
CIVILIZAÇÃO BRAZILEIRA S/A

Rua Sete de Setembro n.º 162 — Rio de Janeiro

COLLEÇÃO "SIF"

MEIO MILHÃO
DE
VOLUMES

PUBLICADOS



CADA VOLUME



FANTASIE

EM TODAS AS LIVRARIAS E NA
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - RUA 7 DE SETEMBRO 162 - RIO